«ORFEU E OS CAMINHOS DE FERRO» por JOÃO MEDINA (Página central)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 1968 N.º 16 476 ANO 48.º UM ESCUDO

PHILIPS TRIUNFO DA TÉCNICA

VEJA AS NOVIDADES DA SÉRIE

TRIUNFO DA TÉCNICA

NOS AGENTES

PHILIPS

Solução pacífica para o Vietnam antes das eleições

— admite XUAN THUY

PARIS, 31 — (A. N. I.) — O principal negociador de Hanói nas conversações de paz de Paris, Xuan Thuy, declarou ontem á noite que ainda é possível a solução pacífica da guerra do Vietnam antes das eleições presidenciais norte-americanas, a 5 de Novembro.

«Estou firmemente convencido de que o presidente Johnson, no caso de querer uma solução pacífica do conflito, ainda tem oportunidade de a conseguir antes das eleições» — foram as suas palavras.

Acrescentou que esperava que os Estados Unidos respondessem se estariam dispostos a ordenar a suspensão total dos bombardeamentos do Vietnam do Norte e que estava pronto a iniciar «o debate de outros assuntos logo que os bombardeamentos acabassem.»

Por outro lado, nos círculos diplomáticos afirma-se que basta limar algumas arestas para que as presentes «conversações oficias» passem a verdadeiras conversações de paz.

O negociador de Hanói mostrou-se convencido de que Washington pode fazer com que Saigão aprove o que julgar melhor:

«Foi o sr. Johnson que estabeleceu em Saigão as presentes autoridades — disse Thuy — e é evidente que pode retirá-las logo que queira».

A Acção Católica e a sociedade portuguesa

«A Acção Católica deve estimular e ajudar os seus militantes a comprometer-se no trabalho da construção do Mundo, sobretudo da sociedade portuguesa, segundo as exigências cristãs» — dizem os «Princípios de Revisão» submetidos á Conferência Episcopal Metropolitana.

(Ler na pág. 2)

O candidato democrático á presidência dos E. U. A., Hubert Humphrey, durante uma reunião eleitoral em Akron (Ohio). Um elemento dos serviços de candidatura do actual vice-presidente anunciou que Humphrey está perto de conseguir os 270 votos do colégio eleitoral que asseguram a vitória.

LUTA CONTRA O CANCRO

Em todo o País iniciou-se hoje, para durar três dias, o peditório nacional da Liga Portuguesa contra o Cancro.

Cinco mil pessoas, duas mil das quais em Lisboa, estão empenhadas nessa humanitária tarefa.

Dar vinte e cinco tostões é contribuir para diminuir os sofrimentos dos cancerosos pobres.

Está já assegurada a compra de uma das bombas de cobalto necessárias. (Ler notícia na página central).

Preso em Dublin o homem que facilitou a fuga do espião George Blake

DUBLIN (Republica da Irlanda), 31 — (R.) — A Polícia desta cidade prendeu hoje o irlandês Sean Bourke que veio na semana passada de Moscovo e deu uma entrevista em que afirmou ter ajudado o espião George Blake a fugir de uma prisão britanica, há dois anos.

A Polícia foi prender Bourke ao hotel desta cidade onde se encontrava hospedado e deverá apresentá-lo ainda hoje perante um tribunal, o qual poderá autorizar a sua extradição para a Grã-Bretanha. Entretanto, em Londres, o Ministério do Interior recusou-se a revelar se o pedido de extradição foi passado contra Bourke devido á fuga de Blake ou por qualquer outro motivo.

Bourke relatou pormenorizadamente na semana passada a forma como ajudou a fugir George Blake, o qual cumpria 42 anos de prisão por ter passado segredos aos russos.

Ao chegar ao aeroporto desta cidade vindo de Moscovo, Bourke disse ter confiança na Polícia irlandesa pelo que não receava ser extraditado para Londres.

O espião Blake, que trabalhava no Foreign Office foi condenado em 1961 conseguindo fugir da prisão em Outubro de 1966 e alcançar Moscovo.

CONSELHO DE MINISTROS

Sob a presidência do sr. prof. dr. Marcelo Caetano, reuniu-se hoje de tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de ministros, em prosseguimento dos trabalhos iniciados na passada terça-feira, que foram interrompidos devido ao adiantado da hora.

HOJE 32 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

A ACÇÃO CATÓLICA IMPLICADA NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA

— PROPÓSITO (ENTRE OUTROS) DOS «PRINCÍPIOS DE REVISÃO» APRESENTADOS AOS BISPOS

Foram submetidos á Conferência Episcopal Metropolitana os «Princípios para Revisão das Bases da Acção Católica Portuguesa» (documentos I e II), segundo se lê no ultimo numero do boletim deste movimento, referente a Agosto-Outubro. Neles está consignado, nomeadamente, que «os movimentos que são a A. C. devem estimular e ajudar os seus militantes a comprometer-se no trabalho da construção do mundo, sobretudo da sociedade portuguesa, segundo as exigências cristãs.»

O documento I dos «Princípios de Revisão» começa por deixar expresso que «o fim imediato da Acção Católica é o fim apostólico da Igreja: os leigos devem realizá-lo, de modo organizado, em todos os aspectos, pela forma que lhes é própria, cooperando com a hierarquia no apostolado da Igreja.» Este apostolado, visto da perspectiva da A. C., implica:

— «descobrir os sinais dos tempos e os apelos de Deus presentes na vida concreta dos indivíduos e da sociedade»;

— «formular, á luz do evangelho e do magistério da Igreja, um juizo sobre o valor e significado das realidades descobertas»;

— «desenvolver uma acção dinamica, pessoal e de grupo, pela palavra e pela actuação, que seja um testemunho do evangelho, resposta cristã a todos os problemas do homem, de modo a imbuir de espirito cristão as diversas comunidades e meios.»

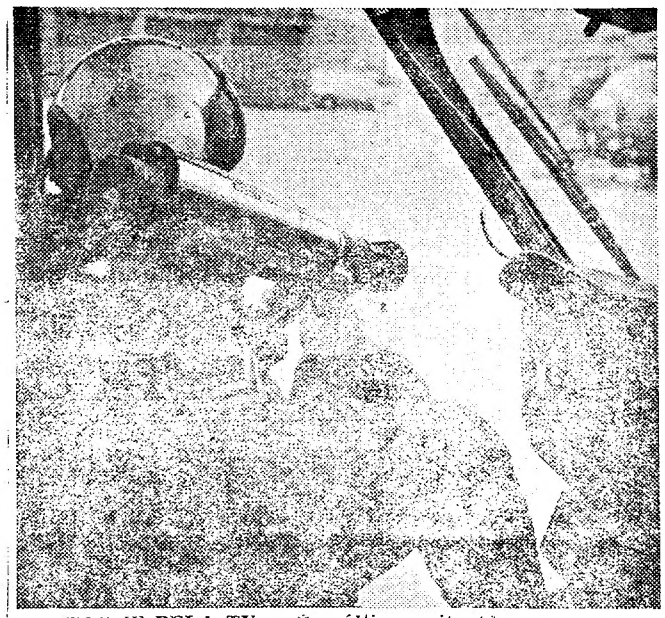
Entretanto, dizem os mesmos «Princípios» na sequência deste propósito, «as opções concretas, designadamente em matéria temporal, tomadas a título pessoal pelos filiados e dirigentes, não comprometem a A. C.», embora o movimento, «ao despertar e animar os seus membros em ordem a uma actuação no temporal», contraia perante eles «uma obrigação moral de lhes prestar conveniente apoio nessa actuação e suas consequências.»

Os dois documentos agora presentes á Conferência Episcopal Metropolitana — que se pronunciará oportunamente sobre a matéria versada — foram elaborados em reuniões do Conselho Plenário da Junta Central da A. C. (18-19 de Maio e 20-21 de Julho deste ano).

«Conveniente circulação da Informação»

O articulado dos documentos tem, naturalmente, muito que ver com as relações entre a Acção Católica Portuguesa e a hierarquia, admitindo por exemplo a «correcção fraterna» sempre que esta ultima «julgue que a A. C. não está a ser fiel á sua missão». Em anexo vem referido o problema do sancionamento da eleição dos corpos gerentes da A. C. pela hierarquia, sobre o qual não foi possível tomar uma decisão unanime.

Um dos artigos, sobremaneira significativo, sublinha que «é necessário respeitar os princípios da vida associativa, tal como se têm aperfeiçoado nas sociedades modernas», e lembra como uma das condições para essa política de respeito a «conveniente circulação da Informação a todos os níveis.»



ATAQUE PELA TV — É o último grito (de guerra) nas paragens de Sua Majestade Britânica: uma câmara de TV equipada com «gatilho», alça telescópica e «zoom», para filmar imagens da zona de combate que aparecerão no «écran» dos postos de comando. O mesmo fabricante está a fazer experiências com uma câmara especial para filmagens nocturnas

QUARTA JORNADA DE PRODUTIVIDADE EM SETÚBAL

Vai efectuar-se no próximo dia 6, em Setubal, a Quarta Jornada de Produtividade. Integra-se esta realização num programa que a Corporação da Indústria se propôs desenvolver junto dos meios afectos á Indústria e que visa a sensibilizá-los e dinamizá-los no sentido de uma efectiva aplicação das técnicas resultantes da exploração, cada vez mais profunda, do conceito de produtividade.

A jornada realizar-se-á na Escola Industrial e Comercial de Setubal. Tem a participação dos grémios e sindicatos do distrito e será orientada pelo sr. dr. Augusto de Sá Viana Rebello, presidente da Corporação da Indústria.

Serão tratados três temas: «A função pessoal nas empresas», «Organização e Produtividade na empresa» e «Formação na empresa» a cargo, respectivamente, dos srs. drs. José Geraldes Barba, António Rodrigues Malta e eng.º Luís Moura Vicente.

Sobre cada um dos temas haverá um debate, aberto a todos os participantes na Jornada.

«A publicidade nos recintos desportivos» — tema de uma conferência de Luís Lagrifa incluída no ciclo do Clube dos Publicitários

Efectuou-se ontem á noite, na sede do Clube Português dos Publicitários, na Praça das Águas Livres, 7, a quarta das palestras semanais que aquela agremiação tem vindo a proporcionar aos profissionais e estudiosos portugueses de publicidade

Ontem falou Luís Lagrifa, director em Portugal da Mc-Cann Erickson. Ocupou-se de «A publicidade nos recintos desportivos».

Começou por se referir á necessidade de relação dos veículos adequados para a comunicação com o público, admitindo que, muito embora os variados meios de contacto publicitário com o comprador eventual sejam interdependentes, é indispensável a determinação do meio reconhecidamente bom condutor para propagar um produto, uma marca, em suma, uma ideia. Tendo em consideração o que estabeleceu, Lagrifa abordou a extraordinária importância que o fenómeno futebolístico assume entre nós, por ser o catalizador de multidões muito volumosas e de extractos sociais muito diversos. A propósito, referiu-se á colocação de publicidade fora dos locais clássicos de afixação propagandística nos estádios e ao seu impacto positivo.

Aludiu seguidamente, ás classes sociais abrangidas pela publicidade nos estádios de futebol. Citando números e estribando-se nos exemplos dos distritos de Coimbra e Setubal, o conferencista chegou á conclusão de que num domingo, 44 % da população de um distrito podem ser tocados pela publicidade nos campos desportivos.

Quanto á receptividade da mensagem publicitária, Luís Lagrifa teceu considerações sobre a forma subconsciente como o anúncio penetra o espectador que julga estar apenas a ver o espectáculo desportivo. Acentuou que o espectador não reage, não repudia as letras com o nome da marca propagandeada que insidiosamente se lhe instilam no cérebro. Mas, quando precisa de comprar o produto em causa, insensìvelmente escolhe a marca propagandeada, cujo nome difusamente já conhece.

Focou, depois, o problema dos custos. Reportando-se á clássica teoria dos custos por contacto, acordou no módico preço da actual publicidade nos recintos de futebol: $30 por contacto, num estádio de 60 000 espectadores, e em relação á propaganda afixada nos pontos dominantes do estádio. Por último, manifestou confiança na imaginação, criatividade e espírito inventivo das agências, para se conseguirem novos efeitos, novos espaços e nova produtividade publicitária nos estádios de média e grande lotação.

No final do interessante trabalho apresentado pelo conferencista, houve debate, em que foram discutidos numerosos aspectos relevantes concernentes á propaganda de marcas nos recintos de desporto. O palestrante esclareceu todos os pontos de vista que lhe foram apresentados.

VINCOS NAS CALÇAS
PERMANENTES
GRAÇAS A CREASET
Sensacional produto Inglês
MUITO FÁCIL DE APLICAR
Repres.: SCHROETER & ALMEIDA
Rua da Madalena, 128-2.º Telef. 86 91 09

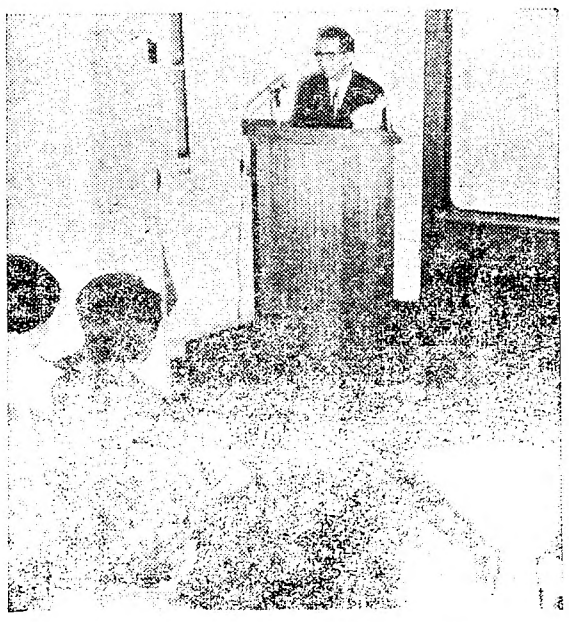
DE ONTEM PARA HOJE

A ARTE DE RODIN

Na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e integrada nas comemorações de Rodin, houve na sala ao lado das exposições, naquela espécie de claustro, com grandeza e dignidade, transformado em sala de conferências, uma exposição do prof. Artur Nobre de Gusmão. Tema: A teoria da Arte de Rodin. Lição viva de arte tem sido essa exposição, continuada que é pela dos alunos da Escola, juntando em estreito convívio o mestre dos mais altos de toda a história da Arte e os discípulos, aqueles que procuram aprender a exprimir a beleza. O prof. Artur Nobre de Gusmão traçou as linhas gerais das tendências artísticas, dominantes em França, ao findar a primeira metade do século XIX, salientando a seguir, alguns factores importantes na formação de Rodin, cuja obra viria a ser de importância capital para a renovação da escultura contemporânea. Seguidamente, o prof. Artur Nobre de Gusmão, fundamentando-se em testemunhos e depoimentos do próprio artista, passou a analisar as suas concepções de ordem estética, particularmente quanto à natureza da Arte e da Beleza e em relação à unidade da obra de Arte e sua inserção no tempo. A terminar, apontou alguns exemplos da contribuição de Rodin, para a renovação do conceito da obra de Arte, invocando testemunhos convergentes de outros artistas, tanto da sua geração, como das que lhe sucederam.

O ÓDIO É CEGO

O soldado António Rodrigues Pinto acha-se preso por crime de morte. E a vítima foi o servente José Bento Gonçalves, de 49 anos, que se achava num grupo em casa de bebidas, no sítio das Barracas do Aires, na Amadora. Ali houvera uma desordem em que o soldado havia sido atingido por forte bofetada, que o obrigou a ir receber tratamento aos bombeiros. Regressou ao local e julgou reconhecer o seu agressor, cravando uma faca nas costas do pobre servente, que nada tinha com o caso. O ódio é cego, e cego estava o soldado. E por estar cego de ódio irá responder pelo crime de homicídio.



O prof. Artur Nobre de Gusmão ao proferir, ontem á noite, a sua palestra sobre Rodin.

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA

Reuniu-se na sua sede, Rua Rosa Araujo, 12, o conselho geral da Prevenção Rodoviária Portuguesa, para apreciação do relatório e contas referentes ao exercício do ano findo e estudo do plano de actividades para o próximo ano. Presidiu á reunião o eng.º João de Korth. A direcção deu conta ao conselho geral das principais actividades em 1968. Quanto ás actividades para o próximo ano, projectam-se as seguintes: preparação de livros escolares, edição regular de um boletim informativo, serviço noticioso a fornecer aos órgãos de informação, além da campanha de cartazes, concursos publicos e outros meios de propaganda. O conselho geral apreciou e louvou a acção da direcção salientando o cuidado posto na admissão do pessoal que presta serviço na Prevenção, e aprovou, por unanimidade, os documentos em discussão.

CÂMARA CORPORATIVA

Sob a presidência do dr. Luís Supico Pinto, reuniu-se o Conselho da Presidência, a fim de apreciar o projecto de decreto-lei sobre a regularização da exploração de pedreiras.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. prof. dr Marcello Caetano, Presidente do Conselho; dr. Faria e Maia, embaixador de Portugal na Noruega; comendador Félix dos Santos Pimenta, director-secretário do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro; deputado José Vicente de Abreu; dr. João Afonso Corte-Real, coronel Mateus Cabral, António Baptista Antunes, professor Virgílio Ribeiro Reis, drs. Raul Cohen e Manuel Mendes de Almeida e eng.º José Santos Moreira, da direcção da Associação Lisbonense dos Proprietários; almirante Joaquim José Teixeira; Jaime da Cunha Viana, presidente da Amical Portuguesa e secretário-geral da Casa de Portugal em Kinshasa; eng.º Luís de Azevedo Coutinho; general Afonso Botelho, almirante Marques Esparteiro, prof. dr. Hermani Cidade e almirante Sarmento Rodrigues, respectivamente, presidente e vice-presidente da Comissão Central Administrativa, presidente do Conselho Supremo e presidente da assembleia geral da Liga dos Combatentes; José Félix Mira; e António Champalimaud..

UM RUMO PARA A EDUCAÇÃO — 4

O PROFESSOR

Pelo prof. VITORINO MAGALHÃES GODINHO

ENTRE OS ANTIGOS ROMANOS, **pedagogo** designava quer o escravo que acompanha as crianças, quer o preceptor ou mesmo o mestre, de condição servil ou pelo menos inferior. Por isso Cícero pôde escrever então: ensinar não tem dignidade. Muito mudou, sem dúvida, em vinte séculos; mas ainda hoje (bastaria lembrar o inquérito promovido pelo «Diário de Lisboa» em Fevereiro e Março), valorizar a função docente é uma das primaciais exigências de qualquer tentativa séria de transformação educacional. Todos consideram atentório da magistratura dirigir um pedido a um magistrado; mas considera-se geralmente natural recomendar um aluno a um professor. Só o professorado universitário parece ter alcançado o prestígio social; não tanto, todavia, pela missão que exerce, como por fornecer quadros à alta administração e à política, e pelas suas relações com os círculos marcantes da vida económica; caso se limite realmente ao ensino e à investigação, nem a sua situação material é invejável nem desfruta da projecção que mereceria.

Acresce que o professorado serve tanta vez de bode expiatório: não foi a ele que o Governo francês atribuiu a esclerose da Universidade e dos liceus que a crise de Maio patenteou? Se em muitos casos os professores permanecem fiéis a esquemas «napoleónicos» a verdade é que isso resulta da própria formação que lhes foi imposta e o seu peso político tem sido quase nulo para conseguirem as reformas com que sonham. Ainda há dias o reitor da Universidade do Porto se queixava, na sessão inaugural, de não se ter atendido o parecer do corpo docente quando da última reforma das Faculdades de Ciências.

ENSINO E INVESTIGAÇÃO

Não poderemos demarcar a missão do professor se não a confrontarmos com a do investigador e a do creador cultural (escritor, pintor, compositor musical, pensador, etc.). Decerto o problema é correntemente posto apenas em relação ao ensino superior, e não parece, à primeira vista, que caiba generalizá-lo. Quanto a esse, tende hoje a fazer-se a unanimidade (mau grado um Rodrigues Lapa, por exemplo, manter a sua antiga proposta de distinção): o professor universitário tem de estar treinado na pesquisa e de apresentar um currículo de investigador, a Universidade tem de ser órgão de investigação e de incutir nos seus alunos o espírito da indagação científica e de traçado de novos caminhos na arte, na literatura, na política, em todos os campos culturais e técnicos; mas não podem também a pesquisa científica e a criação cultural estar restritas á Universidade, necessitam de quadros e organizações próprias, havendo entre estas e aquela uma constante colaboração e interpenetração.

Com risco de utopia, quando menos de paradoxo gostaríamos de vincar, no entanto, que o problema não se circunscreve ao nível universitário. Desculpem-nos repisar que a cultura, no nosso tempo, não é, não pode ser simples *produto*, porque é fundamentalmente *produção;* o somatório de resultados não passa de apoio para atitudes basilares voltadas para o futuro, em busca de rumos ignotos. Reduzida ao já conseguido, embora muito bem arrumado em caixas etiquetadas no frigorífico, a cultura — a pseudocultura —, como Dubuffet sublinhou violentamente, asfixia. Por o processo educativo numa civilização em mudança, numa cultura em constante forja, é uma recriação permanente do legado disponível pelo trabalho conjunto de grupos de educandos e do educador, com vista a prosseguir no caminhar, a manter na forja ferramenta e objectos. Desde a escola primária, desde o jardim de infância — porque não? — o processo educativo vai permitindo a cada aducando modelar-se a si mesmo, ao mesmo tempo que integra activamente atitudes, orientações mentais, automatizando aquisições para, graças a tais automatismos, ascender a novos níveis de iniciativas e de inventiva libertadora. Formar o professor, qualquer que seja o grau de ensino a que se destine, é levá-lo a estar apto a um trabalho cooperativo com os seus alunos, trabalho para que não dispõe de receitas fáceis e infalíveis, é torná-lo capaz de iniciativa pedagógica e didáctica, é prepará-lo para agir como cidadão de pleno direito no auxílio da formação de novos cidadãos, é despertar-lhe o gosto por despertar os gostos dos outros e os levar a darem o máximo de si próprios, é torná-lo um catalisador em todos desse espírito crítico de indagação cientificamente conduzida, de reflexão e construção constante.

Por diferentes palavras: o espírito de pesquisa e criação tem de permear todo o ensino em todos os seus graus. Nesse sentido deve orientar-se a preparação nas escolas de magistério. Convém não esquecer que a investigação deixou de ser obra isolada de génios do pensamento; é hoje principalmente acti-

(Continua na pág. seguinte)

Nota do dia

SABER OUVIR E FALAR

NA IMPORTANTE DECLARAÇÃO que pronunciou na sessão em que foi investido — na presença de quatro membros do Governo — como presidente do Conselho Geral da Ordem dos Médicos, referiu o prof. Miller Guerra alguns grandes temas que não são meramente do restrito âmbito profissional a que directamente se reportam, pois que são de incidência e repercusso no interesse geral. Problemas profissionais, sim, mas também a visão de problemas gerais de saúde, problemas de organização e, mais que isso, de ética social.

A saúde, o ensino, as suas interdependências e as suas ligações com o quadro geral da vida que é a vida de nós todos, os custos, as carências e as duplicações, as concorrências onde seriam de desejar as convergências, a dispersão de esforços onde seria fácil e útil promover a concentração, todos esses pontos estiveram presentes no discurso do novo bastonário. Foi um programa para o próximo triénio, mas foi também uma importante análise retrospectiva rica de ensinamentos e fértil em conclusões.

Fazendo a história do que foram os dez anos de luta (preparação, desconfiança, admissão e consagração legal) que a Ordem trocou pelas «carreiras médicas», evidenciou o prof. Miller Guerra como e quanto as divergências de opinião, em vez de indesejáveis, se deverão ter na conta de saudáveis e estimulantes. «Confronto não é necessàriamente conflito». Confrontar ideias, aproximar pontos de vista diferentes, é uma forma de colaboração que deve ser estimada por quem desejar fazer obra útil.

O que é verdade para os problemas dos médicos deve ser verdade também para todos os outros problemas. Nós não estamos, desgraçadamente, preparados para isso, pois vamos para as discussões, a maior parte das vezes, não para nos esclarecermos e ouvirmos as razões dos outros, mas deliberadamente para tentar impor aquelas posições em que prèviamente nos fixámos e pelas quais insistimos tão teimosamente, delas fazendo de tal modo um verdadeiro caso pessoal, que tomamos à conta de derrota o prevalecimento do ponto de vista de outros.

Pela nossa parte, por mais de uma vez aqui se tem dito que estas verdades que procuramos poderão ser apenas meias verdades, meras sugestões e assertos oferecidos à meditação de quem lê, sem que se tenha por ofensa ou desprimor a contradita que nos seja dirigida. Da discussão nasce a luz, diz a sabedoria dos povos. Na discussão, cada um tem as suas razões e só é de estimar que todos saibam pôr as suas. Mas é preciso saber encontrar, nas razões de cada um, o que seja, afinal, a Razão de todos.

«A ESPADA DOS ARCANJOS»

por GUEDES DE AMORIM

Romancista e novelista consagrado, Guedes de Amorim havia de tornar-se o biógrafo de garra e o narrador de estranha vivacidade e sólida cultura é informação. Homem de letras, na plena acepção da palavra, o autor do «*Ninho das Águias*», nascido nos penhascos que ao Douro vão caír, foi o enternecido escritor de «*Francisco de Assis, renovador da Humanidade* e do «*Jesus passou por aqui*» e planuras da Umbria ou colinas da Terra Santa deram-lhe páginas que ficam na nossa literatura contemporanea.

GUEDES DE AMORIM

O Prémio Ricardo Malheiros assinalou-lhe o começo da carreira, devendo muitos anos volvidos receber além-Atlântico o Prémio Cervantes, Portugal e Brasil apreciando o prosador terso, firme, de vivacidade grande e forte estrutura.

Guedes de Amorim, a quem o jornalismo não amortece a chama do escritor e a quem não secou a ânsia de produção, anuncia novos volumes e até a entrada em sectores onde não penetrara ainda, como o das terras africanas de missão. Entretante em «*A Espada dos Arcanjos*», agora saído com uma bela capa de Thomaz de Mello, o novelista, o romancista, escritor de viagens e biógrafo juntou as mais queridas páginas da sua obra.

«*A Espada dos Arcanjos*», de título de fogo e luta, dá-nos verdadeiramente o cerne da obra deste lenhador das letras, cabouqueiro persistente e sabedor da sua arte.

A edição é da Sociedade de Expansão Cultural.

CURSO LICEAL
DIURNO E NOCTURNO
Inscrições nas secretarias das 10 ás 23 horas
Externatos:
■ Rua do Paraíso, 28 (entre a Graça e St.ª Apolónia) Telefone 865904 — agora com ampliação e remodelação das suas instalações, incluindo modernos e bem apetrechados laboratórios. —
■ Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) Telefone 834658

RECTÂNGULOS DA VIDA

PORQUE NÃO CHAMAM O MAIGRET?

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

A nossa intimidade com as personagens romanescas tem sempre grandes e intransponíveis limites. A verdade é que não as conhecemos por dentro e por fora, ignoramos-lhes os tiques, os pequenos hábitos diários, os achaques, as preferências gastronómicas. Não são figuras de carne e osso que podem estar constipadas, escorregar numa casca de banana, sofrer dos dentes ou ter frieiras. O Jacinto talvez, até certo ponto, com aquelas suas doenças de rico... Mas o nosso convívio com o Jacinto dura tão poucas páginas...

Suponho que o famoso comissário Maigret é a personagem que o grande público leitor desta nossa terra, ainda influenciada pela França, melhor conhece. Primeiro porque Simenon tem a espantosa arte da naturalidade, depois porque a literatura policial possui um grande público, em terceiro lugar porque há, salvo erro, uns quarenta «Maigrets», o que perfaz uma média de seis mil páginas.

Maigret (Jules) — a mulher chama-lhe Maigret e ele a ela Madame Maigret, o que é bem pequeno-burguês — está longe dos infalíveis Santos, Poirots ou Perry Masons, em suma, de todos os investigadores manhosos, violentos ou geniais da literatura anglo-americana da especialidade. Maigret não é nada disso, embora seja quase sempre infalível. Grande bebedor de cerveja e de «calvados», nunca se embriagou, não dispensa o cachimbo, vai ao cinema uma vez por semana mas só para acompanhar a mulher, porque não aprecia, sonha com uma casa no campo para quando se reformar (em *Maigret se fache* já vive mesmo nessa casa), tem uns amigos, os Pardon, com quem janta às vezes em família, é um puritano compreensivo para com os outros, não se sente absolutamente nada à vontade junto dos grandes deste mundo, talvez porque o pai foi uma espécie de feitor de uma família rica e nobre, etc., etc., etc.

Vem isto a propósito de uma pergunta que me ocorreu, assim, de chofre, ao ler um dia destes o misterioso assassínio do guarda-costas de Alain e Nathalie Delon: «Porque não chamam o Maigret?» É possível que outras pessoas de viver nas nuvens tenham irreflectidamente pensado o mesmo. O que em todo o caso significa, parece-me, o triunfo de uma personagem literária que quase conseguiu ganhar qualidade humana.

VIDA MUSICAL

Duas notáveis obras

Não faltavam motivos de interesse ao concerto que marcou o início da nova série organizada no Tivoli com base na actuação da Orquestra Gulbenkian. O programa, de excelente qualidade, não se limitava a obras instrumentais: muito diversamente, reservava até o quinhão mais largo a partituras em que a voz humana é chamada a intervir com preponderancia e que exigiram a participação de um numero apreciável de cantores-solistas e do Coro Gulbenkian.

A começar, a *Sinfonia op. 18, n.º 4, em ré maior*, de João Cristiano Bach — musica ágil, desanuviada e de um lirismo não muito profundo mas cativante, cujo estilo documenta a transição do barroco para o classicismo de um Haydn e de um Mozart. Seguiu-se a Cantata *Correa nel seno amato*, para meio-soprano e conjunto instrumental, de Alessandro Scarlatti, personalidade de primeira plana na arte sonora dos séculos XVI e XVII. É uma obra de grande intensidade expressiva e repassada de acentos de exaltada paixão amorosa, de acordo com o texto poético que o compositor tratou numa saborosa alternancia de recitativos e árias. A referida cantata, que bem valeu a pena ficar a conhecer, foi apresentada em 1.ª audição moderna, numa revisão de Federico Mompellio, encomendada pela Fundação Gulbenkian.

Além deste atractivo, outro ainda nos oferecia o concerto: a revelação ao nosso publico da *Messe des Morts*, de André Campra (1660-1744), autor francês (mas de ascendência italiana pelo lado do pai) nascido, por sinal, no mesmo ano que Alessandro Scarlatti, mas sobrevivendo quase vinte anos ao mestre italiano. O papel histórico de Campra, que a musicologia recente trouxe a um plano de particular destaque, exerceu-se sobretudo no domínio do teatro, podendo considerar-se o compositor dramático mais importante e significativo, em França, na fase que mediou entre Lully e Rameau. Mas Campra, que, aliás, desempenhou funções de organista e mestre de capela, inclusivé em Notre-Dame, deixou ainda abundante produção religiosa, entre a qual se conta a *Messe des Morts* agora ouvida. O estilo desta obra reflecte um misto de vivacidade italianizante, com uma inerente e muito pronunciada sensualidade vocal, e de expressão acentuadamente francesa ora no sentido da delicadeza de colorido (e sem exclusão de um peculiar encanto de certas inflexões melódicas), ora de feição mais pomposa e de um carácter palaciano á Versailles. É lícito discernir na partitura páginas em que se manifesta um sentimento de religiosidade mais estrita, embora com o seu quê de clima afectuoso, e passagens de marcado pendor teatral ou mais profano. Mas não há que negar, por tal motivo, interesse a este «Requiem», que reflecte notàvelmente uma época e uma maneira de sensibilidade.

É a altura de nos referirmos aos intérpretes. Dos cantores que tomaram parte neste concerto merece referência muito especial o meio-soprano Helena Cláudio, até pela maior importancia de que se revestiu a sua colaboração. Foi ela a solista da cantata de Scarlatti e surgiu agora com a voz mais clara, mas não menos bonita, dado que deixou de abusar da colocação das notas graves no peito. Como intérprete confirmou amplamente as suas capacidades expressivas e a possibilidade de se dedicar a outro género de musica, que não só a ópera. Apenas um pequeno reparo: Helena Cláudio deve cuidar de obter uma dicção mais nítida, de modo que os textos resultem mais profundamente valorizados.

Na «Missa» de Campra, a contribuição dos solistas era muito menos extensa. E há que destacar os elementos femininos. Helena Cláudio manteve as mesmas características a que aludimos a propósito da cantata de Scarlatti. Elsa Saque mais uma vez evidenciou um lindo timbre e uma incontestável musicalidade. Dos solistas masculinos, o mais feliz foi, sem duvida, Fernando Serafim. A despeito de certa insegurança na emissão de uma ou outra nota, não deixou, no entanto, de se mostrar bem integrado no estilo da obra e de pôr á prova a sua bonita voz de tenor e uma dicção sempre clara e expressiva. Já Álvaro Malta esteve longe de conseguir uma actuação á altura dos seus créditos. É possível que não se encontrasse bem de saude. O certo, porém, é que lhe notámos dificuldade nos agudos e a voz menos sã. Isto, além de uma certa enfase de inflexões, que nem o próprio carácter pomposo que acusam algumas páginas de Campra justifica inteiramente. Quanto ao contra-tenor James Bowman, para lá das características específicas de uma voz artificial, estava rouco, o que não contribuiu para melhorar o seu timbre.

O Coro Gulbenkian portou-se com muito aprumo tanto na segurança das entradas como no capítulo da afinação, dando boa conta de si igualmente nas passagens brilhantes como naquelas em que predomina uma expressão menos extrovertida. É pena que o género de emissão adoptado nem sempre tivesse favorecido aquela claridade fundamental da musica de Campra. Quer reduzida nos efectivos (caso da cantata de Scarlatti), quer na integridade da sua constituição a Orquestra Gulbenkian prestou boa colaboração, nomeadamente quanto á sonoridade.

O maestro Gianfranco Rivoli dirigiu com firmeza e nunca deixou cair os andamentos. Mas daqui resultou, por vezes, uma certa precipitação no pormenor, com prejuízo para afluência natural do discurso sonoro. Não há, porém, que negar a Rivoli o merecimento de ter elaborado um programa tão cheio de interesse.

Quanto ao publico, esgotou a lotação e não regateou as suas manifestações de agrado. Prova de que nem sempre a condescendência a matéria de reportório, com a adopção das peças mais estafadas, e o recorrer exclusivamente a artistas estrangeiros de grande nomeada constituem condição *sine qua non* para garantir uma enchente...

NUNO BARREIROS

O PROFESSOR

(Continuação da pág. anterior)

vidade metódica de equipas bem preparadas, em que se respeita porém a personalidade de cada componente. Por isso é hoje extremamente vasto o número dos que podem contribuir eficazmente, mesmo se com modéstia, para a obra colectiva de pesquisa e criação. Os professores primários das aldeias e vilas transmontanas, por exemplo, desde que formados conforme delineámos, estarão em condições de servir os inquéritos sociológicos, as buscas relativas a certos problemas psicológicos (estrutura mental infantil e adolescente, relações com o meio familiar e a estrutura da sociedade local, etc.), e até de bem diversos domínios (a vida rural, os comportamentos colectivos, por exemplo), sem esquecer o seu contributo próprio para os programas pedagógicos. Basta, para tal, que esses seus trabalhos estejam integrados nos Centros de pesquisas respectivos (centrais e até regionais), que é urgente instituir. É preciso, evidentemente, que de tantos em tantos anos os professores de todos os graus sejam chamados a cursos de aperfeiçoamento e actualização, onde aliás devem desempenhar papel activo, confrontando experiências, expondo dificuldades, levantando problemas, pedindo auxílios, ao mesmo tempo que recebem apetrechamento mental renovado. Mas seduzir-me-ia que se desse um passo mais. Ao bom professor primário, e de resto mesmo à jardineira com aptidões e vontade, caberia facultar a possibilidade de tirar uma licenciatura em psicologia eu em sociologia, ou em ciências sociais em geral; não sairia por isso, uma vez terminado o curso, do grau de ensino em que estava, mas a sua situação material e a sua qualificação profissional melhorariam consequentemente. O professor secundário que revelasse dotes para tal iria trabalhar algum tempo num centro de investigação e seria incitado a fazer um doutoramento; também depois regressaria ao ensino secundário, mas igualmente com vencimento aumentado e nova categoria na carreira. Pois não interessa que o ensino universitário sirva de bomba aspirante dos bons elementos docentes dos outros graus de ensino.

O ESTATUTO DO PROFESSOR

Se o professor é essencialmente um colaborador-orientador de uma recriação permanente da cultura que leve as novas gerações mais para além de onde chegaram as gerações precedentes, o seu estatuto na sociedade e em relação ao Estado não pode confundir-se com o de outros funcionários. Como não se confunde o dos magistrados, e menos ainda do que estes. Por isso impõe-se impreterivelmente que sem quaisquer delongas se elabore e seja promulgado um estatuto específico do professor, quanto a nós comum a todos os graus do ensino. Talvez sejam de incluir nesse mesmo o creador cultural. A e o criador cultural. A elaboração deve ser precedida de amplo inquérito público e discussão de ideias, e o projecto submetido à apreciação pública, principalmente dos interessados, só depois vindo a promulgação.

Os estatutos da Universidade de Coimbra de 1772 declaram (liv. 2, tít. 3, cap. 5, § 6): «Como cidadão livre do império da Razão, procurará o professor a verdade, a ordem, a dedicação e a demonstração, onde quer que se achar.» E citando-os, a *Defesa da representação dos Lentes da Universidade de Coimbra* em 1850 sublinha que Independência e Liberdade são «as indispensáveis condições de ensino». Não vale o princípio únicamente para o ensino superior. Todo o professor, de qualquer grau de ensino, tem de ser «cidadão livre do império da Razão», exercendo a sua função em inteira independência e liberdade. Do principio decorrem as normas fundamentais a observar. Em primeiro lugar, quanto à selecção e promoção dos professores. O critério a aplicar consiste num triplice crivo. a) O apetrechamento científico-cultural; b) A competencia pedagógica e didáctica; c) A idoneidade moral e cívica. Sublinhemos, na verdade, que não basta ao professor ser competente nas matérias a ensinar, nem até distinguir-se pelo seu curriculo de investigador ou creador: é indispensável que disponha de dotes para participar do processo educativo, e esteja preparado sob este aspecto; ao investigador que não satisfaça estes requisitos está aberta (deve estar aberta) a carreira nos quadros dos institutos de pesquisa. Por outro lado, não se confunda a idoneidade moral com o conformismo passivo em relação aos costumes prevalecentes: são as qualidades de amor ao trabalho, de lealdade e franqueza, de rectidão e integridade altiva de carácter, a isenção a pressões de toda a ordem, a vontade de pensar pela própria cabeça, o respeito pelos outros e por si próprio, que acima de tudo importam. Quanto ao civismo, nada tem que ver com a posição adoptada perante os grandes problemas económicos, sociais, políticos ou religiosos, com as ideias que se professam e que devem ser todas, não apenas toleradas, mas respeitadas; diz respeito, sim, a coerência de atitudes, à firmeza de convicções que não se dobram a conveniências de momento, a habilidades de carreira ou à acumulação de lugares apetecidos. Nenhumas considerações ou pressões extracientíficas e extrapedagógicas devem entrar quer na escolha dos professores quer na sua carreira. Resvalámos já para a segunda consequência do princípio adoptado. O exercício do magistério não pode estar sujeito a qualquer outra fiscalização que não seja pedagógico-científica, e ao exercê-lo tem o professor de dispor de total, de absoluta liberdade: acesso a todos os meios de informação, disponibilidade dos meios de experimentação, possibilidade de pensar com inteira autonomia sem recear quaisquer consequências, de tudo discutir sem papões a velarem-lhe a compreensão das coisas, de defender as ideias que ache justas e correctas, de expor sem reticências os seus pontos de vista e todos aqueles cuja exposição se lhe afigure necessária e útil. Só o próprio professor ou investigador pode ser juiz das suas maneiras de pensar e das concepções que segue ou propõe, sem querer impô-las seja a quem for, como recusando que lhas imponham.

Por outro lado, há que reconhecer o valor da iniciativa do professor para experiências pedagógicas e didácticas, e estimulá-lo até nesse sentido. Como estimulá-lo a colaborar na grande obra colectiva de criação cultural. Seja como for, nunca fazer do professor um cidadão diminuído.

O PROFESSOR NA ESCOLA

Se o processo educativo, tal como tentámos definir-lo, leva à inserção do *self-government* na escola, esta consequência não concerne apenas os alunos mas começa pelos próprios mestres. Só assim, aliás, o estatuto cuja orientação esboçamos terá pleno sentido. Cidadão não diminuido mas sim de pleno direito, tem o professor de sê-lo antes de mais na escola a que pertence.

Sem dúvida as escolas, como os institutos científicos ou culturais, precisam de ser administrados, e a boa administração requer pessoal especializado; é de toda a conveniência, para mais, libertar o pessoal docente ou investigador de tarefas burocráticas. Mas a administração tem de estar sempre subordinada à direcção (pedagógica, no caso da escola, científico-técnica no caso do instituto de pesquisa), e limitar-se a resolver as questões materiais e de organização de modo a tornar efectivo o esquema que aquela decidiu; quer dizer, a administração busca os meios para tornar possivel à direcção levar a efeito os seus planos. Convém aliás desconcentrar e descentralizar ao máximo a capacidade de decisão.

Em cada escola, de qualquer grau, ou em cada instituto o director deve ser escolhido pelo corpo docente ou de investigadores; além disso, a direcção será composta de representantes das várias categorias, sendo o órgão de soberania (chamemos-lhe assim) o conselho escolar, em que entra toda a hierarquia docente e representação discente. As resoluções nunca devem ser estabelecidas hieràrquicamente mas acordadas em conjunto. Ao conselho escolar de tal maneira definido é que competirá marcar os rumos da escola ou instituto e fiscalizar todo o seu funcionamento. As infracções disciplinares de professores ai devem ser julgadas, ou nos conselhos regionais ou no conselho nacional; sempre pelos seus pares. O que é preciso é que o professor não se reduza a máquina de dar aulas e fazer exames, cumprindo apenas ordens superiores; tem de participar nà elaboração das directrizes e na vigilância do seu cumprimento. Quando na mesma localidade existam várias escolas do mesmo grau, será de constituir uma comissão, também eleita pelo corpo docente, de coordenação; há que delimitar regiões escolares e instituir conselhos regionais, com representação também de interesses sociais fora do professorado. E evidentemente um conselho nacional quer de ensino quer de investigação, dispondo de amplos poderes, a fim de aliviar o trabalho ministerial. Aos conselhos é que deve caber a escolha de professores e promoções, depois de prestadas as provas de concursos e em conformidade com o resultado destas, ou depois de a comissão competente se ter pronunciado sobre o currículo dos candidatos. Mas mesmo no caso dos professores universitários aconselharíamos a formação de um quadro nacional único: o concurso deixaria de fazer-se a esta ou àquela escola, valeria para qualquer do País e as colocações efectuar-se-iam segundo as melhores conveninências do ensino.

É de bom tom exalcar o ensino à qualidade de sacerdócio. Na realidade, ele tem de fazer-se com homens comuns. O que é preciso, é bem prenará-los, dar-lhes os meios de acção pedagógico-cultural, garantir-lhes as condições materiais consentâneas com a sua missão, e garantir-lhes a dignidade e o prestígio que só lhes podem advir da plena cidadania e da independência intransigente e inteira.

VITORINO M. GODINHO

PRINCÍPIOS DE ECONOMIA CONTEMPORÂNEA

por Fernand Baudhuin
professor da Universidade de Lovaina

acaba de sair o I volume

A PRODUÇÃO

o homem ● a natureza ● o capital ● a empresa

A seguir

II—A CIRCULAÇÃO
III—A REPARTIÇÃO
IV—O CONSUMO

ENCICLOPÉDIA DE BOLSO BERTRAND

volume de 292 páginas, com ilustrações: 40$00

LIVRARIA BERTRAND

DIRECTOR DA POLÍCIA JUDICIÁRIA

COIMBRA, 31 — A fim de apresentar despedidas ao pessoal da subinspectoria da Polícia Judiciária, esteve nesta cidade o sr. dr. Orlando Gomes da Costa, director daquela Corporação, que vai abandonar essas funções.

Foi recebido pelo inspector-adjunto, sr. dr. Sá Couto, em cujo gabinete foi cumprimentado pelos chefes de brigada e agentes e, ainda, pelo pessoal de secretaria.

O pessoal da subinspectoria homenageou o sr. dr. Orlando Costa com um jantar, que decorreu em ambiente de muita intimidade.

MAGDA CARDOSO E KLAUS GOTZE

ESTA TARDE NO TIVOLI

É ao fim da tarde de hoje, no Tivoli, que a professora Ruth Aswin apresenta o seu último recital de bailado.

KLAUS GOTZE

«Madame» Ruth Aswin, que há pouco tempo completou setenta anos de vida e cinquenta de ensino da dança, apresentará hoje, pela última vez, as suas classes, dado que cada vez se lhe vai tornando mais difícil organizar estes recitais.

Aquela mestra de dança e coreógrafa mostrará ao público balético o resultado obtido com as suas classes desde as elementares ás mais avançadas, além de nos dar oportunidade de apreciar uma coreografia sua, sobre música de Albinoni, dançada por três profissionais, alguns seus antigos alunos. Os intérpretes serão Maria José Branco, Paula Prudêncio e Alcides Muniz.

Os primeiros bailarinos do «Verde-Gaio» Magda Cardoso e Klaus Gotze dançarão um «pas-de-deux» das «Silphides».

MAGDA CARDOSO

HOMENAGEM A UM POETA POPULAR

Na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo decorre, amanhã, um festival de fados e variedades, em homenagem ao poeta popular Abel Pereira de Araujo, seu associado. A receita destina-se a custear as despesas de internamento de sua esposa, septuagenária, que deverá ser submetida a intervenção cirurgica.

CICLO DE CONFERÊNCIAS SOBRE BALLET

Na segunda-feira, inicia-se um ciclo de palestras sobre «ballet» no Auditório da Fundação Gulbenkian, promovido por esta instituição. Será conferencista o crítico inglês Arnold Haskell, considerado uma das maiores autoridades internacionais em matéria de dança.

Natural de Londres, Arnold Haskell, estudou em Cambridge, onde obteve o grau de «master of arts». Frequentou, ao mesmo tempo, aulas de bailado, a fim de ter conhecimento directo da técnica do «ballet». Foi uma das personalidades que mais contribuíram para a eclosão do bailado Inglês. Em 1930 fundou, com outros, a Camargo Society e, em 1936, o Sadler's Wells Ballet Benevolent Fund. Anos mais tarde, foi nomeado director da Sadler's Wells Scholl, tendo desempenhado um papel decisivo na criação e no desenvolvimento do Royal Ballet. O seu nome encontra-se igualmente ligado à Direcção do Royal Academy of Dancing. Exerceu também as funções de crítico do «The Daily Telegraph». Escreveu numerosos livros sobre «ballet» — um dos quais traduzido em português — e tem realizado conferências em todo o mundo.

Arnold Haskell é comendador da Ordem do Império Britânico e Cavaleiro da Legião de Honra.

As conferências, em número de quatro, realizam-se às 18 e 30, às segundas e quintas-feiras e serão proferidas em inglês.

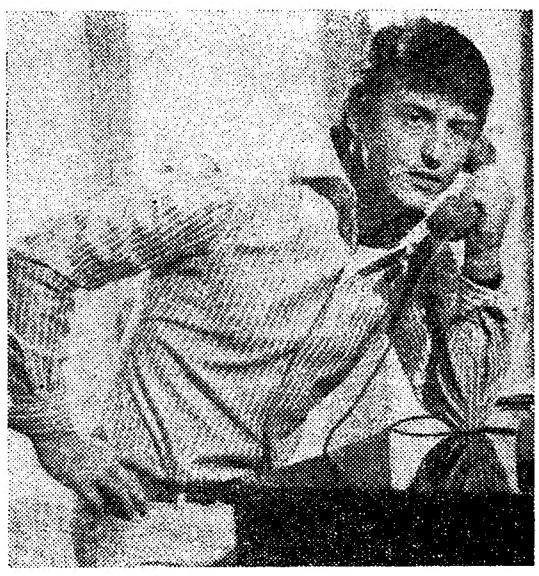
A felicidade conjugal é o tema de uma comédia-farsa que Shirley MacLayne e Richard Attenborough acabam de filmar juntos. Trata-se do filme «A Felicidade da Senhora Blosson» («The Bliss of Mrs. Blosson»), que conta ainda com a colaboração de James Booth, artista muito conhecido do público inglês que tem neste filme uma actuação excepcional

AMANHÃ ÀS 21.45

ESTREIA

ADULTOS AVIS

- UM RITMO ACTUAL!
- UM ÊXITO DO DISCO E DA RÁDIO!
- UMA HISTÓRIA ORIGINAL!



TONY RENIS e LOLA FALANA

São os mais recentes no MUNDO DA CANÇÃO

COM ELES, UMA MELODIA DE SUCESSO INSPIROU UMA DIVERTIDA COMÉDIA!

EASTMANCOLOR-SCOPE

QUANDO DIGO QUE TE AMO

UM EXCLUSIVO **DOPERFILME**

AGORA SÓ NO CINEMA ROMA

EASTMANCOLOR

3ª SEMANA

JEAN GABIN

DANY CARREL

em

A NOITE ESCALDANTE DO INSPECTOR JOSS

um filme de Georges Lautner

ADULTOS

DOPERFILME

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Fala-se que vão terminar os monopólios teatrais...*
- *A peça «Uma noite de Verão», de Ted Williams, deve ser apresentada pela Companhia de Teatro Estúdio.*
- *A peça de Sttau Monteiro, «A preguiça», principiou já a ser ensaiada no Porto pela companhia de Raul Solnado.*
- *O actor Henrique Santana pensa levar á cena, em reposição, a comédia «O Galo».*

AS ESTREIAS DE HOJE

No Lumiar

Título em portugues — «*O Reino de Buda*».
Produção — *Japonesa.*
Realização — *Kenji Nisumi.*
Intérpretes — *Kojiro Hongo e Charito Solis.*
Género — *Aventura.*
Distribuição — *Internacional Filmes.*
Processo — *Technirama-Technicolor.*
Calssificação — *17 anos.*

No POLITEAMA

Título em português — «Xeque á Scotland Yard».
Produção — Alemã Borbeirie.
Realização — Bernard.
Intérpretes — Heinz Drache, Barbara Rutting e Eddi Arent.
Género — Aventura.
Distribuição — Sonoro Filme.
Processo — Colorido.
Classificação — 12 anos.

MONUMENTAL

HOJE — 2 SESSÕES 20.45 e 23 H. T. 555133 (Adultos)
VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA REVISTA
com
CAMILO — FLORBELA
CARLOS COELHO
M.ª ADELINA ● OCTÁVIO DE MATOS
e as atracções
M.ª TERESA QUINTA
VUM VUM e PAULO JORGE o cantor da moda
22.ª SEMANA
UM BALLET INTERNACIONAL
Amanhã e Domingo á tarde ás 16 h.

Depois do espectáculo vá ao **PORÃO DA NAU** (Maiores de 1 anos) e frequente **«O CONVÉS»**

NO TEATRO VARIEDADES T. 326037

VASCO MORGADO
APRESENTA

a fantástica comédia de HENRIQUE SANTANA notável desempenho da C. Teatro Alegre, com Henrique Santana, Irene Isidro, Costinha, Artur Semedo, Lia Gama, Anabela e o artista convidado Adriano Reys — Encenação de Maria Helena Matos — dir. plástica de Francisco Relógio

HOJE
HOJE — 2 SESSÕES
20,45 e 23 h.

Amanhã á tarde, ás 16 horas e á noite, ás 21.45 horas

SÁBADO, ÀS 16 H.: TARDE PARA ESTUDANTES
PLATEIA 15$00
PARA O PUBLICO PREÇOS NORMAIS

Sábado á noite, 2 sessões, ás 20.45 e 23 h.
Domingo, ás 16 h. e 21.45 h.

MONUMENTAL (MAIORES 4 ANOS)
AMANHÃ, SÁBADO e DOMINGO à tarde, às 18.30 h.
● A História do Pastorinho Beija-Flor ●
UMA DELICIOSA PEÇA PARA CRIANÇAS

UM POLICIAL ABSORVENTE E DE GRANDE «SUSPENSE»

CRIMES DIABÓLICOS NOS AMBIENTES BIZARROS DE LONDRES!

Heinz Drache
Barbara Rutting
Eddie Arent

XEQUE À SCOTLAND YARD

HOJE SENSACIONAL ESTREIA DE GRANDE EMOÇÃO
SONORO FILME — MAIORES DE 12 ANOS
POLITEAMA

CINEMA LUMIAR
Calçada de Carriche
HOJE
ÀS 21 e 30

INAUGURAÇÃO COM UM FILME DE EXCEPCIONAL CATEGORIA!

Com todo o esplendor do misterioso Oriente, uma notável reconstituição.
Todas as maravilhas do amor e toda a crueldade do ódio.

INTERNACIONAL FILMES
Apresenta
O REINO DE Buda
Um elenco de milhares
Com
KOJIRO HONGO
CHARITO SOLIS
Realizador
KENJI MISUMI
MAIORES DE 17 ANOS
Technirama
Technicolor

NO TRINDADE
FNAT — Telef. 320000

HOJE ÀS 21,45 H.
O TEATRO NACIONAL POPULAR
SUBSIDIADO PELO FUNDO DO TEATRO
APRESENTA
PARA INAUGURAÇÃO DA SUA V TEMPORADA A COMÉDIA EM 3 ACTOS E 5 QUADROS ORIGINAL DE
VITTORIO CALVINO
(PRIMEIRO INTERNACIONAL DE TEATRO)
Tradução de
ABEL AMARAL

A TORRE E O GALINHEIRO

INTERPRETADA POR: (ORDEM DE ENTRADA EM CENA) ADELINA CAMPOS, CREMILDA GIL, MARIA JOSÉ, ISABEL DE CASTRO, ANA ZANATTI, RIBEIRINHO, RUI MENDES, PEDRO PINHEIRO, ALEXANDRE CARETO, ASSIS PACHECO, LUIS PINHÃO, COSTA FERREIRA E LUIS DE CAMPOS
DIREC. DO ESPECTÁCULO DE:
FRANCISCO RIBEIRO
(M. DE 12 ANOS)

POR COMPROMISSOS ASSUMIDOS ANTERIORMENTE

SÓ ATÉ DOMINGO

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO APRESENTAM

SEXTA-FEIRA E DOMINGO «MATINÉE» às 16 horas

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

HOJE ÀS 21.45
ADULTOS

O TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS EM

D. QUIXOTE

DIRECÇÃO DE
CARLOS AVILEZ
Patrocínio da JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL ● Subsídio do FUNDO DE TEATRO e FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

compre já! leia num mês...

O Clube das Donas de Casa está a lançar em todo o País o seu novo magazine mensal de bolso

SELECÇÕES FEMININAS

Com um total de 164 páginas você tem uma revista que nunca mais acaba... Selecções Femininas traz muito para lhe contar! Só dez escudos.

★ MORRIS CHALFEN apresenta
Holiday on Ice
a maior revista mundial no gelo inteiramente nova!

ESTREIA AMANHÃ
no COLISEU DOS RECREIOS

BILHETES À VENDA NO COLISEU E NAS AGÊNCIAS
Soirées todas as noites, ás 21.30 h (M. 12 anos)
Matinées ás 5.as, Sábados e Domingos, ás 16 h. (M. 6 anos)

AMÉRICO COIMBRA EM MADRID

Parte hoje para Madrid o actor cinematográfico Américo Coimbra que, acompanhado pelo jornalista Martinho Simões, vai tratar com o realizador Julio Coll dos derradeiros pormenores referentes ao filme «Razão de Viver» (ou «O Sinal») que começará a ser rodado em Dezembro, na nossa capital.

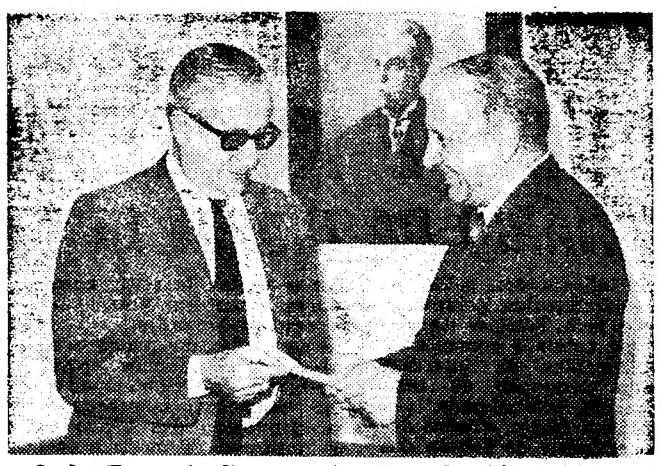
Da aprovação final do argumento (subscrito por Martinho Simões) resultará a escolha definitiva dos intérpretes: nomes dos palcos ibéricos.

«Grande Poeta é o Zé» tem o aplauso do público

Aníbal Nazaré, Eugénio Salvador e José Viana assinaram o «poema» da revista das mil gargalhadas «Grande Poeta é o Zé», para a qual João Nobre e Carlos Dias compuseram música excepcional.

A montagem, dirigida por Hernani e Rui Martins, é de grande beleza e a interpretação está a cargo de Eugénio Salvador, José Viana, Mariema, Max, Anita Guerreiro, Dora Leal, Vítor Mendes e Mariano Franco, nos principais papéis. Colaboram, ainda, as jovens actrizes Nina Flores, Rosemary, Tânia Mota e Sara Rafael e as bailarinas, bailarinos e «girls» de Mariano.

Com figurinos de Mário Alberto, os Ateliers Paiva confeccionaram um vistoso e bonito guarda-roupa, sob a direcção da mestra Josefina Soares. Lisboa inteira está a ir ao Maria Vitória, que regista sucessivas enchentes nas duas sessões diárias, ás 20 e 45 e ás 23 horas.



O dr. Fernando Barros entrega ao dr. César Afonso, presidente da direcção da Casa da Imprensa, o cheque da receita.

A receita de uma antestreia entregue à Casa da Imprensa

O espectáculo de antestreia de «Millie, Rapariga Moderna», no cinema Mundial, foi, como então dissemos, dedicado aos cofres da Casa da Imprensa, revertendo toda a receita para os fins de assistência daquela instituição.

Apuradas as contas, procedeu-se, numa simples cerimónia, á entrega do respectivo cheque.

O sr. dr. Fernando Barros, de Filmes Lusomundo, que explora actualmente o Mundial, entregou o referido cheque ao sr. dr. César Afonso, presidente da direcção da Casa da Imprensa.

ora diga-nos...

— Gostarias de ter uma pistola de brinquedo?

É no cinema, é na televisão, é nas histórias aos quadradinhos. Uma pistola que dispara, um homem que cai. Ora vamos lá ver o que dizem estes meninos de batinha branca, à saída da escola, um grito na boca...

● *Disse-nos Carlos Manuel Viegas, talvez entusiasmado com o objectiva do repórter fotográfico:*

— Eu... não...

E depois:

— Eu... gostava... de ter... uma máquina como essa... Tirar retratos à minha família toda... Pistola, não

● *Paulo José da Silva Cardoso declarou-nos:*

— Gostava de ter um frigorífico...

— Um frigorífico?...

— Sim.

— Para quê?

— Para brincar

— E se o frigorífico te gelasse as mãos?...

— Não gela, não

● *Finalmente, disse-nos José Alberto de Sousa:*

— Um carro de corrida.

— — E uma pistolinha, não ia?...

— Pum! Pum! Um dedo serve de pistola. Antes queria um carrinho de corrida...

● AMANHÃ ÀS 16, HÁ «MATINÉE» NO

ADULTOS

MARIA VITÓRIA

COM A REVISTA DE ENORME ÊXITO

• GRANDE POETA É O ZÉ! •

UM ESPECTÁCULO DE GARGALHADA PERMANENTE, com

● Salvador ● Viana ● Mariema

MAX ☆ ANITA ☆ DORA ☆ VIT. MENDES

e a atracção internacional

● Brigitte St. John

☆ TODAS AS NOITES às 20.45 e 23 h.

☆ Um espectáculo de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

JOSÉ VIANA no «Carlos dos Jornais»

ÉVORA

Devido à instabilidade do tempo o espectáculo do dia 1 fica adiado.

MAGNÍFICOS ANDARES

ÀS PORTAS DE LISBOA — ALGÉS

Junto à Praça de Touros e ao mercado, boa vista de mar, 4 e 5 amplas assoalhadas, cozinha, casas de banho, despensa, roupeiros, etc. Acabamentos de 1.ª qualidade. Visite um andar modelo. Temos uma solução para cada cliente.

LOTES 90 — 130 — 131

AVENIDA PRINCIPAL DE MIRAFLORES

S. P. O. C. — SOC. PORTUGUESA DE OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA. — Telefs. 21 22 88 - 21 31 02

ALMOCE E JANTE NO CIRCUITO

Raul Ribeiro

1 X 2

FIQUE MILIONÁRIO JOGANDO NO AGENTE MAIS PRÓXIMO DA SUA CASA OU DO EMPREGO

R. FERREIRA BORGES, 98-B
CASA NOVA ESTRELA
Inscrições desde 36$50

R. MORAIS SOARES, 'Ol
CAMPIÃO & CIA.
Faz milionários há um século

AV. DE ROMA, 2-D
TAB. DA PASTELARIA CAPRI
Tabacos - Revistas - Jornais

AV. DE MOSCAVIDE, 3
CAMPIÃO & CIA.
Jogue e a «sua hora» chegará

ROSSIO, 42
CASA TRAVASSOS
Sempre dinheiro às mãos cheias

ROSSIO (R. DO AMPARO, 2)
CAMPIÃO & CIA.
Faz milionários desde '840

P.ª FIGUEIRA (R. AMPARO, 2)
CAMPIÃO & CIA.
Apostas de 3$ a 2391484$50

AV. DA LIBERDADE, 126
TABACARIA DO CAFÉ LISBOA
Jogue nas nossas séries

R. DA PALMA, 43
CASA TRAVASSOS
Sempre dinheiros aos maços

R. DO ARSENAL, 78
CAMBISTA TESTA
Jogue no Testa e terá festa

R. CONDE REDONDO, 93-B
CAMPIÃO & CIA.
Lotarias e Totobola

R. ACTOR ISIDORO, 1-A
HAVANEZA DA ALAMEDA
Tabacarias-Novidades-Livraria

PRAÇA DO AREEIRO, 5-A
CAMPIÃO & CIA
Sempre bons prémios

R. D. JOÃO V, 15-C/17-A
«EQUIPA»
Art. para bebés—Perfumaria

O PALPITE DE HOJE É DA CASA TRAVASSOS
1-1-X-1-1-1-2-1-X-1-X-2-2
R. DA PALMA, 43

MAIS UMA VITÓRIA DO NSU

RALLYE DA TAP

1.º LUGAR

NO GRUPO TURISMO
CLASSE 850 a 1150 c. c.
equipa
FAUSTO LUCAS MARTINS-
-V. MARTINS

NÃO HÁ DÚVIDA!..

NSU

É MUITO MAIS CARRO

Representantes **LUSOLANDA** — Av. António Augusto de Aguiar, 25-C — LISBOA — Tels. 53 56 13 - 53 70 77

Agentes e assistência técnica em todos os distritos

A CRIAÇÃO DE UM MINISTÉRIO DOS SERVIÇOS SOCIAIS (UNIFICANDO A SAÚDE E A PREVIDÊNCIA)

DEFENDIDA (NA POSSE) PELO NOVO BASTONÁRIO DA ORDEM DOS MÉDICOS

Ao tomar posse do alto cargo de bastonário da Ordem dos Médicos, para o qual foi significativamente eleito por unanimidade, o prof. dr. Miller Guerra produziu algumas afirmações cuja importancia não será de mais sublinhar e pôr em destaque, em especial quando, como é o caso, se parece estar enfim a encarar de frente uma série de fundamentais problemas para equacionar e solucionar, aos quais aquela mesma Ordem tem dado um contributo o mais valioso, nomeadamente com (e a partir de) o Relatório das Carreiras Médicas, cujo relator foi o novo bastonário.

Assim, no seu discurso, o prof. Miller Guerra após haver realçado a «união, a solidariedade da classe dos seus dirigentes», e o apoio que estes esperavam dos seus colegas, acrescentou: «Isso só se pode obter pela circulação livre de informações, pelos encontros frequentes, pelas reuniões e pelo Boletim da Ordem que relata e comenta os acontecimentos de interesse para a formação de uma consciência profissional».

E mais á frente: «Todos devem participar no estudo dos problemas, no debate das opiniões e pontos de vista, para poderem também participar nas responsabilidades.

O papel dos dirigentes não é tanto o de comandar, como o de ouvir e dialogar, estabelecer contactos, favorecendo a confrontação das ideias e dos interesses, de modo a colher uma informação tão ampla quanto possível que reproduza com fidelidade o querer dos seus colegas. Naturalmente que pertence aos dirigentes tomar as decisões finais, mas sómente depois de as suas bases haverem sido preparadas por amplas e livres consultas».

● Modificações na política de saúde

Depois de se referir á presença de membros do Governo, lembrou, quanto á do ministro do Ultramar, que pela primeira vez «a Ordem, através do seu bastonário, fala em nome de todos os médicos portugueses». E quanto ao facto de o ministro da Saúde ser, pela primeira vez, um médico afirmou que isto representa um avanço, acrescentando: «**Não podemos deixar de louvar esta mudança de critério, interpretando-a como prenúncio de amplas modificações que, na política da saúde, há tanto tempo, baldadamente esperamos**».

Dirigindo-se ao ministro das Corporações o orador afirmou mais á frente:

● Corrigir a desigualdade perante a doença

«Embora a Previdência Social não se estenda por enquanto senão a pouco mais de metade da população activa, todos sabem, e esperam, que acelere o seu ritmo evolutivo de modo a incluir cada vez maior numero de beneficiários. É esta a marcha da política social do Estado moderno e não pode deixar de ser também a nossa. Como escreveu há vinte e cinco anos o Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, no Parecer da Câmara Corporativa sobre o Estatuto da Assistência Social: «A previdência é a fórmula de justiça que o trabalhador reclama. Só ela fará com que a solução das dificuldades que a todos, por humana fraqueza, estamos sujeitos se torne, para aqueles que ganham um salário insuficiente ou estejam impedidos de grangeá-lo, certeza resultante do exercício de um direito conquistado pelo trabalho — em vez de hipotético deferimento de uma suplica atendida por favor».

A efectivação do direito á segurança social leva á inclusão de um numero crescente de médicos nos organismos da Previdência. Dentro de algum tempo, a grande maioria estará integrada nos serviços médico-sociais.

Como pode a Ordem alhear-se dos problemas que este facto levanta? Como pode a Ordem, perante o fenómeno invencível que é o desenvolvimento da Previdência Social, eximir-se ao dever de participar numa acção que tem por fim realizar um imperativo da medicina que é o de corrigir a desigualdade perante a doença?»

Depois de outras pertinentes considerações sobre a Ordem dos Médicos, e os seus antecessores nos cargos que os ocupa — os profs. Jorge Horta e Lobato Guimarães —, o novo bastonário prosseguiu, focando um ponto essencial e da maior importancia.

«A carreira hospitalar constitui apenas uma parte do programa da Ordem que visa objectivos mais latos; a instauração das carreiras de Saude Publica e de Investigação e, prinpalmente, «a unidade de concepção e de direcção da politica de saude nacional».

Este ponto requer algumas reflexões que extraímos do relatório das carreiras médicas. Afirma-se nesse documento que a solução para as dificuldades da politica da saude está na coordenação da Assistência com a Previdência, «conforme a lógica sempre reclamou e os factos agora impõem».

Apontam para o mesmo alvo vários textos autorizados (...) e a opinião de pessoas competentes e atentas ás realidades. Tudo isto dá força á atitude que adoptámos e mantemos. A saude não constitui um valor independente — é a resultante de um conjunto de medidas médicas e não-médicas que contribuem para que o homem não adoeça ou, quando adoece, se possa tratar convenientemente. (...) Eis porque um departamento que apenas se ocupe dos aspectos médicos da saude não pode, nem poderá, cumprir a função que se lhe atribuiu. Por isso, muitos países, entre os quais a França e, há dias ainda, a Inglaterra, unificaram os serviços de saude e previdência, criando ministérios próprios — os ministérios dos assuntos sociais.

Nós pensamos que devemos caminhar no mesmo sentido. Se não houvesse outras razões, havia uma poderosa, que é a eficiência médica. É esta solução decorrente da aplicação do critério da concentração dos meios técnicos e humanos e do principio da racionalidade.

Um Ministério dos Serviços Sociais ou dos Assuntos Sociais acabaria com as disfunções e duplicações existentes, com as reformas unilaterais e improficuas, e promoveria a produtividade de todos os meio técnicos e financeiros.

(...) Demasiado se andou, no passado, por vias incertas, de miuda casuistica, quando não de oportunismo. Não foi só, não foi tanto a classe médica a sofrer, mas o bem-estar social dos Portugueses. É mais que tempo para que surjam as soluções positivas duma politica social progressiva.»

O prof. Miller Guerra analisou em seguida outras questões e a intervenção que o Estado pode, e deve, ter para a resolução das mesmas.

Após se referir, de novo, aos objectivos da Ordem, realçou que «o sacrifício está inscrito no código moral dos médicos mas não o sacrifício inutil e perdido e já se tem sacrificado inutilmente a classe», e acrescentou:

«A incompreensão dos seus problemas, a insensibilidade pelas suas angustias, a suspicácia pelas suas legitimas reclamações, a indiferença pelos seus alvitres e razões, criaram ao longo dos anos, um estado de desanimo, enapós, se referiu de novo aos objectivos da Ordem, e e realraizando-se num penoso sentimento de impotência.

Felizmente que a atmosfera parece desanuviar-se — a classe médica recobra as esperanças, a vontade abatida revigora-se».

E a terminar:

«Estas palavras foram escritas em 1961. Se então pensávamos assim, hoje há motivos para ter mais confiança no futuro, mais razões de prosseguir na acção encetada, mais força moral para lutar pela nossa profissão.»

2º RALLYE INTERNACIONAL TAP

O RALLYE QUE É INCONTESTÀVELMENTE
UM DOS MAIS «DUROS» DA EUROPA

156 CONCORRENTES À PARTIDA
E SÓ 13 CLASSIFICAÇÕES

DOS CONCORRENTES PORTUGUESES

1.º A. PEIXINHO/JOCAMES (3.º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL)
2.º F. ROMÃOZINHO/J. BERNARDO (4º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL)

AMBOS EM:

MORRIS COOPER "S"

MAIS UMA GRANDE VITÓRIA DA QUALIDADE
TÉCNICA E DA ASSISTÊNCIA MORRIS

A. M. ALMEIDA, S. A. R. L.
R. da Escola Politécnica, 39-Av. da Liberdade, 11-A-Av. 5 de Outubro, 168 - Lisboa
Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto

PRÉMIOS BAYER DE 1967-1968

«A informação e a técnica são elementos fundamentais nesta época de renovação»

—disse o administrador João Minnemann

— *A informação difundida pelo jornalismo e a técnica aplicada pelos alunos das Escolas, obreiros do futuro, são dois elementos que, nesta época de renovação, consideramos fundamentais* — afirmou ontem o sr. João Minnemann, administrador da Bayer Portugal, durante o jantar de gala promovido por esta empresa para assinalar a entrega dos seus prémios de 1967-1968 (Jornalismo e Ensino Técnico).

Presidiu ao jantar, em representação do ministro da Educação Nacional, o inspector superior do Ensino Técnico, dr. Leopoldino de Almeida, ladeado pelo dr. Augusto de Castro, director do nosso prezado colega «Diário de Notícias» e presidente da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, e ainda pelos administradores João Minnemann e Walter Ernst, da Bayer, J. Schmidt, adido cultural á Embaixada da Alemanha Federal em Lisboa, e dr. Tavares de Almeida, do S. N. I., e pelo nosso prezado camarada Manuel Dias, de «O Primeiro de Janeiro» distinguido com o primeiro prémio de Jornalismo. O «Diário de Lisboa» fez-se representar pelo seu director, dr. A. Ruella Ramos.

Aos brindes falou em primeiro lugar Jaime Mourão Ferreira, das Relações Publicas da Bayer, que agradeceu a presença dos drs. Leopoldino de Almeida e Augusto de Castro (este designado pelo orador como «figura ímpar das letras portuguesas»), para acrescentar:

— *Num momento em que todo o mundo fala e escreve sobre o «poder jovem», o facto de os dois primeiros «Prémios Bayer de Jornalismo», que, segundo creio, são afinal os mais altos galardões literários atribuídos hoje em Portugal, haverem sido conquistados por dois homens de trinta anos, é mais uma prova de que no tocante a esse «poder jovem» estamos bem servidos.*

Momento muito significativo foi a entrega dos prémios aos três alunos do Ensino Técnico e aos cinco jornalistas distinguidos pela Bayer Portugal, um deles o nosso chefe de redacção, dr. Vítor Direito, ausente, motivo por que a sua menção honrosa veio a ser recebida pelo dr. A. Ruella Ramos.

O nosso director quando recebia das mãos de Jaime Mourão Ferreira a menção honrosa de Jornalismo atribuída ao chefe de redacção do «Diário de Lisboa», dr. Vítor Direito.

Em nome dos premiados falou Manuel Dias, para vincar a importancia do gesto da Bayer e mencionar um problema que lhe é muito caro como profissional.

— *Em jornalismo* — disse — *sou um autodidacta, como todos os que em Portugal são jornalistas. E seria bom que finalmente o jornalismo fosse encarado a sério, não pelos jornalistas, que têm já consciência da seriedade da sua condição, mas pelos altos poderes do País. Mais do que cursos de jornalismo, precisamos de uma autêntica Faculdade de Jornalismo. Nenhum diploma confere talento, mas a técnica de qualquer profissão aprende-se a tempo no estudo e com mestres autorizados. Faço votos para que a Faculdade de Jornalismo seja, ràpidamente, uma realidade em Portugal.*

Celebrações do Dia de Finados

Amanhã á tarde e durante todo o dia 2, estará aberto o jazigo onde repousam os restos mortais do saudoso Padre Cruz, no cemitério de Benfica.

— No dia 2, ás 12 horas, na capela do cemitério dos Prazeres, será rezada missa mandada celebrar pelo Comando da P. S. P., pelas almas dos agentes falecidos.

HOMENAGEM AOS MORTOS NA GUERRA

O Governo Militar de Lisboa presta homenagem a todos os combatentes mortos pela Pátria, no próximo dia 2 de Novembro, depondo flores, ás 11 horas, nos talhões privativos a cargo da Liga dos Combatentes e existentes na área da jurisdição daquele Governo Militar.

Por seu lado, a Comissão Central Administrativa da Liga dos Combatentes, seguindo uma tradição de muitos anos, irá igualmente depor flores á entrada das catacumbas do talhão privativo do cemitério do Alto de São João, também no dia 2, ás 11 horas, unindo-se á homenagem que é prestada pelo Governo Militar de Lisboa.

NOVA HOMENAGEM À MEMÓRIA DO POETA MANUEL BANDEIRA

O grupo de estudantes universitários brasileiros e alguns portugueses que participou há dias no sarau de homenagem á memória do poeta Manuel Bandeira, pretende interpretar, no futuro, poesia de outros poetas brasileiros e portugueses.

Entretanto, dado o êxito da sua primeira actuação, o grupo — constituído por rapazes e raparigas — foi convidado a participar em novo sarau em honra de Manuel Bandeira, a realizar no dia 7 de Novembro, pelas 21 horas, também na Livraria Quadrante.

Este novo sarau, igualmente organizado pelo embaixador do Brasil, dr. Ouro Preto, destina-se a convidados, nomeadamente, membros do corpo diplomático.

FEIRA DOS SANTOS EM GÓIS

Amanhã, decorre em Góis a tradicional Feira dos Santos, a dos apreciados torresmos de porco e magustos de castanhas, produtos agrícolas, tecidos, quinquilharias, etc.

De Lisboa parte esta tarde uma excursão, promovida pela Casa do Concelho de Góis.

MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA

Recomeçam no próximo dia 3, depois de um breve período de férias, as actividades de animação socio-cultural relacionadas com a Exposição Itinerante sobre Mecanização Agrícola promovida pela Junta de Acção Social com a colaboração da Junta de Colonização Interna.

A Exposição é agora apresentada em Monte Real, a pedido da Associação de Regantes e Beneficiários do Vale do Lis. O programa consta de apresentação de maquinaria e demonstrações, por casas da especialidade, a partir das 10 e 30.

De tarde haverá colóquio orientado por técnicos dos serviços agrícolas oficiais (Junta de Colonização Interna, Junta de Hidráulica Agrícola e Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas).

Andou de táxi 200 quilómetros e não pagou

COIMBRA 31 — Na Secção de Justiça da P. S. P., foi apresentada queixa pelo sr. Abel Armando Brites, de 60 anos, casado, residente em Favaios do Douro (Alijó), contra um indivíduo desconhecido que trouxera no seu carro até esta cidade e desapareceu sem lhe pagar o serviço, na importância de 836 escudos, pois andou 200 quilómetros.

Segundo a queixa, o motorista e o cliente encontraram-se a almoçar numa casa da Rua Direita e, em determinada altura, pretestando que ia á casa de banho, o cliente desapareceu.

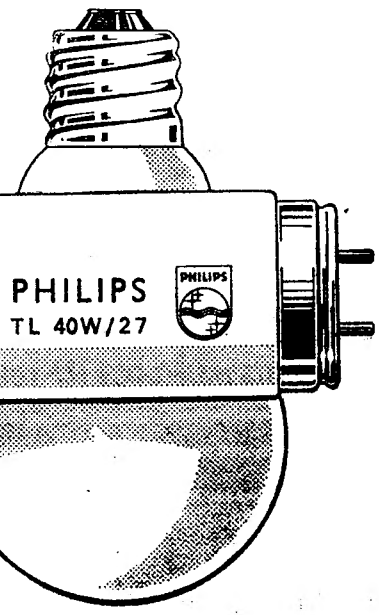
Apenas se sabe que é um homem alto e magro, com cabelo bastante comprido, rosto moreno e vestindo fato escuro.

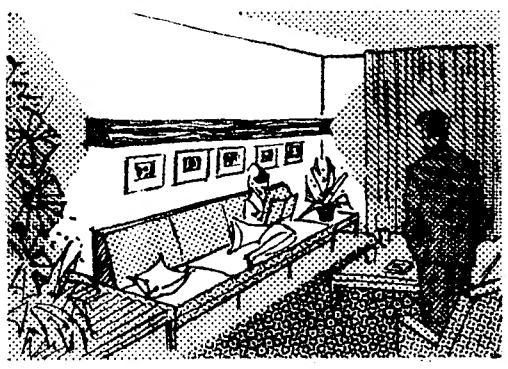
Note-se que este é o terceiro caso do género, ocorrido em pouco tempo. A P. S. P. não conseguiu ainda prender qualquer dos burlões.

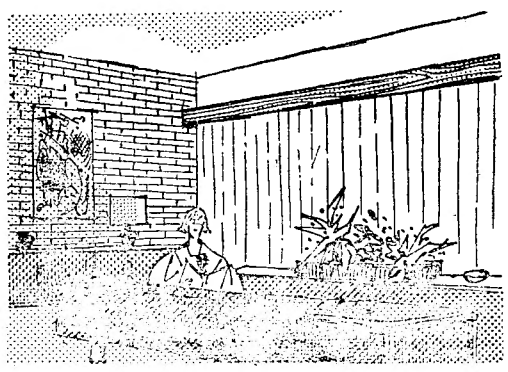
NOVA LÂMPADA FLUORESCENTE
"CONFORTO DE LUXO" (cor 27)

PHILIPS

PARA ILUMINAÇÃO DE RESIDÊNCIAS







PARA UMA COMBINAÇÃO PERFEITA COM A ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE

Mercê de persistentes investigações que incidiram principalmente no complexo domínio da ciência da cor, a PHILIPS lança no mercado uma lâmpada fluorescente de 2800°K, notável pela sua tonalidade original, suave, repousante, cuja composição espectral é, PELA PRIMEIRA VEZ, semelhante à das lâmpadas de incandescência normais.

Aconselhadas também para:
HOTÉIS • RESTAURANTES • SALÕES DE CHÁ • CABELEIREIROS • SALÕES DE BELEZA • BIBLIOTECAS • SALAS DE CONFERÊNCIAS • CINEMAS

Todos os pormenores sobre a aplicação destas novas lâmpadas podem ser solicitados ao Departamento de Iluminação da

PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L.

RUA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 66 — LISBOA • RUA FERNANDES TOMÁS, 760 — PORTO

Actualidade internacional

Jovens americanos desiludidos projectam uma série de protestos contra a eleição presidencial

NOVA YORKE, 31 — (R.) — Jovens americanos desiludidos projectam desencadear hoje uma série de protestos á escala nacional por dizerem uqe a eleição presidencial não lhes oferece nenhuma escolha.

Os jovens marcharão pelas ruas das grandes cidades, organizarão comícios e estabelecerão piquetes junto das assembleias de voto, para tornarem bem clara a sua opinião de que o actual sistema eleitoral americano ignora pura e simplesmente a opinião do povo.

Esta série de manifestações começára hoje em Nova York com uma marcha de protesto contra o comício de Richard Nixon, no Madison Square Garden.

Os animadores desta campanha organizarão «pique-niques de amor», queimarão convocações para a tropa e soltarão nas ruas porcos engordurados — tudo como protesto contra uma eleição que eles consideram fraudulenta.

Em São Francisco o chefe dos «yippies» (Partido Internacional da Juventude) convidou os seus partidários a despirem-se nas cabines de voto e a despejar L. S. D. na água potável.

Serão estabelecidos piquetes em volta dos quartéis-generais dos dois candidatos.

Nixon, residente em Nova York, terá de atravessar várias linhas de piquetes para ir votar.

Os organizadores sugerem que os eleitores votem em Humphrey para impedirem a eleição de Nixon e levem consigo chicotes para se auto-flagelarem.

Estão também projectadas marchas de protesto para 20 de Janeiro, dia da tomada de posse do novo presidente — seja ele quem for.

A comissão nacional para o fim da guerra do Vietnam — um dos organizadores destes prostestos — distribuiu um planfleto exortando os seus partidários a convergirem para Washington, no início do próximo ano, «com a mesma determinação com que foram a Chicago. No dia da posse do novo presidente podemos chamar a atenção de todo o país se nos parecer que o Governo parece disposto a outros quatro anos de guerra, repressão política, pobreza e racismo».

Quase assegurada a vitória de Humphrey?

NOVA YORK, 31—(A.N.I.) — O candidato do Partido Democrático á presidência, Hubert Humphrey, está á beira de conseguir os 270 votos eleitorais que asseguram a vitória — anunciou um elemento dos seus serviços de candidatura.

«Peço a vossa ajuda como nunca vos pedi antes» — disse Humphrey a uma multidão de dez mil pessoas reunidas no centro comercial de Nova York.

«Vamos lutar como nunca» — acentuou o candidato democrático, que recordou as visitas de Harry Truman e John Kennedy a esta cidade, pouco antes das eleições que os levaram á Casa Branca.

Greve que continua

MIERES (ESPANHA), 31 — (A. N. I.) — Continuam em greve cerca de 1400 mineiros de oito poços carboníferos de Mieres, nas Asturias.

A situação, que dura há semanas, mantém-se na expectativa do resultado das conversações entre os representantes sindicais e o patronato.

Acordo próximo

— prevê o «New York Times» relativamente ao Vietnam

NOVA YORK, 30. — (F. P.) — «Os Estados Unidos e o Vietnam do Norte estão próximos dum acordo quanto á cessação dos bombardeamentos», escreve hoje o «New York Times», em título a três colunas na primeira página.

Citando «fontes diplomáticas informadas», o correspondente do jornal na capital francesa precisa que após «intensas negociações secretas», as delegações americana e norte-vietnamiana «teriam quase chegado a acordo no que se refere ao meio de fazer entrar as conversações de Paris numa nova fase».

Os delegados de Hanói — acrescenta — teriam indicado que o Vietnam do Norte se mostra «favoràvelmente disposto» em relação a um projecto americano, o qual prevê a participação de representantes de Saigão e da F. N. L. na próxima fase das negociações.

DECLARAÇÃO JAPONESA

TÓQUIO, 31. — (F. P.) — O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros japonês declarou hoje que informações recebidas pelo Governo «das suas missões diplomáticas no Mundo inteiro» permitem supor que uma espécie de «cessação condicional» dos bombardeamentos do Vietnam do Norte poderá ser decidida antes de 5 de Novembro, dia das eleições presidenciais americanas.

DESMENTIDO

SAIGÃO, 31. — (F. P.) — O presidente Van Thieu desmentiu formalmente as declarações que lhe foram hoje atribuídas, segundo as quais «o fim da guerra estava próximo».

OPOSIÇÃO

SAIGÃO, 31. — (A. N. I.) — O presidente Thieu reuniu-se em Saigão, com os seus principais colaboradores.

Nos círculos políticos bem informados diz-se que teria sido decidido naquela reunião, manter a oposição de Saigão a qualquer suspensão total dos bombardeamentos aéreos do Vietnam do Norte, enquanto não houver da parte de Hanói um gesto recíproco de redução da intensidade das operações militares no Sul.

RECUSA

WASHINGTON, 31. — (R.) — A Casa Branca recusou fazer qualquer comentário sobre uma declaração feita a noite passada em Paris por um informador norte-vietnamiano de que Hanói teria algo de novo a oferecer, dentro de uma hora, se os Estados Unidos pusessem termo aos bombardeamentos ao Vietnam do Norte.

O fim dos bombardeamentos daria grande impulso à candidatura de Humphrey

NOVA YORY, 31 — (R.) — A persistência dos rumores sobre a cessação dos bombardeamentos ao Vietnam do Norte atirou para o segundo lugar da actualidade a campanha eleitoral americana, embora se esteja apenas a cinco dias da data da eleição.

Nem Humphrey nem Nixon se têm manifestado sobre a cessação dos bombardeamentos. Mas ambos estão preparados para a eventualidade de esse acontecimento se dar antes da eleição.

A cessação dos bombardeamentos daria um grande impulso á candidatura de Humphrey que os inquéritos á opinião publica dizem estar a aproximar-se muito de Dixon.

Mas por outro lado causaria má impressão aos eleitores a ideia de que o presidente Johnson fizera deliberadamente coincidir a cessação dos bombardeamentos com o final da campanha eleitoral.

O candidato republicano á vice-presidência, Spiro Agnew, está envolvido numa discussão com o jornal «New York Times» que o acusa de nem sempre desligar a sua actividade de homem publico dos seus interesses particulares.

Por seu lado, o «Chicago Tribune» acusa Humphrey de ter recebido o terreno onde se encontra a sua casa do Minnesota como presente de um correligionário.

Humphrey replicou que tinha comprado o terreno por bom preço — a um republicano.

Nixon faz hoje campanha em Nova York com um gigantesco comício em Madison Square Garden que se espera seja perturbado por manifestações contra a guerra do Vietnam.

Humphrey passou o dia de ontem em Nova York tendo comparecido num comício onde previu que ganharia os votos de 7 dos 9 mais importantes Estados. «O sr. Nixon tem dito que tem a eleição no saco. Pois bem, quando quando abrir esse saco no dia 5 de Novembro, salta de lá Humphrey...».

George Wallace fez ontem um comício em Filadélfia e de novo se registaram cenas de violência com a Polícia a interveir para pôr termo ás lutas entre adversários e partidários do candidato.

A noite passada, em Los Angeles, o senador McCarthy exortou os eleitores negros a votarem em Humphrey, o homem uqe o derrotou na designação do Partido Democrático para candidato á presidência.

McCarthy falou a uma multidão de 1000 negros numa igreja baptista de Los Angeles, convidando-os a fazerem todo o possível para conseguirem a eleição de Humprey na próxima terça-feira.

No seu discurso de vinte minutos, McCarthy ridicularizou Richard Nixon e a sua teoria do aumento do poder nuclear dos Estados Unidos.

AMÉRICA
de
KAFKA
COLECÇÃO «DOIS MUNDOS» N.º 101—55$00

O FUTURO DO ESPAÇO
de ALBERT DUCROCO
Uma nova era na vida dos homens é descrita com vigor científico por um investigador de fama internacional.
COL. VIDA E CULTURA N.º 35 — 80$00

PERIGO ENTRE ESPIÕES
de PETER CHEYNEY
Um novo «suspense», em que a surpresa colhe o leitor a todo o momento.
COL. VAMPIRO N.º 257 — 15$00

LIVROS DO BRASIL
A venda em todas as livrarias.
Pedidos contra-reembolso para:
Rua dos Caetanos, 22 — LISBOA

★ APTOS A RECEBER O 2º PROGRAMA
NORDMENDE
não é uma marca vulgar de aparelhos de Televisão. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante, o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade.
EXPOSIÇÃO E VENDA:
IMPERLUZ
★★★★★★★★
Av. Almirante Reis, 172-A
★★★★ NORDMENDE

Contacto

O principal delegado do Vietnam do Norte ás conversações de Paris, Xuan Thuy, á chegada, ontem, ao Centro de Conferências Internacionais, para mais uma reunião com os representantes dos E. U. A., numa altura em que aumentaram os rumores sobre a iminência de um acordo entre as duas partes. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa)

Mudança na política externa dos E. U. A. seja qual for o candidato eleito

WASHINGTON, 31 — (R.) — Seja quem for que venha a ganhar as eleições presidenciais nos Estados Unidos, a política externa norte-americana parece destinada a uma mudança, existindo indícios de que a política global de Washington será talhada de forma a ajustar-se a novas concepções.

O candidato democrático, vice-presidente Hubert Humphrey, e o seu rival republicano, Richard Nixon, fizeram ambos a promessa de que «não haverá mais Vietnams», e ambos pediram uma revisão geral dos compromissos assumidos com o estrangeiro.

O auxílio ao estrangeiro, já reduzido de um terço, deve ser uma das principais vítimas. Ambos os partidos rejeitaram o conceito de que os norte-americanos são os «polícias do Mundo» e consideraram que a política externa dos Estados Unidos se dilatou demasiadamente.

Os discursos eleitorais, repletos de promessas de mudanças subtis indicam novas direcções, reformas diplomáticas e militares, reajustamentos para mais e para menos.

Embora se declarem favoráveis a novos limites para os compromissos dos Estados Unidos, tanto Humphrey como Nixon afirmam que pretendem continuar a dialogar com o Kremlin, e tanto um como o outro ofereceram o mais completo apoio ao Tratado da Aliança do Atlântico Norte (N.A.T.O.), embora insistindo em que os europeus devem desempenhar o principal papel.

A nota dominante da campanha eleitoral — retraimento da política externa em vez de expansão — parece destinada a acalmar um país agitado e frustrado devido á guerra do Vietnam.

Os veteranos da Secretaria de Estado sentem-se alarmados por uma situação que consideram um endurecimento dos sentimentos neo-isolacionistas. Os candidatos, contudo, negam ser sua intenção fazer com que os Estados Unidos voltem as costas ao Mundo, mas afirmaram que a sua acção será guiada por novas prioridades, as quais ainda se mantêm indefinidas.

Aos eleitores têm sido oferecidas declarações surpreendentemente semelhantes sobre política externa através dos manifestos distribuídos pelos partidos rivais. O próprio candidato do Terceiro Partido, George Wallace, que, quanto aos problemas internos, adoptou a linha dura, relativamente aos problemas internacionais básicos assumiu posição não muito afastada dos outros candidatos.

Richard Nixon fala da «completa revisão da política norte-americana em todos os sectores do Mundo», a fim de se decidir o que é de interesse para a nação.

O candidato democrático, Humphrey, afirma que procederá a uma revisão dos «compromissos tomados noutros tempos», para decidir o que é de interesse para a nação.

Acrescenta que os Estados Unidos «não podem desempenhar o papel de polícias do Mundo», e que «o povo norte-americano não deseja tal papel e o resto do Mundo não o aceita».

KIESINGER SATISFEITO COM AS CONVERSAÇÕES EM LISBOA E MADRID

BONN, 31 — (A. N. I.) — Ao regressar ontem a Bonn, terminada a viagem á Península Ibérica, onde visitou Portugal e a Espanha, o chanceler Kurt Georg Kiesinger declarou-se satisfeito com as conversações que teve oportunidade de travar em Lisboa e em Madrid e acrescentou que os dois Governos se sentem intimamente ligados á Europa e ao Ocidente, com o qual desejam aumentar os presentes laços.

Além disso, as conversações travadas com governantes portugueses e espanhóis deram-lhe a possibilidade de compreender melhor do que nunca os problemas daqueles dois países. Pelo seu lado, teve oportunidade de explicar a actual situação alemã e de contribuir para a confiança na política alemã.

Os jornalistas quiseram depois ouvir a sua opinião sobre os casos de espionagem, que estão a registar-se na Republica Federal. O chanceler declarou-se convencido de que não há, realmente, um problema grave, nesse sector, mas confirmou que estudará o relatório, que mandou elaborar quando se encontrava em Madrid e que apreciará numa sessão normal do Gabinete.

PREGAS NAS SAIAS
PERMANENTES
GRAÇAS A PLEETSET
Sensacional produto Inglês
MUITO FÁCIL DE APLICAR
Repres.: SCHROETER & ALMEIDA
Rua da Madalena, 128-2.º Telef 86 91 09

Morrem por dia em Biafra 30 a 40 mil pessoas

— revela um relatório da O. N. U.

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 31 — (F. P.) — O número de pessoas deslocadas nos sectores meridional e ocidental da frente de combate nigeriano-biafrense aumenta de 10 000 por semana, sendo a taxa diária de mortalidade de 30 a 40 mil pessoas, sobretudo crianças ou velhos. Esta foi uma das conclusões a que chegou o segundo relatório enviado ao secretário-geral da O.N.U. pelo seu representante na Nigéria, Nilsgoran Gussing.

Salientando que teve completa liberdade de movimentos na região de Port Harcourt e Calabar, bem como no triângulo Benin-Onitsha-Kwale, Gussing conclui que a situação nestas regiões varia muito: Benin mal foi afectada pela guerra, enquanto Onitsha se encontra inteiramente destruída. Não parece, diz o relator, que o Exército nigeriano tenha praticado destruições sistemáticas, mas o mercado de Onitsha, o maior da África Ocidental, ardeu completamente e vastas regiões cultivadas dos arredores de Port Harcourt ficaram devastadas.

Também variam muito as condições de vida da população civil, sendo muito remotas as possibilidades de regresso ao normal. Uma regra geral: os ibos, que não constituíam a maioria nos territórios conquistados ao Biafra, fugiram á frente das tropas federais e nunca regressaram. Estão nesta situação os 15 000 ibos que viviam em Calabar antes da guerra civil, integrados numa população de 65 000 pessoas.

O relatório refere a existência de numerosos campos de refugiados, melhor ou pior equipados, mas funcionando em condições aceitáveis e nalguns casos boas. As actividades de socorro são eficazes mas insuficientes tanto em pessoal como em material. A Cruz Vermelha nigeriana e o Comité Internacional da mesma organização trabalham em conjunto, mas sente-se uma séria falta de medicamentos, assim como de víveres.

Numa passagem consagrada aos prisioneiros de guerra e aos presos civis, Gussing observa que os soldados feridos de ambos os lados são tratados nas mesmas salas de hospital, em Port Harcourt. Os prisioneiros estão em boas condições físicas.

ISRAEL NÃO ESTARÁ SÓ NA EVENTUALIDADE DE INTERVENÇÃO RUSSA

— segundo o vice-primeiro-ministro

JERUSALÉM, 30. — (F. P.) — «Na eventualidade de uma intervenção militar soviética no conflito israelo-árabe, Israel não estará só» — afirmou ontem, no Parlamento, o vice-primeiro-ministro, Igal Allon, em resposta a perguntas.

Allon acrescentou: «A possibilidade de uma intervenção de forças da U. R. S. S. não é só um problema israelita como também de interesse vital para as outras potências».

A propósito, o vice-primeiro-ministro recordou a atitude dos Estados Unidos no fim da guerra de Junho de 1967 e a garantia moral por eles dada de manter o equilíbrio das forças no Médio Oriente. Para Allon, a U. R. S. S. pensaria duas vezes antes de se lançar em tal aventura, provàvelmente desejada por certos países árabes.

No que se refere á situação no Canal do Suez, Allon disse que para os melhores peritos, o canal não pode ser reaberto pela força, mesmo que a União Soviética o quisesse. O vice-primeiro-ministro opinou que o desimpedimento do canal é impossível sem a paz. O poderio de Israel — frisou — permite impedir qualquer tentativa unilateral de passar pelo canal.

Interrogado sobre a infiltração soviética no Médio Oriente, Allon declarou: «A U. R. S. S. é a principal responsável pela ausência de paz nesta região. Com efeito as entregas de blindados soviéticos não só compensaram as perdas na «guerra dos seis dias», mas também, nos próximos dezoito meses, a força blindada egípcia será 150 por cento mais forte. A força aérea da R. A. U. — acrescentou — é já 150 por cento mais considerável do que antes da «guerra dos seis dias» e ainda será reforçada de 50 por cento nos próximos meses. Por outro lado, o Egipto recebeu importante abastecimento em foguetões, unidades navais e outro material soviético. Há, neste momento, 3000 peritos militares soviéticos, em todos os níveis, junto do Exército egípcio».

CONCURSO VIGORMALTE

MARTINS & REBELO tem o prazer de informar que se realizou ontem nos estúdios do Rádio Clube Português, o sorteio do seu concurso, tendo sido premiados os seguintes concorrentes:

PRÉMIOS	NÚM.	NOME DOS PREMIADOS	MORADA DOS PREMIADOS	LOCAL
1.º Prémio	50 917	Maria Josefa Guerlixa Martins	Rua Dr. António José de Almeida, 4	Barreiro
2.º »	13 969	Maria Amélia Canelas Lopes Ferreira	Rua Serpa Pinto, 103, 1.º, Esq.º	Tomar
3.º »	29 902	Maria Cândida M. Campanela		Beringel — Beja
4.º »	09 699	Gervásia da Encarnação Candeias	Rua Jáu, 3, 1.º, F., a Santo Amaro	Lisboa-3
5.º »	22 681	Manuel Ribeiro da Costa	Alto da Amosguia	Cascais
6.º »	45 012	Maria João Castanheiro Rodrigues	Rua Passos Manuel, 47, 2.º	Lisboa
7.º »	48 083	Maria Fernanda Octaviano da Ponte e Sousa	Rua Bastos Nunes, 7, 1.º	Queluz
8.º »	50 546	Isaura dos Santos Teixeira Marques		Odemira
9.º »	22 900	Maria Amélia	Alto da Margueira, 22	Cacilhas
10.º »	47 295	Jorge Crespo Gomes	Rua Almeida Garrett, 19, 3.º	Vila Franca de Xira
11.º »	46 022	Zulmira Meireles	Estrada da Circunvalação, 25, G. F.	Algés
12.º »	33 858	Maria Filomena Alves Chito		Fundão
13.º »	35 963	Augusto José Moreira	Rua José Maria Fino, 61	Grândola
14.º »	26 037	Eugénio Pestana		Olhão
15.º »	14 547	Dinis Mendes Boza	Rua António Cândido, 83, 3.º, Esq.º	Porto
16.º »	05 913	Maria Ernestina Rosário Camões	Quinta de Santa Rosa	Alter do Chão
17.º »	52 645	Joaquina Maria Caetano Pires	Castelo do Bode	Tomar
18.º »	30 978	Maria José Capelo	Rua E 3, Lote 437, 4.º, B	Olivais Sul
19.º »	50 278	Aníbal Bento Simões	Escola Industrial e Comercial	Silves
20.º »	34 084	Maria de Lurdes D. Martins	Praceta de Goa, 12, 3.º, Dt.º	Amadora

VIGORMALTE realiza um novo sorteio em Outubro do próximo ano.

INCIDENTES EM TÓQUIO

TÓQUIO, 31 — (A. N. I.) — Três mil manifestantes, na sua maioria jovens, tiveram ontem novos recontros com a Polícia de choque, ao tentarem marchar sobre a residência oficial do primeiro-ministro e, depois, sobre o comando da Polícia.

O pretexto era a forma como haviam sido reprimidas outras manifestações, no dia 28, na estação ferroviária central.

NOVO SATÉLITE SOVIÉTICO

MOSCOVO, 31 — (F. P.) — A Tasse anunciou, hoje, o lançamento, pela U.R.S.S., de um novo satélite, com aparelhagem científica a bordo — o «Cosmos 250».

Foi colocado numa órbita em volta da Terra, com os parâmetros seguintes: período inicial de revolução, 95,8 minutos; distância máxima em relação á Terra, 556 quilómetros; distância mínima, 523 quilómetros; inclinação da órbita, 74 graus.

Os aparelhos de bordo funcionam normalmente.

Está assegurada a compra de uma das bombas de cobalto necessárias para a luta contra o cancro

O já tradicional peditório da Liga Portuguesa Contra o Cancro iniciou-se hoje em todo o País. E talvez não seja mau dizer-se que, graças á generosidade do grande público e de alguns particulares mais abastados, a assistência aos cancerosos está a tornar-se no nosso País um dos mais bem logrados movimentos assistenciais, mau grado o muito que há ainda a fazer.

Essas mesmas necessidades vão desde as que se fazem sentir no núcleo-base de Lisboa o Instituto Português de Oncologia Dr. Francisco Gentil, até ás que surgem com a necessidade de estabelecer em todo o Continente, ilhas e Ultramar uma eficaz rede de postos assistenciais.

Em Palhavã, por exemplo, está em vias de acabamento um edifício, que precisa de ser terminado e equipado, dando, assim, apoio a novos grupos de doentes. E torna-se desnecessário frisar que um hospital tem de actualizar, continuamente o seu equipamento e normas de trabalho.

A satisfação de uma das mais prementes necessidades está desde ontem assegurada, pois a milionária «madame» Marquet, residente em Portugal, dona de uma cadeia internacional de hotéis, ofereceu mais três mil contos, ascendendo, assim, a dez mil contos o contributo que prestou já em fases sucessivas á obra de assistência aos cancerosos portugueses.

É preciso, contudo, adquirir novas bombas de cobalto, ascendendo o custo de cada uma a mais de dois mil contos. Para além disso, tenta-se *desafogar* o Instituto de Palhavã, através da multiplicação dos centros, na capital, para o que se trabalha nas instalações de Alcântara e Moscavide. O Porto, Coimbra, Évora, Alcácer do Sal e Angra do Heroísmo constituem, igualmente, pontos imediatos das atenções dos médicos, cientistas e simples beneméritos que orientam a luta contra esse terrível flagelo.

É natural, pois, que o leitor, viva onde viver, nas cidades ou nas vilas portuguesas, tenha sido hoje abordado por uma das cinco mil senhoras, homens ou rapazes, pedindo-lhe uma moeda para os cancerosos. Se não pôde satisfazer esse pedido, hoje, pode ainda, amanhã e depois, contribuir para esse movimento de solidariedade.

Com o preço de uma *bica* (que hoje já não pesa na maior parte da bolsa de todos nós mau grado todas as dificuldades) poderá ajudar a salvar uma vida ou minorar o sofrimento de um seu semelhante.

Desse modo poderá ajudar a angariar, de novo este ano, seis ou sete mil contos, permitindo á Liga Portuguesa Contra o Cancro continuar a sua obra, que é a de nós todos.

CONGRESSO SOBRE CRIANÇAS DIMINUÍDAS MENTAIS

Uma delegação da Associação de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais, que em representação de Portugal assistiu ao IV Congresso da International League of Societies for the Mentally Handicapped, realizado em Israel de 20 a 27 de Outubro, acaba de regressar a Lisboa.

Além de Portugal, fizeram-se representar mais 33 países, reunindo oito centenas de congressistas.

As sessões do Congresso, realizadas na Universidade Hebraica de Jerusalém, decorreram sob o tema «Os diminuídos mentais — da caridade aos direitos», sendo as sessões plenárias seguidas de debate em sessões de grupo, dirigidas por eminentes personalidades.

Como membro activo da Liga, a A. P. A. C. D. M. fez-se também representar na reunião da assembleia geral que se realizou sob a presidência do prof. dr. Henry W. Cobb, dos Estados Unidos

PARTIU O VIDRO POR QUE NÃO FOI ATENDIDO

Foi ao começo do dia de hoje. Passavam trinta minutos da meia-noite. O guarda nocturno n.º 458, da 3.ª esquadra da P. S. P. sr. Francisco Lopes, entregou a um guarda da mesma esquadra (Mercês) o sr. Isaias do Nascimento Plácido, de 37 anos, solteiro, pedreiro, natural de Meda e residente em Lisboa, na Travessa do Guarda-Mor. 30, r/c., esq.

O sr. Plácido era acusado de, pouco antes, ter partido voluntáriamente o vidro da porta do estabelecimento de comidas e bebidas, sito na Rua da Atalaia, n.º 142 e pertencente ao sr. José Araujo Rodriguez, de 61 anos, casado, comerciante, natural de Espanha e residente na Rua Nova do Loureiro, 33, r/c., esquerdo.

Tal atitude foi tomada pelo sr. Plácido em virtude de o sr. Rodriguz lhe ter negado a entrada no seu estabelecimento e se ter recusado, igualmente, a fornecer-lhe qualquer bebida, pois estava na hora de encerrar o estabelecimento. O vidro foi avaliado em 200$00 pelo proprietário.

O sr. Plácido recusou-se, na altura, a satisfazer tal importancia, a assinar o boletim do registo criminal e a registar as impressões digitais.

JÓIAS

Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas ● OURIVESARIA PIMENTA ● Rua Augusta, 253.

O Chefe do Estado e membros do Governo no momento em que entravam na sala

ABRIU O ANO LECTIVO DA ACADEMIA MILITAR

sob a presidência do Chefe do Estado

O Chefe do Estado abriu hoje solenemente o ano lectivo (1968-69) da Academia Militar, ao presidir a uma sessão solene esta manhã naquele estabelecimento de ensino, onde cinco ministros, um secretário e dois subsecretários de Estado, acompanhados por um bispo (Madarsuma), assistiram a uma oração de sapiência e á distribuição de prémios escolares.

Estavam também presentes os chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas, do Exército e da Armada e os reitores das Universidades Clássica e Técnica.

A hora prevista montou-se uma guarda de honra (cadetes) na porta de armas, mas a intensa bátega que caiu levou os oficiais a mandar recolher os encharcados cadetes.

Assim, o Chefe do Estado entrou imediatamente no ginásio onde decorreu a sessão solene, a qual teve palavras de abertura pelo brigadeiro Viotti de Carvalho, comandante interino de Academia Militar.

Após a oração de sapiência do eng.º José Maria Lourenço de Quadros e Costa, o Chefe do Estado procedeu á entrega dos prémios escolares que foram os seguintes:

Prémio de curso (quatro mil escudos) tenente Francisco Baraço; prémio pecuniário de aptidão intelectual, alferes Marciano Guimarães Vaz Gato; prémio Alcazar de Toledo (presente o adido militar espanhol) tenente miliciano Joaquim Casaca; prémio Exército Brasileiro (presente o adido militar brasileiro), tenente miliciano Joaquim Casaca; prémio Força Aérea Brasileira, tenente António Medeiros; prémios Defesa Nacional (prémios monetários) cadete António da Luz e alferes António Cardoso; prémio major Carlos Mota de Oliveira, tenente Joaquim Casaca; e prémio tenente-coronel de Aeronáutica Pedro José Maria de Avilez, cadete Luís Manuel Ribeiro.

Terminada a sessão solene, o Presidente da República, passando pelo refeitório, dirigiu-se a sala de aulas onde almoçou.

As bases americanas em território português e a utilização da de Beja pela força aérea alemã

Exactamente um mês depois de o prof. Marcello Caetano ter assumido o Poder, a Imprensa alemã revelou que os Estados Unidos têm intenção de transferir de Espanha para Portugal as suas bases aéreas e que a base de Beja ganhou uma nova importância, na medida em que os soviéticos aumentam o seu poderio naval no Mediterrâneo, segundo informa a agência noticiosa A. N. I.

Os jornais germânicos salientam, por outro lado, o apoio que Bonn diz estar disposta a dar ao Governo português no caso deste desejar concretizar em dado momento *«qualquer tipo de aproximação»* com o Mercado Comum — Comunidade Económica Europeia.

Isto parece ser a mais poderosa contrapartida para a utilização por alemães da base de Beja. Por outro lado, o ministro Franco Nogueira admitiu (e o próprio chanceler, em reunião com um pequeno grupo de jornalistas portugueses o afirmou) que *«existe um considerável «defict» para Portugal na balança de pagamentos luso-alemã»*.

Quanto a Beja, o ministro acrescentou que *«trata-se de uma base aérea portuguesa com facilidades para a República Federal da Alemanha. As facilidades foram concedidas e aquela república pode utilizá-la como melhor entender.»*

A construção das instalações alemãs na base de Beja foi vivamente criticada pela Imprensa e pela opinião alemãs, até porque a sua importancia estratégica ficaria reduzida no caso de a Espanha continuar a opôr-se a que o seu território seja sobrevoado pelos aparelhos da Luftwaffe.

Isso levou o Governo de Bonn a suspender o ritmo acelerado da construção da base e, em princípio, as instalações que se destinariam a 5000 militares e familiares foram reduzidas para um efectivo total de 300 pessoas.

De princípio, a base de Beja destinava-se, fundamentalmente, a treinos de voo a jacto e a ensáios de voo rasante com os famosos caças supersónicos «Starfighters».

A inspecção de Beja por altos funcionários de Lufthansa e informações de certos círculos bem informados e semi-oficiais poderiam deixar concluir que a base, sem perder o seu carácter militar poderia ganhar uma máscara mais pacífica sob as cores amarela e azul da Lufthansa, a companhia comercial oficial alemã, cores essas que fariam com que a Espanha não se opusesse a ser sobrevoada por aviões que as ostentassem, provenientes da Alemanha e com destino a Beja.

Sorriso de satisfação de Suzanne McClelland, após ter sido eleita «Miss Austrália 1969», em Melbourne

Leiria vai premiar a devoção de um casal à causa da arte e cultura

LEIRIA, 31 — Esta cidade vai hoje, ao fim da tarde, saldar uma dívida de gratidão e reconhecimento ao sr. dr. Agostinho Gomes Tinoco e sua esposa, D. Maria Carlota Tinoco, um casal que á arte e cultura aqui tem devotado a sua vida. À homenagem, cuja iniciativa pertence à Câmara Municipal, associa-se o Governo através da atribuição de condecorações da Ordem de Instrução Pública.

Do programa da homenagem consta uma sessão solene, ás 18 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho, presidida pelo sr. Bernardo Pimenta, presidente do Município, o qual, depois de traçar o perfil dos homenageados lhes entregará a medalha de ouro de Mérito, Arte e Cultura, atribuida a ambos pela Câmara.

À noite, pelas 21 e 30, realiza-se no Teatro José Lúcio da Silva um sarau dedicado aos homenageados, que terá a colaboração da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e a cooperação de muitas outras figuras da música portuguesa.

Num dos intervalos do espectáculo, o sr. Olímpio Duarte Alves, governador civil de Leiria, imporá ao sr. dr. Agostinho Gomes Tinoco e á sr.ª D. Maria Carlota Tinoco, as insígnias conferidas pelo Governo, respectivamente, comenda da Ordem da Instrução Pública e grau de oficial da Ordem de Instrução Pública.

Depois do sarau, o ilustre casal será obsequiado com uma ceia volante na Estalagem Claras, para a qual se encontram inscritos muitos amigos e admiradores dos homenageados.

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO*LISBOA*QUELUZ

Tentava roubar um automóvel mas foi preso

Esta noite, na Rua de Artilharia 1, um guarda da P. S. P. observou que dois indivíduos tentavam furtar um automóvel ali estacionado. Tentou deitar-lhes a mão mas ambos se lançaram em fuga á sua aproximação.

O guarda (n.º 1181, sr. Jorge Filipe dos Ramos Jorge, da 22.ª esquadra) perseguiu um deles, disparando, inclusive, um tiro para o ar, procurando amedrontá-lo. Contudo, o fugitivo não se deteve, prosseguindo em fuga.

O guarda acabou por alcançá-lo na Rua das Amoreiras. E prendeu-o, então.

Conduzido á esquadra do Rato, verificou tratar-se de Carlos Alberto Campos Pereira, de 24 anos, solteiro, sem profissão e sem morada certa. Segundo declarou, conheceu na prisão o seu companheiro de aventura frustrada, pois conta já duas prisões: uma por vadiagem, outra por venda de artigos furtados.

SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS

Com a presença de alguns juristas e economistas, reuniu-se a direcção da Sociedade Protectora dos Animais, tendo sido deliberado levar a efeito urgentes diligências para a resolução de problemas de maior interesse para a causa zoófila

MACIÇOS ROCHOSOS ESTUDADOS NO L. N. E. C.

Organizado pelo Agrupamento Português de Mecanica dos Solos e das Rochas, decorrerá de 19 a 21 de Maio do próximo ano, um simpósio internacional sobre determinação de tensões em maciços rochosos, com o patrocínio da Sociedade Internacional de Mecanica das Rochas em colaboração com o Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Em face do desenvolvimento dos métodos e das técnicas utilizadas na determinação das tensões induzidas em maciços rochosos, domínio que tem vindo a interessar cada vez maior numero de especialistas, espera-se que cerca de uma centena de participantes de diversos países assistam áquela reunião.

O secretariado do simpósio encontra-se instalado no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

1.os Jogos Florais do pessoal de J. J. Gonçalves, Sucrs., S. A. R. L.

Realizou-se no passado dia 26 de Outubro, no Teatro Variedades, a entrega dos prémios aos classificados nos primeiros Jogos Florais dos empregados de J. J. Gonçalves, Sucrs. S. A. R. L. No programa colaborou a Emissora Nacional com a orquestra dirigida pelo maestro Tavares Belo, o conjunto Mário Simões, a cantadeira Celeste Rodrigues, as cançonetistas Maria da Glória, Mafalda Sofia, Fernanda Amaro Alice Amaro, Tonicha, Gina Maria, os artistas João Maria Tudela Artur Garcia, Valério Silva e ainda os acordeonistas Fernando Ribeiro e Fernanda Guerra.

Depois das variedades, o juri que classificou os trabalhos, constituído pelos srs. dr. Fernando Teixeira, presidente, Pedro Moutinho, J. Manuel Lamas, António Claro e arq.º José Manuel Zilhão, representante da empresa, procedeu á distribuição dos prémios. Entre os classificados que se distinguiram, destacamos a sr.ª D. Maria Emília Moura Azevedo com dois primeiros prémios e dois segundos, e que foi eleita rainha dos Jogos Florais. Os primeiros prémios de fotografia, arte infantil, poesia lírica, soneto, quadra e conto foram respectivamente atribuidos a João Fernando Peixoto, menina Maria Alexandra Castelo Branco, D. Maria Emília Moura Azevedo e Rui Fernandes «ex-aequo», Francisco Rosário Gomes, D. Sara Neves Reis e dr. Vasconcelos e Sá «ex-aequo» e dr.ª D. Ana Maria Sá Dantas.

Os trabalhos atingiram excelente nível e demonstraram as qualidades artísticas e intelectuais do Grupo J. J. Gonçalves, Sucrs. S.A.R.L.

Para o êxito do programa muito contribuiu a extraordinária intérprete que é a artista Laura Soveral que leu, com grande inspiração, as composições poéticas premiadas.

Durante a entrega dos prémios dos 1.os Jogos Florais de J. J. Gonçalves, Sucrs., S. A. R. L.

Joalharia Mergulhão

Fornecedora
do Corpo Diplomático

— Fundada em 1895 —
ARTISTICAS

162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — LISBOA

Torre de Babel

por João Medina

A rotina e o êxtase: ORFEU E OS CAMINHOS-DE-FERRO

SE ME PEDISSEM um exemplo flagrante de duas coisas incompatíveis, diria sem hesitar: a poesia e os caminhos de ferro. Por outras palavras, a Flor Azul e a linha Rossio-Agualva. Mas agora, lida uma notícia que me vem da Alemanha, vacilo nas minhas convicções e confesso-me pronto a cantar a palinódia. Porquê? O caso merece atenção.

Imagina, leitor amigo, que em vez de morares onde civilmente moras, residias antes no Cacém-Agualva. Já imaginaste? Bem. Imagina então agora que, tendo um emprego em Lisboa, fazes todos os dias a viagem Rossio-Agualva-Cacém: sais do escritório a correr, vestes o impermeável no elevador, tomas o autocarro em andamento, desces arriscadamente a dois passos da venerável estação do Rossio, sobes no meio dum cacho de gente até à plataforma superior, corres uma vez ainda até ao comboio prestes a partir, consegues miraculosamente um lugar sentado e, uma vez vencidos todos estes obstáculos duma migração suburbana quotidiana, te prepadas enfim para tragar a tua ração diária de notícias do mundo: eis o teu jornal aberto e os teus olhos a saltarem duma catástrofe no Perú para um casamento no Luxemburgo, daqui para um massacre algures em África, depois uma eleição, um terramoto, uma guerra, outra guerra, um golpe de Estado, etc.

Imaginaste comigo todas estas prosaicas situações? Muito bem. Nesse caso peço-te um pequeno esforço ainda: imagina agora que, entrado o comboio no túneu do Rossio ou por alturas da Amadora, quando ainda consomes o teu jornal da tarde e um revisor sonolento vai pedindo a todos a prova tangível de não viajarem fraudulentamente, nesse tão vácuo momento entre dois nadas, no geral silêncio dum cacho de mortais que rumina o jornal a caminho das periferias pequeno-burguesas alguém se levanta e anuncia numa voz sem réplica: «E agora, meus amigos e meu irmãos, vou ler um poema meu chamado Enriquecimento ...».

Ris, achas alucinada a minha fantasia, supões de todo inverosimil que Orfeu viaje num comboio suburbano, não crês na Flor Azul de que falava Novalis, recusas-te a associar o êxtase tão raro da Poesia à trivialidade quotidiana dos Caminhos de Ferro. Pois fazes mal, como mal eu fazia: não descreias tão depressa do grau de miraculosidade do nosso mundo industrial e técnico, não penses que a Flor Azul só diz as suas pétalas rarissimas em vertiginosas latitudes, em remotas e quiçá quiméricas paragens onde os homens têm ainda tempo e vagar para verter a gota dum poema na aridez do dia-a-dia. Não, não descreias, amigo meu, não desesperes: a Flor Azul continua a florir à beira dos «rails», no interior das carruagens de segunda classe, no meio dos semáforos de trânsito, por entre o cimento monótono das nossas gares, junto às passagens de nível, talvez mesmo no cérebro ou no bornal dum revisor ...

Mas se persistes em descrer, deixa-me então proporcionar-te uma surpresa, trazendo até ti um prodígio ferroviário, um Orfeu dos subúrbios. Comecemos pelo nome do meu extraordinário bipede implume: chama-se Horst Bingel, é alemão e tem uma bizarria: é poeta; mas não faz poemas como toda a gente que poemas faz; melhor, não os diz como geralmente soe dizer-se poesia, com os olhos em alvo diante duma assembleia selecta e mui culta, à meia-luz propicia, a voz trémula a oscilar entre o patético e o voluptuoso; não, o nosso poeta escapa a todos esses lugares comuns. Que faz ele então, como faz o nosso Bingel?

Quando, tal como diàriamente farias se vivesses em Agualva-Cacém, os falsos citadinos se embrenham no labirinto ferroviário e voltam para suas casas a mastigar jornais, um poeta chamado Horst Bingel levanta-se, tosse para aclarar a voz e rompe o silêncio todo cinzento do comboio para anunciar que vai ler poemas seus; e lê-os, ante o espanto, o deleite, o desdém ou a curiosidade dos passageiros que tornam aos bairros periféricos de Francforte sobre o Meno. Ah! dirás, em Francforte, claro, longe ...! Mas aqui, no Rossio, no túnel do mesmo nome, a caminho da Amadora ou de Agualva-Cacém ...!

Vês como te obstinas em recusar o milagre, o desabrochar improvável da Flor Azul numa carruagem dos caminhos de ferro! E porquê? Não acabas de ver que na Alemanha há um poeta que decidiu transformar os passageiros suburbanos em ouvintes de poesia, de tal modo que a crónica diz ter havido casos de pessoas que, embevecidas, se esqueceram da estação em que deviam descer! Diz-se que Portugal é um país de poetas. Nesse caso, como explicar que tenha sido na Alemanha, nos arredores de Francforte, que um sequaz da Poesia se tenha lembrado de ir recitar versos aos passageiros que regressam aos bairros periféricos ao cair da noite? Como explicar ainda que num país tão dado a confiar continue acorrentada à rotina das páginas especializadas, dos livros próprios e dos recitais onde umas senhoras sonhadoras põem os olhos em alvo para ouvirem Orfeu? Ai, meu amigo, a estas tuas perguntas já não sei que responder ..

Strasbourg, Novembro de 1968.

António José de Almeida e José Relvas

Muito diferentes na origem e no temperamento, irmanou-os na mocidade o ideal democrático e ambos se consagraram á propaganda da Republica que depois haviam de servir no Governo Provisório e até final. Morreram ambos em 31 de Outubro de 1929. António José de Almeida tendo sido ministro, presidente do Ministério e Presidente da Republica, José Relvas ministro de Portugal em Madrid e presidente do Ministério, em momento por sinal bem difícil, saído o País de uma guerra, de uma ditadura e a braços com a incursão monárquica, vindos os incursionistas de terras estrangeiras.

Ambos serviram a Pátria com aquela isenção e desprendimento que foi timbre dos homens da geração que fez a Republica, dedicando-se por completo ao serviço do País.

Há 39 anos que morreram esses dois grandes portugueses. António José de Almeida foi o verbo candente e o estadista esclarecido cuja obra no sector da Instrução marcou ponto cimeiro nesse Governo Provisório em que José Relvas, o fidalgo e artista requintado, realizava reforma financeira modelar. Fieis a si mesmo até o fim, nem os ultimos tempos do ostracismo conseguiram delir as suas personalidades vigorosas. O seu exemplo continua vivo para as novas gerações que o saberão honrar dignificando-se.

CONGRESSO DE PSICANALISTAS

Com a discussão do processo analítico em Psicanálise prosseguiu, esta manhã, o XXIX Congresso de Psicanalistas de Línguas Romanicas.

Amanhã será discutida (10 horas) a psicossomática psicanalítica — e, sábado, discutir-se-á a aplicação da teoria psicanalítica para a compreensão dos males mentais.

MORADIAS

Vendo, em Carcavelos e Parede, preços de 675 a 750 contos. Facilito parte longo prazo. Trata dono. T. 539773 — escritório e 771664 — residência ou carta ao Apartado 1048, Lisboa-1.

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

A

Ourivesaria da GUIA

FUNDADA EM 1899

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 63
(Edifício do Hotel Mundial)

Baterias

AUTOSIL estabeleceu há 15 anos

o sistema de venda de baterias

valorizando

e recebendo em troca

a bateria inutilizada

para **Preços de Troca**

consulte a TABELa AUTOSIL

Todos os AGENTES AUTOSIL

cumprem rigorosamente

as valorizações estabelecidas

pela fábrica Autosil

para defesa do consumidor

av. 24 de Julho, 26-B telef. 661583-LISBOA

largo do Mercado, 38 telef. 242 14—FARO

AUTOSIL

rua D. João IV, 643 a 656 telef. 2 35 66—PORTO

rua Nuno Velho Pereira SANTARÉM

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4 %	525$	525$	530$
Consolidado 3 %	545$	—	545$
Consolidado 3 1/2 %	650$	645$	650$
Centenários 4 %	1.490$	490$	500$
Obrigs Tesouro 5 %	1.002$	00'$	002$
Externo Série	—	775$	800$
Externo Série c.	—	845$	850$
Externo 3 Série	—	830$	850$
Externo 3 Série c.	—	850$	905$
Cautelas 3 Série	—	200$	220$

OBRIGAÇÕES	Efec	Compra	Venda
Aguas Lisboa 5 %	—	—	480$
A P I. 5 % 56	—	940$	—
A P I. 5 % 58	940$	940$	950$
C P 4 1/2 % 65	920$	915$	920$
C P 5 1/2 % 67	—	010$	015$
C U F 6 %	1.000$	000$	—
C U F 6 % 68	—	1.002$	—
Gás Elect 4 % 48	—	850$	—
Gás Elect 4 1/2 % 51	—	900$	—
Gás Elect 5 % 52	—	910$	—
Gás Elect 5 % 58	—	885$	—
Gás Elect 5 % 59	—	885$	905$
Gás Elect 5 % 62	—	920$	—
Gás Elect 5 % 63	—	920$	—
Gás Elect 5 % 65	—	920$	—
Gás Elect 5 % 67	—	020$	—
H E A Alentejo 5 %	—	825$	835$
H E Cávado 5 %	—	830$	850$
H E Cávado 6 %	—	1.000$	002$
H E Douro 5 %	—	830$	850$
H E Douro 6 %	—	1.000$	.002$
H E Norte Port 5 %	—	—	—
H E S. Estrela 6 %	—	1.000$	—
H E Zêzere 5 % 55	—	—	855$
H E Zêzere 5 % 57	—	—	855$
Lisnave 6 %	1.000$	1.000$	—
Metropolitano 4 %	904$	902$	904$
Metropolitano 5 3/4 %	1.012$	1.005$	.012$
Moçambique 5 %	—	750$	—
Nac Electr 5 %	835$	830$	840$
Nitratos 5 %	—	—	—
Nitratos 5 % 60	—	—	—
Petroquímico 5 %	—	860$	—
Port Celul 5 %	—	950$	—
Sacor 5 % 54	—	950$	—
Sacor 5 % 60	—	905$	—
Siderurgia 5 % 2.ª	—	830$	840$
Siderurgia 5 % 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5 % 4.ª	—	—	—
Sonefe 5 %	815$	810$	815$
T A P 4 %	—	—	—
Termoelect Port. 5 %	820$	—	825$
U E P 3 3/4 %	—	—	—
U E P. 4 %	—	84$	86$
U E P. 4 1/2 %	—	88$	—
U E P. 5 %	—	82$5	84$
U E P 5 % 60	—	—	—
U E P 5 % 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos	Efec	Compra	Venda
Agricultura	950$	945$	955$
Alentejo	610$	610$	615$
Angola	—	1.450$	—
Burnay	—	—	—
Créd Predial	1.870$	1.865$	1.890$
E Santo	13.500$	13.450$	13.600$
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L & Açores p.	—	—	3.950$
L & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	—	—	—
Portugal n.	—	2.240$	—
Portugal p.	2.440$	2.440$	2.450$
Totta Aliança	4.250$	4.200$	4.300$
Ultramarino n.	1.650$	1.620$	1.650$
Ultramarino p.	1.740$	1.740$	1.745$

Seguros	Efec	Compra	Venda
Alentejo	—	78$	80$
Douro	—	—	950$
Mundial	—	—	380$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarino	—	8.500$	—

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Açúcar de Angola	870$	870$	880$
Ag Cassequel	601$	601$	620$
Ag Incomati	—	1.200$	1.290$
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	120$	110$	—
Buzi	60$	60$	61$
Cabinda	94$	93$	95$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.'80$	176$	82$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	68$	67$	68$
Sonefe n.	—	250$	—
Sonefe p	270$	265$	272$
Zambézia	—	—	—

Diversas	Efec	Compra	Venda
Cidla	—	1.000$	1 300$
Cim Leiria	—	.850$	—
Cim Tejo	—	2 600$	—
Col Navegação	—	—	—
C U F	1.009$	008$	009$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	3 000$
Port e Colónias	1.300$	290$	—
Port Celulose	3.130$	3 120$	3 50$
Port Pesca	640$	—	—
Port Tabacos	453$	543$	454$
Sacor	4.800$	4 750$	4 850$
Siderurgia Nac	—	.050$	—
Soces	2.110$	2.100$	2 130$
Tabacos de Portugal	900$	880$	—
Tabaqueira	—	1 500$	1 800$
U F Azoto	685$	685$	688$

Agua Electricidade e Gás	Efec	Compra	Venda
Aguas Lisboa p	—	385$	395$
Aguas Lisboa 34	—	390$	395$
Aguas Lisboa 36	—	—	—
Eléct Beiras	—	1.500$	600$
Gás Electr	378$5	377$5	379$
H E Alto Alentejo	157$	156$5	57$
H E Cávado	1.225$	1.225$	.230$
H E Douro	1.209$	1.208$	1.209$
H E Norte Portugal	325$	—	—
H E S Estrela	—	.500$	.750$
H E Zêzere	1.280$	1.280$	1.300$
Nac Electricidade	1.290$	1.288$	1.295$
Temoeléctr Port.	1.280$	1.250$	.280$
U E P	197$	—	197$

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Efec	Compra	Venda
F I Atlântico	—	147$5	151$9
F I D E S.	—	103$2	106$3

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	23/10/68	29/10/68	30/10/68
GERAL	103,3	104,9	**104,9**
METROP.	102,2	103,7	**103,5**
ULTRAM.	111,1	113,4	**115,1**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
Dollars de 5 a 100	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$1	7$30
Argentina — Peso	—$—	—$—
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$5	8$50
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$8	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,7
Marrocos — Dirham	4$65	5$15
Bélgica — Franco	$55	$57
França — Franco	5$60	5$85
Suíça — Franco	6$56	6$78
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	220$00	240$00
Ouro Fino — Barra	36$00	38$50

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito

RUA DO OURO 72 Tel. 321273

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DO PORTO

7.º JUÍZO

CITAÇÃO

Faz-se saber que nos autos de acção sumária proposta neste Juízo — 1.ª Secção — por Soares, Rodrigues & C.ª, Lda., com sede na R. Formosa, n.º 202, 1.º, no Porto, e em que é réu MANUEL FURTADO, casado, comerciante, ausente em parte incerta, que teve a última residência conhecida na Avenida Lourenço Marques e foi estabelecido na Praceta de Diu, n.º 7, na Amadora, da comarca de Lisboa, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª e última publicação deste anuncio, citando o réu acima identificado para no prazo de 10 dias, após o dos éditos, contestar aquela acção sob pena de, não o fazendo, ser condenado no pedido formulado pela autora. Esta pede a condenação do réu a pagar-lhe a quantia de 52 178$80 que ficou a dever-lhe do preço de mercadoria diversa de confecções (roupas de homem) que o réu lhe comprou e, além disso, os juros de 5% sobre a quantia em dívida, desde a citação.

Porto, 28 de Outubro de 1968.

O JUIZ DE DIREITO

Raul José Dias Leite de Campos

O ESCRIVÃO DE DIREITO

Luís Manuel de Sequeira

PEDRO MARIA CARLOS KLEIN

O Conselho de Administração da Sociedade de Gases e Produtos Químicos participa com infinda tristeza o falecimento do irmão querido da sua colega na Administração Madame Camille Neuvy, tendo o seu funeral sido realizado em 30 último em Vila Nova de Gaia.

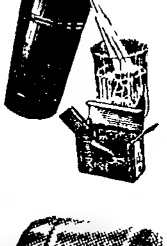
PEDRO MARIA CARLOS KLEIN

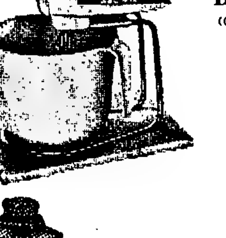
O Conselho Fiscal da Sociedade de Gases e Produtos Químicos participa o falecimento do seu bom amigo e colega, cujo funeral se realizou no dia 30 último em Vila Nova de Gaia.

Em RIO MAIOR o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA SANTANA — Rua Serpa Pinto, n.º 20.

OS MAIS FAMOSOS PRESENTES DE NATAL:

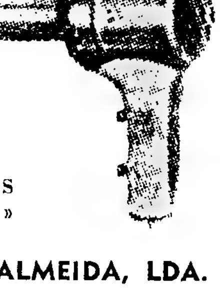
Sifões HEIMSYPHON, para bebidas frescas e agradáveis. Os sifões que dão categoria. Com um HEIMSYPHON, o seu Wisky será diferente.

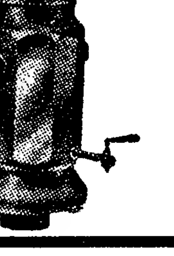




A B C — A GRANDE MARCA ALEMA DE BATEDEIRAS ELÉCTRICAS, SECADORES DE CABELO, FRISADORES DE CABELO, AQUECEDORES DE «BIBERONS» E FERROS DE ENGOMAR

MÁQUINAS ELÉCTRICAS **FELDHAUS**, de fazer café. Únicas no género. As mais conhecidas e utilizadas em todo o País. Com **FELDHAUS**, o café tem outro gosto.





À VENDA NAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS E DE «MÉNAGE»

REPRESENTANTES: **A. RIBEIRO D'ALMEIDA, LDA.**

Rua do Arco, a S. Mamede, 4-3.º ● Telefone 66 14 40 — LISBOA

Diário de Coimbra

Dia dos Fiéis defuntos

O Dia dos Fiéis Defuntos vai ser celebrado pelo comando da 1.ª Região Militar, em homenagem aos militares mortos ao serviço da Pátria. Assim, amanhã, ás 9 horas, haverá uma missa na Sé Catedral, com a assistência do general-comandante, dos comandantes das unidades e directores de estabelceimentos da guarnição, etc.; ás 11 horas, o sr. general Julio Pereira irá ao cemitério de Agramonte depor um ramo de flores na campa de um militar morto em combate, após o que fará idêntica cerimónia nos restantes cemitérios da cidade.

Preso por furto

Na Rua Estreita dos Lois, foi preso, pela P. S. P., Custódio da Fonseca, de 45 anos casado, carpinteiro, natural de Braga e sem morada certa, arguido do furto de dinheiro e de um rádio.

Janos Hrotko no Valecambrense e mais dois benfiquistas

Por motivos de saude deixou a orientação da equipa do Valecambrense, o treinador Daniel Silva. Para o substituir naquelas funções foi contratado até ao fim da época o conhecido técnico hungaro Janos Hrotko, que já dirigiu o treino de ontem. O Valecambrense assegurou, também, o concurso de dois jogadores benfiquistas, que a época passada eram juniores do clube da Luz. São eles, Teixeira Gonçalves e Julião, o primeiro dos quais é «internacional».

ANDEBOL DE SETE — Em jogos a contar para os «regionais» de andebol de sete, o Vigorosa venceu, ontem, o Boavista, por 16-11 (seniores) e o F. C. de Gaia venceu o Paroquial por 13-5 (juniores).

Calendário Desportivo

ANDEBOL DE SETE — Campeonatos regionais da Associação do Porto — juniores: C. D. U. P.-F. C. Porto, (20 e 30). Seniores: C. D. U. P.-F. C. Porto (22 e 45) e Senhora da Hora-Padroense (21 e 30). Jogos no pavilhão do Infante de Sagres.

BILHAR — Campeonato regional de 2.as categorias («três tabelas») — 4.ª jornada, com início ás 21 horas nas salas dos Cafés Astória, Rivoli e Leixões Bilharista.

TÉNIS DE MESA — Taça «Imprensa» — juniores: Mocidade Invicta-C. P. N., na sala do primeiro, ás 21 e 30.

A menina morreu atropelada

Chegara ontem a esta cidade, vinda de Amarante, para trabalhar em casa do sr. Manuel Neves da Costa, domiciliado na rua de Cirífaco Cardoso, 74, 2.º, a jovem Maria Fernanda Teixeira, de 12 anos. Esta manhã, a senhora da casa mandou-a a um recado. Ao atravessar a Avenida da Boavista, no Pinheiro Manso, foi colhida por um automóvel conduzido pelo sr. Armando Teixeira de Vasconcelos, da rua Noval do Regado, 263. Levada ao Hospital de Santo António, chegou ali já morta.

Cheques sem cobertura

Queixou-se na P. S. P., o sr. António da Silva Graça, de Arcozelo (Gaia), contra um indivíduo que indicou, acusando-o de lhe ter passado dois cheques sem cobertura, no valor de 6625$00.

Dois pescadores feridos a bordo

A bordo do arrastão «Senhora da Hora» foram vítimas de acidente os pescadores Lourenço da Fonseca Lagera, de 24 anos, solteiro, da Rua do Godinho, 246, e José Gonçalves de Castro, de 29 anos, casado, da Av. Serpa Pinto, 242, ambos de Matosinhos. Foram conduzidos ao hospital da vila, numa ambulancia dos Bombeiros Voluntários de Leixões.

Violento choque de dois veículos á saída da Ponte da Arrábida

A saída da ponte da Arrábida, já no Candal, uma furgoneta conduzida pelo sr. Aníbal Lopes, de 56 anos, casado, ceramico, residente no Largo de Eiros, em Valadares (Gaia) foi embater violentamente numa camioneta de carga guiada pelo sr. Fernando Bernardino Gomes de Oliveira, da Rua da Vista Alegre. Em consequência do choque, ficou ferido gravemente o condutor do primeiro veículo que foi levado ao Hospital de Santo António, onde veio a falecer.

Farmácias de serviço esta noite (5.º turno)

AMEAL, R. do Ameal, 1227 (Tel. 4-3550) ✲ **BIRRA**, Praça da Liberdade, 125 (Tel. 2-0463) ✲ **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 855 (Tel. 6-0606) ✲ **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61 (Tel. 21566) ✲ **INVICTA**, Rua do Bonfim, 330 (Tel. 5-1212) ✲ **LAPA**, Rua Antero de Quental, 211 (Tel. 4-0697) ✲ **MARTINHO, SUCR.**, Praça Marquês de Pombal, 122 (Telef. 4-0747) ✲ **ORDEM DA TRINDADE**, Rua da Trindade, 19 (Tel. 2-7420) ✲ **RAMOS**, Rua do Exército Libertador, 91 (Tel. 6-4935) ✲ **SANTA TERESA, P. G.** Gomes Fernandes, 100, (Tel 35713) ✲ **TENREIRO**, R. do Rebolerio, 21 (Tel. 23576 ✲ **VAZ TEIXEIRA, SUCR.**, R. da Vilarinha, 161 (Tel. 682014) ✲ **NACIONAL**, R. S.ª da Luz, 156 (Tel. 680833 — Foz

Mala com objectos de ouro e prata encontrada na rua

Foi entregue na P. S. P., pela sr.ª D. Julia da Silva Soares, domiciliada na rua de Sá da Bandeira, 726, 8.º, uma mala de senhora que continha seis voltas e uma medalha de ouro, um relógio e 40 argolas de prata, tudo no valor de 6160$00 e de 92$00 em dinheiro, e, ainda, o cartão de identidade n.º 2307687, passado pelo Instituto de Identificação da Republica do Brasil, em nome de Irene da Purificação Carvalho. A referida mala foi encontrada abandonada próximo do domicílio daquela senhora.

A OBRA DA CAPTAÇÃO DE ÁGUA NA MARGEM ESQUERDA DO DOURO FOI HOJE A CONCURSO POR TRÊS MIL CONTOS

Nos serviços municipalizados de Vila Nova de Gaia foi, hoje, a concurso, a importante obra de captação de água, no Areal de Lever, na margem esquerda do rio Douro. Trata-se de um notável benefício, não só para o concelho galense, como ainda para os de Espinho, Feira, Gondomar e Ovar, constantemente a braços com o problema da falta de água.

A obra agora posta a concurso refere-se apenas á captação e elevação de 30 mil metros cúbicos de água por dia, mas está já previsto que a ela se seguirá a da montagem da elevatória e da adutora entre o reservatório a construir junto á margem do rio Douro, situado á cota de 25 metros e actual reservatório da Raza, de onde derivam as diferentes condutas da vila, da orla marítima e de Espinho, já abastecidos através das condutas da vila, embora a água seja fornecida pelos Serviços Municipaizados do Porto.

Com o novo sistema de abastecimento de água a partir de captações realizadas no próprio concelho, começará a dar-se cumprimento ao plano de abastecimento regional da zona do Porto e concelhos limítrofes, na parte que respeita á zona a sul do rio Douro.

O custo total das obras a efectuar com a captação e condutas elevatórias e a adutora, está orçado em 25 mil contos. Todavia, a obra que agora foi posta a concurso não excede os três mil contos. Globalmente o custo das obras está previsto para 92 mil contos. O seu montante, porém, dada a relativa falta de rentabilidade, não deverá ser realizada em futuro breve, mas sim a prazo longo.

Espectáculos para esta noite

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Oh que delícia de coisa» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Momento a momento» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Cinco destemidos para Singapura» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Os canhões de San Sebastian» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Onde estavas tu quando as luzes se apagaram?» (17 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Por mais alguns dólares» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Blue» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «O homem que valia um milhão» e «Cruzeiro de Verão» (12 anos).
ESTUDIO — Às 15 e 30: «Páginas íntimas» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A tia Tula» (17 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «A Princesa» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Os ossos do ofício» (17 anos).
ODEON — Às 21 e 30: «Quando os abutres voam» (17 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «Sinal de alarme» (12 anos).

Amanhã à tarde

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 16: «Oh! que delícia de coisa!» (17 anos).

CINEMAS

COLISEU — Às 15 e 30: «Caçadores de Escalpes» (17 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Os ossos do ofício» (17 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «Os canhões de San Sebastian» (17 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «Onde estavas tu quando as luzes se apagaram» (17 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «Por mais alguns dólares» (17 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Blue» (17 anos).
JULIO DINIS — Às 15 e 30: «A Princesa» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Fanny e o doutor» e «Romance no Luna Parque» (12 anos).
S. JOÃO — Às 15 e 30: «Momento a momento» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «A Tia Tula» (17 anos).

DE COIMBRA

PROJECTADA UMA TORRE PARA O LARGO DO ARNADO

Sob a presidência do sr. eng.º Araújo Vieira, efectuou-se a reunião da Camara Municipal que registou a presença do vice-presidente sr. prof. dr. Neto Murta e de todos os vereadores.

Após ter sido despachado vário expediente e autorizado o pagamento de vários trabalhos, a Camara concedeu um subsídio á Junta da Freguesia de Eiras e tomou conhecimento de que ficou deserto o terceiro concurso aberto para o preenchimento de um lugar de arquitecto de 2.ª classe, deliberando abrir novo concurso. Depois, foi citada a criação no quadro do pessoal do Mercado D. Pedro V de dois lugares de guarda-nocturno. Em seguida, foram apreciados vários projectos de obras, entre os quais um no Largo do Arnado que terá uma torre de consideráveis proporções, a enriquecer sobremaneira toda a fisionomia da «Baixa».

O vereador sr. dr. Viriato Namora deu conta da oferta de uma caminheta de carga, usada, para as obras no Campo de Aviação, destinada ao transporte de materiais, que ficará na posse da Camara Municipal no fim das obras. A encerrar a sessão, foi tratado o caso da construção de casas para pobres em Lordemão, cujas obras, já começaram.

Actividades do C. A. D. C.

Foi marcada para o dia 6 de Novembro, ás 21 horas, uma assembleia-geral do Centro Académico de Democracia Cristã, (C. A. D. C.), para apreciar e votar o programa das actividades para o novo ano lectivo.

Círculo de Artes Plásticas

Reabrem no próximo sábado as actividades do Círculo de Artes Plásticas, á Rua Castro Matoso, 18.

Já se encontram abertas as inscrições para os cursos de Desenho e Pintura, que ficam a cargo dos professores srs. Julio Bragança e João Dixo, da Escola das Belas Artes do Porto.

A admissão é extensiva a jovens de ambos os sexos e a adultos, sejam ou não estudantes

Ópera no Teatro de Gil Vicente

Foi muito concorrido o espectáculo de ópera realizado, ontem, no Teatro de Gil Vicente, pela Companhia Portuguesa de Opera, do Teatro da Trindade, com a colaboração da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Musica do Porto e do Coro do Teatro de S. Carlos. Como noticiámos foi representado o «Barbeiro de Sevilha».

Espectáculos para hoje

MUSICA

Teatro Gil Vicente — Ás 21 e 15 — Orquestra Sinfónica de Bamberg (12 anos).

CINEMAS

Avenida — Ás 17 e 45 — «A eterna duvida» (17 anos); ás 21 e 30 — «Todos são meus inimigos» (17 anos)
Tivoli — Ás 21 e 30 — «Comissário X, acção em Ceilão» (12 anos)
Sousa Bastos — Ás 21 e 30 — «Este difícil amor» (17 anos).

Farmácias de serviço

Nazaré — Rua Ferreira Borges (Tel. 22605)
Figueiredo — Rua da Sofia (Tel. 22837)
Estádio — Rua do Brasil (Tel. 24410)
Montes Claros — Rua Dr. António José de Almeida (Tel. 25904).

«Azulejos Portugueses» — tema de uma conferência no Rotary Clube

Presidida pelo sr. José Garcia, realizou-se a reunião do Rotary Clube de Coimbra, que teve como convidado o sr. Renato Gil dos Santos, do Clube de Lisboa-Norte.

A palestra foi feita pelo sr. Jaime do Nascimento Almeida, que falou sobre «Azulejos Portugueses», cuja história descreveu desde as suas remotas origens orientais, desenvolvendo o seu trabalho no aspecto documental, artístico e alegórico e citando os artistas que mais contribuiram para esta industria. Salientou, a terminar, que se mais nada se tivesse feito em arte no nosso País, bastava o azulejo para representar algo de importante.

Encerrou a sessão o sr. José Garcia que agradeceu a presença de todos e a palestra do sr. Jaime Nascimento Almeida.

ANÚNCIO JUDICIAL

1.ª secção do 2.º Juízo

Faz-se saber que, por éditos de 4 meses — art.º 1.106 do Código de Processo Civil — e por sentença de 22 do corrente, proferida nos autos de Processo de Justificação de Ausência em que são requerentes Hermínia da Conceição Oliveira e marido Luís Augusto dos Santos, ele agricultor e ela doméstica, residentes no lugar de Carvalho, freguesia de Ceira, desta comarca, foi aquela julgada procedente e declarada verificada a morte presumida do requerido Manuel de Oliveira, agricultor, actualmente ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil e casado com Joaquina da Conceição, doméstica, residente no aludido lugar de Carvalho, onde seu marido teve a sua ultima residência.

Coimbra, 22 de Outubro de 1968.

O JUIZ DE DIREITO DO 2.º JUIZO
Manuel Soares Caramujo
O CHEFE DA 1.ª SECÇÃO JUDICIAL DO 2.º JUIZO
João Frota

✝

JORGE TARUJO NUNES CORREIA

MISSA DO 30.º DIA

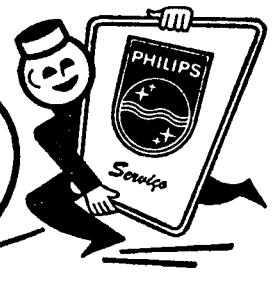
Seus irmãos, cunhada, sobrinhos e mais família, participam que amanhã, ás 11 horas, na Igreja da Pena, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA «AMARAL»
Telefs. 45840 e 836274

Serviços Técnicos

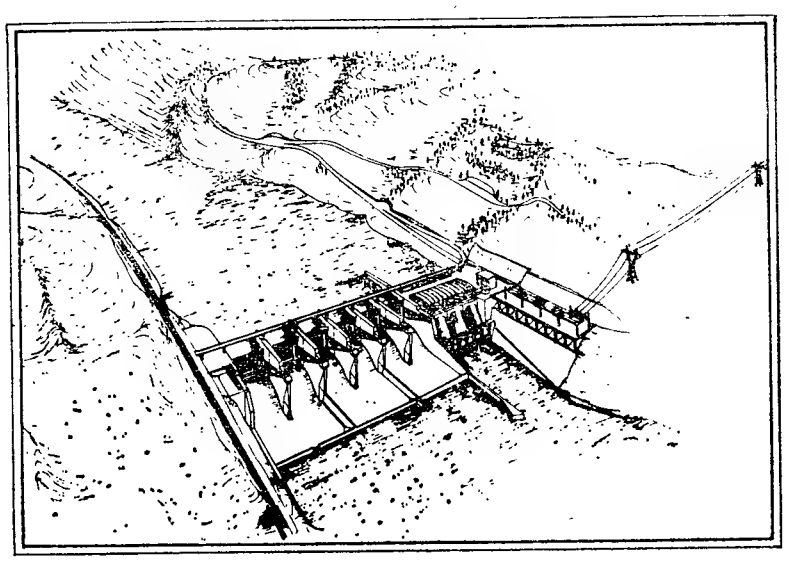
PHILIPS

REPARAÇÕES DOMICILIÁRIAS
Lisboa: 382844/382957/683121/560200
Porto: 35068 Faro. 23899



MÃO DE OBRA ESPECIALIZADA • ACESSÓRIOS DE ORIGEM

QUALIDADE PHILIPS MERECE SERVIÇO PHILIPS



antevisão do aproveitamento hidroeléctrico do

FRATEL

(RIO TEJO)

HIDRO-ELÉCTRICA DO ZÊZERE S.A.R.L.

SEDE — AVENIDA SIDÓNIO PAIS, N.º 24, 1.º — LISBOA

CAPITAL ..... AUTORIZADO — 1.000.000 CONTOS
REALIZADO — 640.000 CONTOS

OBRIGAÇÕES DE 6%-1968

55 MIL CONTOS

Emissão de 55 000 obrigações do valor nominal de 1000$00 cada

Autorizada por portaria do Ministério das Finanças de 18 de Outubro de 1968 publicada no «Diário do Governo» n.º 250, III Série de 23/10/1968)

CONDIÇÕES DA SUBSCRIÇÃO

As obrigações são de cupão e vencem o juro à taxa anual de 6 %, com isenção do imposto complementar e redução a metade do imposto de capitais, o que corresponde a uma **taxa de rendimento líquido de cerca de 5,5 % ao ano.** Os juros semestrais no valor de 30$00 por obrigação são pagos nos dias 1 de Maio e 1 de Novembro de cada ano, com início em 1 de Maio de 1969.

Haverá títulos de 1, 5, 10 e 20 obrigações.

A amortização será feita ao par, por sorteio, durante 24 semestres, a começar em 1 de Novembro de 1971.

A subscrição sujeita a rateio **está aberta até 5 de Novembro p. f.** nos seguintes estabelecimentos de crédito, que tomaram firme a emissão:

- **CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA**
- **BANCO DE FOMENTO NACIONAL**
- **BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA**
- **BANCO TOTTA-ALIANÇA**
- **BANCO PINTO & SOTTO MAYOR**
- **BANCO NACIONAL ULTRAMARINO**
- **BANCO PORTUGUES DO ATLÂNTICO**
- **BANCO FONSECAS & BURNAY**
- **BANCO LISBOA & AÇORES**
- **BANCO BORGES & IRMÃO**
- **CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS**
- **MONTEPIO GERAL**
- **BANCO DE ANGOLA**
- **CRÉDITO PREDIAL PORTUGUES**

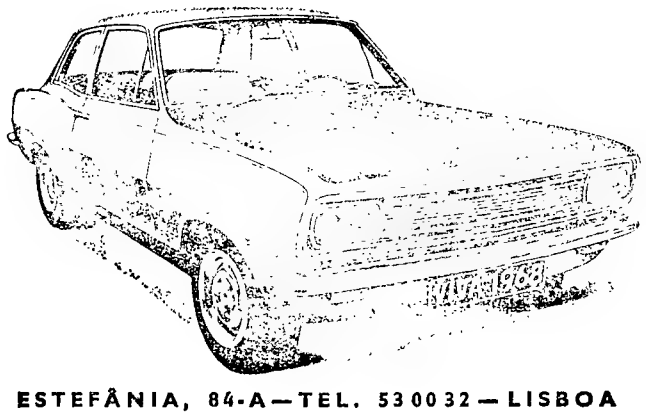
As obrigações são oferecidas ao público ao preço de 1000$00 cada uma e serão integralmente pagas no acto da subscrição.

OS TÍTULOS DEFINITIVOS SERÃO ENTREGUES NO PRAZO MÁXIMO DE 6 MESES.

Lisboa, 28 de Outubro de 1968

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

VAUXHALL
VIVA
STANDARD • DE LUXE • SL/90
ESTATECAR • GT



EXPOSIÇAO E VENDA
TECNICAR —RUA D. ESTEFÂNIA, 84-A—TEL. 530032—LISBOA

HIPOTECAS

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

HOJE PODE VER...

O Gato Sylvester na «Lanterna Mágica»

VAMOS TER cerca de meia hora de desenhos animados. É a «Lanterna Mágica». Hoje, cerca das 19 e 50. A série é conhecida e apreciada. «Porky Pig». Os nossos leitores mais pequenos (ou os pais, também, talvez...) sabem de qual se trata, sem dúvida... É exactamente essa, a que tem as trapalhices e maldades do gato chamado «Sylvester». É o gato valentão que faz a vida negra aos outros. Lá teremos, pois, correrias, perseguições, lutas e trambulhões. O «pato preto», a galinha imponente, todos, enfim, quantos pertencem à movimentada família desta série vão andar numa roda viva.. Vai ser meia hora de brincadeira pegada, vendo os desenhos animados, companhia sempre apetecida. Pois é. Vem aí o «Sylvester» e toda a outra bicharada.

Aqui o temos. O famigerado gato «Sylvester, terror brincalhão de toda a outra bicharada. Aquilo é que vai ser correr, durante meia hora, enquanto durar a «Lanterna Mágica», com os desenhos animados

Aqui temos quatro dos cinco componentes da família proprietária da herdade «Três Ulmeiros»: o avô Justin, Remy e seus filhos: Françoise e Eric. Só falta a avó Adriana. E Silvia, é claro, que ainda não pertence ao clã

Os amores de Rémy em «Sílvia dos Três Ulmeiros»

JÁ VIMOS as principais figuras do novo folhetim. Já sabemos o que se passa (e antevemos, também, o que vai pasasr-se nos próximos capítulos) em «Sílvia dos 3 Ulmeiros». É uma história de amor, onde, igualmente, são evocados os problemas dos pequenos e médios proprietários agrícolas (é necessário o entendimento, pois a união faz a força).

As principais figuras são Remy, jovem viuvo, pai de dois filhos: Françoise e Eric; a mãe de Rémy, Adriana, e o avô Justin. Além de Sílvia, é evidente.

É, afinal, uma história de amor, pois, que se desenrola no campo, entre um agricultor viuvo (jovem e pai de dois filhos) e uma jovem da cidade. Mas refere, igualmente, os problemas que todos os dias se levantam a um agricultor moderno e a sua resolução eficaz.

Este folhetim foi «rodado» numa exploração de 45 hectares — que não podia, portanto, ser uma herdade muito activa e, muito menos, uma herdade modelo. Aliás, os próprios intervenientes ajudaram a lavrar, a colher, etc,. etc.

O realizador procurou mostrar um agricultor moderno, que se desloca num pequeno automóvel (e não de burro) e adquire maquinaria agrícola através de empréstimos.

Enfim, que tenta ser bem do seu tempo.

★

Pois, quanto ao episódio desta noite, temos que Rémy acabou por revelar (à mãe e ao avô) que tinha noiva e que tencionava voltar a casar-se. Ambos ficaram

(Continua na pág. seguinte)

Beethoven e Backhaus no Auditório Musical

O CONCERTO n.º 4 em Sol Maior, para piano e orquestra, de Beethoven, preenche o *Auditório Musical* desta noite. A orquestra é a Sinfónica de Viena, sob a direcção de Karl Böhm. Solista é o extraordinário Wilhelm Backhaus. A realização tem a assinatura de Herbert Seggelke.

E, a propósito de Beethoven, compositor, autor deste concerto? Que dizer?

Dizer que é um dos génios da Musica, o Poeta-Músico por excelência. Pelo lirismo apaixonado, dramático, pela liberdade de expressão condicionada sempre pelo maior equilibrio formal pelo amor à Natureza e aos grandes ideais do Homem, pela luta contra as convenções, na sua ânsia de vida desagrilhoada.

Num ambiente de pobreza decorreu a sua infância: o pai, alcoólico, levou o lar à miséria e quis então aproveitar os dons artísticos do filho, iniciando-o na música com o objectivo de fazer dele um

(Cont. pág. seguinte)

Beethoven: a música de beleza desesperada e imortal

TV dia a dia

O QUE VIMOS E OUVIMOS...

NOITE DE TEATRO

1 **Qualquer pessoa que, mesmo sem grande esforço, procurasse evidências nas aparências, não deixaria de concluir que a grande preocupação da Televisão Portuguesa consiste em desacreditar o teatro, em divorciar dele o público, em colocar entre um e outro tão grande fosso que nenhum entendimento seja possível.**

Semana após semana o teatro na televisão tem a sua noite. Será de manter a esperança de vir alguma vez a ter o seu dia?

2 **O teatro para ver da plateia ou o teatro para ver de casa não obedecem às mesmas leis. Pela mesma razão que dois mamíferos se aparentam no simples facto de serem .. mamíferos, embora exija cada qual especiais condições para poderem sobreviver. De qualquer modo, entenda-se que o teatro nasce por uma extrema necessidade de contacto imediato com o público. O teatro, onde quer que aconteça,** refere-se **ao público. Da sua qualidade como arte depende, em questão de público, ganhar ou perdê-lo. Mas a grande aventura do teatro é a de ser do seu tempo.**

3 A peçazinha ontem incluída na «noite de teatro» vinha do século XVII. Correu a sua aventura: quis ser do seu tempo — e te-lo-á sido. Algum tempo mais não terá ganho muito. A crítica à literatice resultante das imitações do Góngora, lá está bem evidente. E brincar com a nobreza ao nível da plebeiice lá está igualmente bem gozado. É uma peça boa para o século XVII. Para o nosso, mergulhado em bem outros problemas, já o não é. Espantará que o público de televisão se entretenha, por essas esplanadas e cafés, a jogar o dominó; espantará que nas casas não haja silêncio nem atenção, à hora em que estas fidalguices de antigamente apareçam no televisor?

4 Os actores, mal dirigidos, incapazes de se enquadrarem no espírito de determinada época, descambam para o grotesco, para a caricatura, para o **género roberto, para o é fartar, carnaval!** Mário Jacques foi, nesse aspecto, uma presença incómoda. Não era um actor: era uma comichão. Lamenta-o quem sabe os actos ideais que tinha.

Mirita Casimiro, na peça do André Brun que o Avilez ressuscitou, criou um certo ritmo de linguagem pernóstica (a **puberdade,** recordam-

(Continua na pág. seguinte)

TELERELAMPAGO — TEL. 83 12 23 TV
ASSISTÊNCIA PERMANENTE AO DOMICÍLIO DE

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16; Noticiário; 16 e 5: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer cuvir?; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde; 17 e 35: Do Chiupal até à Lapa; 18 e 5. Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, de Maria Emília Cancella de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: A orquestra de Roberto Delgado; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 39: 14.º episódio do folhetim «Música no Coração»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Melodias pelo pianista Oscar Peterson; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Música ligeira; 23 e 5: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Musica sinfónica; 16 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «Russlan e Ludmila» (Glinka); 18: Música do século XX; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Música da ilha de Santa Maria (Açores); 19 e 45: Música de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: Concerto espiritual, realizado na Igreja de São Roque, em Lisboa; 20 e 49: Rapsódia húngara n.º 3 em ré maior (Liszt); 21: Divertimento (Bella artok) — Orquestra do Festival Bath direcção de Yehudi Menuhin; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista Ana Maria de Sousa Lima; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (cultural em MF2) — 94,3 mc/s — Às 23: Música de piano; 23 e 30: Festival de Salzburgo de 1968; 0 e 6: Intercalo — Canções de Duparc pelo baritono Gérard Souzay; 0 e 20: 2.ª parte — Canções de minha mãe; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-jornal; 20 e 5: Conjuntos vocais; 20 e 45: Tempos de ritmo; 21 e 3: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 4: Clube das donas de casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita, 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 2. Programa à gô-gô; 23 e 8: Grande roda; 0 e 2: Alta Fidelidade Philips; 1 e 3: Banda sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia o dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 10: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Selecção; 22 e 30: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m 1286 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Conjuntos modernos; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica selecionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Guitarras portuguesas; 21 e 45: Vozes de Paris; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m 1169 kc/s — Às 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 20 e 55: Meditando; 21: Musica de Espanha; 21 e 15: Estrelas alvorada; 21 e 30: A Orquestra de Nelson Ridle; 21 e 45: Livros e leituras; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Dos 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

HOJE NA TV

Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Vamos Jogar no Totobola; 20 e 55: Parada da Indústria; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Folhetim — «Silvia dos 3 Ulmeiros»; 22 e 25: Auditório Musical — Concerto n.º 4 em Sol Maior para piano e orquestra de Karl Böhm. Solista: Wilhelm Backaus; 23 e 20: Actualidade Desportiva; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — 1.º Período: Às 12 e 30, Missa de Todos os Santos; 13 e 10, Fecho. 2.º Período: 19 e 30, Telejornal; 19 e 50, Quarto dos Brinquedos; 20 e 20, Vamos Dormir; 20 e 30, Nós, as Mulheres; 20 e 45, Sangue na Estrada; 20 e 55, Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55, Noite de Cinema — «O sargento York»; 23 e 55, Telejornal, Meditação e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

RENDIMENTOS EM PROPRIEDADES, DE 7,5 A 9% COM GARANTIA POR 12 ANOS

Durante 12 anos V. Ex.ª pode receber directamente em casa, no n/ escritório, ou no banco, o rendimento da propriedade que nos compra

em rendimento certo estabelecido, sem mais qualquer preocupação ou encargo pode ainda habitar ou explorar por aluguer, directamente a mesma propriedade

Preço dos apartamentos mobilados		PREÇO DOS ANDARES	
130.000$00 — 230.000$00	3	ASSOALH.	220.000$00
155.000$00 — 240.000$00			
170.000$00 — 250.000$00	4	»	230.000$00
180.000$00 — 270.000$00			
185.000$00 — 280.000$00	5	»	380.000$00
200.000$00 — 300.000$00	6	»	440.000$00
210.000$00 — 320.000$00			
220.000$00 — 340.000$00	7	»	600.000$00

Locais das nossas propriedades:

Centro da Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos, Parede e Alapraia — S. João do Estoril

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

VENDA E ALUGUER

Azulejos — Nacionais e Estrangeiros desde $60

REBOLEIRA — VISTA PARCIAL (AÉREA)

INFORMAÇÕES: Lisboa - Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq. - Telefones 47843 - 45843 ● Queluz - R. D. Maria I, 30 Telefones 952021 - 952022 ● Amadora - Reboleira - Telefone 933670

NOTA: — AS PROPRIEDADES QUE VENDEMOS SÃO NOSSAS E DE NOSSA CONSTRUÇÃO.

TV dia a dia

(Continuação da pág. anterior)

-se?). Como tudo o que é ostensivamente de mau gosto, criou escola. Vi-mos a encontrar esse mesmo ritmo em **oh que delícia de coisa!** Ontem ei-lo que surge na voz de Henriqueta Maia, após ter sido explorado pela própria Mirita num anúncio da televisão.

Outros actores possuem o segredo da monotonia, da inexpressividade. É o caso de Mário Pereira e de Fernanda Montemor que tiveram ontem rábulas ao nível de amadores, no mau sentido da palavra. Muitos dos jogos de palavras de Moreto y Cabaña se perderam porque eles não disseram, não exprimiram: despejaram. Pedro Lemos, Irene Cruz, Rui Mendes estiveram suficientemente rotineiros e apagados para não deixarem memória. Adelaide João terá sido a criada de breves segundos. Mal dei por ela. Apenas Rui Matos, no papel de **Mosquito**, mostrou desenvoltura, sentido de representação. Foi o mais compenetrado e o menos preocupado com a câmara. Vê-se que sabe de teatro.

5 Continua, pois, por arejar o teatro da televisão portuguesa. Há quem, interessado em manter-lhe a menoridade, se justifique com o condicionalismo dos «maiores de 12 anos». Não, o pior não está na menoridade dos telespectadores, mas na menoridade mental e artística dos autores. Refiro-me em especial a autores portugueses fornecedores destas «noites de teatro», cujas trevas eles ajudaram a aumentar. Prometo voltar a este assunto.

RECITAL

Teve muito interesse o recital com obras de Cláudio Carneyro, sobre poemas de **poetas** portugueses, interpretadas por Isabel Malaguerra.

Oxalá alguns dos melhores cançonetistas da nossa praça não tenham perdido esta oportunidade de ver como é possível a existência da canção portuguesa ao nível da dignidade musical, canção com aproveitamento do folclore, como foi o caso de pelo menos duas ontem interpretadas.

A televisão portuguesa, volto a dizê-lo, tem um importante papel a desempenhar na renovação da canção ligeira portuguesa. Para isso deverá proporcionar frequente contacto com as raízes da canção popular. Se fizer isso com a intensidade com que nos oferece galarzas, guitarradas e fadinhos, aposto que o panorama da música ligeira poderá vir a modificar-se num sentido mais positivo, mais português.

Senão o pântano continuará. Com ricos cenários, está claro. — M. C.

AUDITÓRIO MUSICAL

(Continuação da pág. anterior)

novo Mozart. Os maus tratos que lhe infligia nas lições, os sucessivos estudos a que o obrigava não mataram porém no juvenil executante, o gosto pela arte, avivado depois pelo ensino do organista Neefe, espírito culto a quem Beethoven ficou a dever o conhecimento da obra de Bach e Clementi.

Toda a sua vida teve problemas, dificuldades e desgostos de família. Depois veio a etapa mais dura da doença: a surdez total.

O que faz de Beethoven o mais apaixonante dos compositores clássicos não é só a imensidão desesperada da sua obra — uma obra sem repouso, qual combate ansioso contra o tempo. É também e sobretudo a densidade da sua escritura musical; em cada frase ele insere toda a sua vida presente, com tudo o que comporta o presente de um homem da sua talha. É o universo de Beethoven. Uma densidade patética que encontrou em Wilhelm Backhaus «pianista beethoviano até ao fundo da alma». No mundo dos grandes intérpretes é lendária a gravidade de Backhaus.

«De todos nós, disse dele um pianista de renome internacional, Backhaus é, talvez, o único para quem tocar é, antes de tudo, sofrer.

Ao sofrimento das páginas imortais e belas de Beethoven, ele comunica um elemento suplementar de grandiosidade, de beleza. É o universo apaixonante de Beethoven com os traços luminosos do seu apaixonado intérprete: Wilhelm Backhaus.

«Sylvia dos Três Ulmeiros»

(Continuação da pág. anterior)

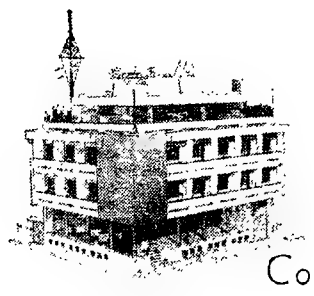
contentes, mas a mãe sublinha que a jovem escolhida (Sílvia) é *da cidade*.

Ela tinha outra escolha ...

No entanto, quando Rémy a apresenta em «Os três Ulmeiros», Justin, o avô, aprova-a imediatamente. Mas Adriana, a mãe de Rémy fica reticente. Reservada.

E como reagirão os filhos de Rémy?

O folhetim começa a seguir à edição da noite do «Telejornal». E volta no sábado.



ESTALAGEM

Santa Cruz ★★★

TELEFONES 8 E 17 PRAIA DE SANTA CRUZ

Com nova gerência TORRES VEDRAS

DE 15 DE OUTUBRO A 15 DE MARÇO

PREÇOS ESPECIAIS DE INVERNO

BAQUELITES E EBONITES

EM CHAPAS, TUBOS E VARÕES
CARTÃO HIDRÁULICO DESDE 0,10 a 4 m/m
FIOS ESMALTADOS DESDE 0,05 a 2,5 m/m
TUBOS, FITAS E TELAS ENVERNIZADAS

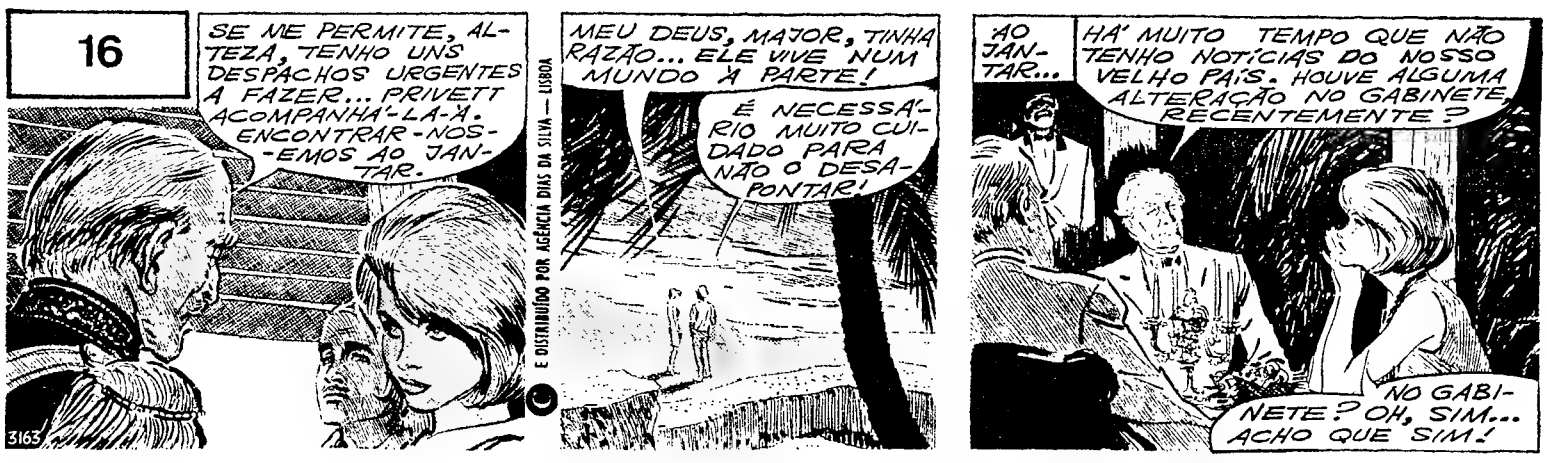
VENDE AOS MELHORES PREÇOS

SOCIEDADE CENTRAL DE VENDAS, LDA.

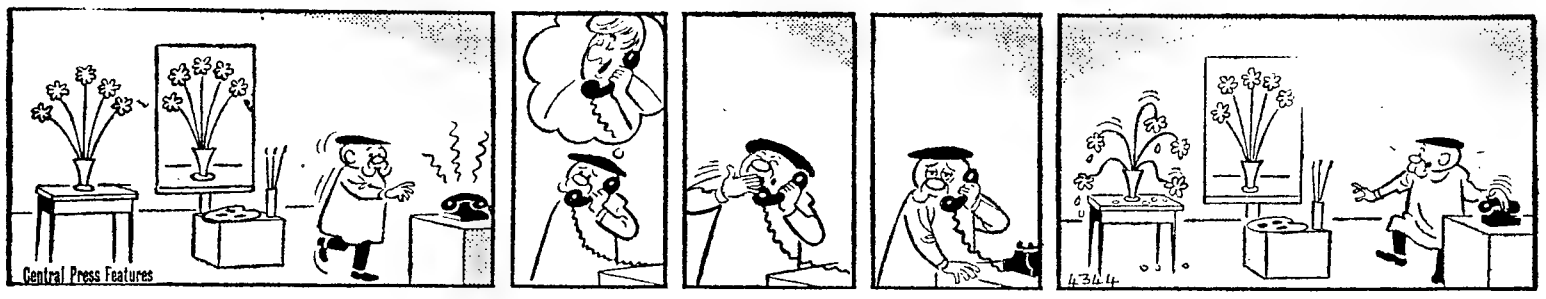
Rua dos Fanqueiros, 262-3.º — LISBOA — Telef. 36 61 87

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

Na edição do «Diário de Lisboa» de 31 de Outubro de 1938, Dias Ferreira escrevia:

«Enquanto não vem a reforma do ensino superior — cuja demora aliás traz grandemente desorganizado esse ensino e lastimosamente agravada a situação dos que dele fazem profissão — não seria inteiramente inutil corrigir alguns vícios mais salientes ou deitar alguns remendos. Muito embora essas correcções ou remendos tenham o mesmo efeito que tapar um frasco com uma rolha feita a canivete.

Dentre esses vícios há um que é monstruoso, apesar de estigmatizado por todos os pedagogistas desde Rousseau a Albert Millot (...). É a «memorização», ou o estudo feito só de memória, isto é, a fixação de nomes, numeros, fórmulas, termos ou frases completas de todas as sonoridades e feitios — uma avalanche capaz de arrasar a cabeça mais pot[illegible]»

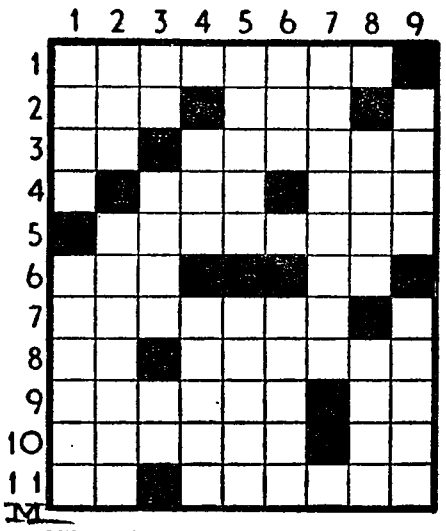
DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas Sigilo absoluto
SONIPAL
R CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

T.V.
SCHAUB LORENZ
RÁDIO

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4986



HORIZONTAIS: 1 — O que fala mal uma língua estranha, misturando-lhe palavras da sua própria. 2 — Artéria. Decâmetro quadrado 3 — Carta de jogar . Ilharga. 4 — Um cento Tange. 5 — Vocábulos. 6 — Negativa Interjeição de dor 7 — Meter carne de porco em tripa. 8 — Frequente. Nome genérico das doenças provocadas por fungos. 9 — Condimentam. Artigo (pl.). 10 — Subjugara. Haste. 11 — Artigo (pl.). Aparas.

VERTICAIS: 1 — Épocas. Esfriado. 2 — Escalvados. Cobertos de pão ralado. 3 — Título do soberano da Pérsia. Balburdia. Certo. 4 — Bilis Resina de cujo nome em grego derivou o de «electricidade». 5 — Quietação Remara para trás 6 — Agora. Períodos em que as doenças ou os seus sintomas atingem maior intensidade 7 — Género de aracnídeo da ordem dos escorpiões. 8 — Filtrai. O primeiro prato das refeições. 9 — Favoráveis Prejud ques.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4985

HORIZONTAIS: 1 — Prendaro 2 — Um Icor 3 — Com. Uvula. 4 — Ás. Cria 5 — Arad Pó. 6 — Acolá. Ré. 7 — PROMESSAS. 8 — Ris An. 9 — Ando. Alta 10 — NÃO PAGAM. 11 — Ousa. Rara.

VERTICAIS: 1 — Ocas. Plano 2 — Os Ar Nau. 3 — Rum. Acordos. 4 — Em Crómio. 5 — Urales. 6 — DÍVIDAS. Aar. 7 — Acua. Salga 8 — Rol. Prantar. 9 — Aragoês Ama.

Provérbio: PROMESSAS NÃO PAGAM DÍVIDAS)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8830

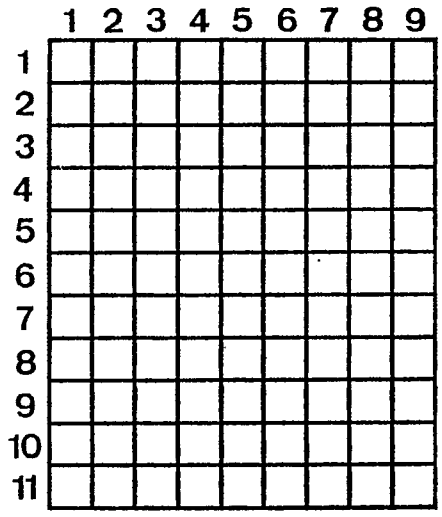
HORIZONTAIS: 1 — Consentimento. Pássaros 2 — Freguesia do concelho de Estarreja. 3 — Abreviatura que se usa em musica Extremo ou ponta dos vergos 4 — Cólera. Bromo (s. q.) Átomo (Abreviatura). 5 — Tempera com sal Prende. 6 — Irmão do pai Cruel. 7 — Ecoa Acrescentara. 8 — Campeão Cento e um em romano. Rio da Suíça 9 — Encoleriza Nota musical. 10 — Pescada pequena 11 — Cidade do Argélia. Pronome pessoal

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Coimbra. Cântico de louvor a Deus. 2 — Conchas das balanças. Viração. 3 — Pequena ilha francesa fortificada do Mediterraneo Harmonisa. Pedra de altar. 4 — Doçura Medida japonesa igual a dois decilitros. Cume 5 — Cidade da África ocidental sobre o Níger Freguesia do concelho de Barcelos. 6 — Emir Quatrocentos em romano. Preposição. 7 — Lês Cantiga. O mais 8 — Artigo definido (ant.) Tolerar. 9 — Pula Lavrem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8829

HORIZONTAIS: 1 — Messalina. 2 — Ata Caras. 3 — Ga. Rã. 4 — Coa. Só 5 — Cardarom. 6 — Cair. Lida. 7 — Rematado. 8 — An. Ido. 9 — ML. Ti. 10 — Ódios. Rua. 11 — Saltariam.

VERTICAIS: 1 — Maga. Cravos. 2 — Eta. Caen. Dá. 3 — Sa. Caim Mil. 4 — Corra Lot. 5 — A. C. Ad. Ti. Sa. 6 — Lar. Alado. 7 — Ira. Rido. Ri. 8 — Na. Sado Tua 9 — Assoma. Fiam.



O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

SÁBADO
ÚLTIMO DIA DE SALDOS
LIQUIDAÇÃO TOTAL
P/ MUDANÇA DE INSTALAÇÕES
CASACOS DE SPORT, FATOS, CALÇAS, SOBRETUDOS e GABARDINES p/ HOMEM e RAPAZ
ARTIGOS DE CAMISARIA, MALHAS, LUVARIA, PERFUMARIA, GRAVATARIA, ETC., ETC.
CORTES DE TECIDOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Vendôme
R. da Vitória, 57 — R. dos Sapateiros, 88
LISBOA

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM

Andares de 2 a 10 divisões ou em apartamentos mobilados no centro da Amadora, na Reboleira, na Venda Nova e em Paço d'Arcos

155 CONTOS RENDEM-LHE 1.000$00 MENSAIS

Informe-se nos Escritórios em:

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670.

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

★

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
Telefs.: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

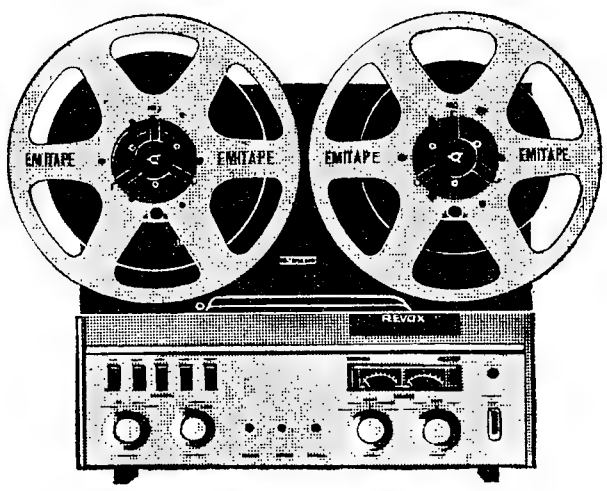
ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Novo! O SENSACIONAL

REVOX A 77

PARA ESTÚDIOS E CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE



CONHECE ALGUM GRAVADOR QUE REÚNA TODAS ESTAS CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS?

- Resposta: 30 a 20.000 ciclos a 7 ½; distorção a pontas máximas: 2 %; ruído de fundo: −54 db (normas de estúdio)
- Utilização de bobines tipo profissional NAB de 26,5 cm de diâmetro
- 3 motores — tracção directa ao cabrestante
- Bloco de alimentação estabilizado electrònicamente
- Igualizações NAB e IEC
- 2 velocidades comutadas electrònicamente
- Funções mecânicas comandadas por relés
- Motor de tracção com servo-regulação electrónica de velocidades
- Circuitos de tipo «plug in»
- 2 vumetros incorporados para regulação dos niveis de entrada e saída
- Célula foto-eléctrica para paragem no fim da fita
- Mecânica telecomandável
- Possibilidades de trucagem (eco, multiplay, duoplay, etc.)
- Cabeça de reprodução independente
- Saída para auscultadores estereofónicos
- *TOTALMENTE TRANSISTORIZADO*

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95, 97 - LISBOA
No Norte: VADECA — R. DE ST. ANTÓNIO, 210 — PORTO

AMÁLIA pede para os que sofrem

...Venho pedir para os que sofrem.
Há milhares de cancerosos que podem curar-se com uma bomba de cobalto.
O Instituto Português de Oncologia tem uma. Mas precisa mais. Urgentemente!
E cada bomba de cobalto custa dois mil contos! Parece muito...
mas, se todos Vocês derem...
cabe apenas um pouco a cada um...
No dia 31, nós, os artistas,
estaremos todos, na rua, a pedir.
O seu dinheiro - muito ou pouco - não vai só pagar a bomba de cobalto - vai pagar vida, vai pagar esperança.

No peditório dos dias 31, 1 e 2

Dê vida aos que sofrem

QUANDO FOR AO PORTO... INSTALE-SE COM CONFORTO E ELEGÂNCIA NA

RESIDENCIAL NAVE

48 QUARTOS COM QUARTO DE BANHO PRIVATIVO, AQUECIMENTO, TELEFONE, MÚSICA, TOTALMENTE ALCATIFADO, SENDO 6, SUITES COM TV PRIVATIVA

RESTAURANTE — SNACK-BAR
GARAGEM COM ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Av. Fernão Magalhães, 247 — Telef. 56131-2-3-4-5
PORTO

SIS-SACHS

PORTO - ANADIA - LISBOA

Comunica aos seus estimados clientes que os seus Estabelecimentos (Stands e Oficinas) encerram no dia 31 de Outubro, reabrindo em 4 de Novembro.

PESSOAL MENOR DA ACADEMIA

Na secretaria da Academia das Ciências de Lisboa, Rua da Academia das Ciências, 19, recebem-se inscrições para admissão de um servente do quadro do pessoal menor da mesma Academia, do sexo masculino, com o serviço militar cumprido.

EM SETÚBAL: VITÓRIA, 5-LYON, 0

O TREMENDO EQUÍVOCO DA DEFESA DE LYON

O VITÓRIA DEU UMA LIÇÃO DE COMO SE ATACA QUANDO OS ATACANTES NÃO CONSEGUEM ROMPER...

Ao vencer o Olympique de Lyon pelo robusto «score» de 5-0, o Vitória de Setúbal quase garantiu a sua continuidade na Taça das Cidades com Feira de 1968-69. E a forma como a equipa setubalense alcançou esse triunfo, através de uma actuação de alta categoria, parece significar que aos conhecidos recursos técnicos dos seus jogadores se junta, agora, o «amadurecimento europeu» que lhe terá faltado em épocas anteriores. Serenamente, a turma do Vitória destruiu a resistência de uma das melhores equipas francesas da actualidade, vencendo-a por números que não deixarão de impressionar a grande plateia do futebol internacional.

AS PREOCUPAÇÕES DO LYON

O Lyon vinha prevenido. Terá atentado no facto de serem do Vitória dois dos avançados da selecção portuguesa que, dias antes, venceu a da Roménia. E de haver ainda um outro vitoriano no banco dos suplentes. Talvez por isso, ou talvez apenas porque era um jogo «fora», o que convinha era o zero-zero, perder por um, enfim, também já não era mau, o certo é que o Lyon era «todo olhos» para os avançados setubalenses.

Os franceses montaram a sua organização defensiva exactamente como o haviam feito em Coimbra, no tal jogo de desempate por sorteio (estilo maquineta americana «mete-se a moeda sai um vencedor»).

Com um «libero», quatro atentos vigilantes escalados para a guarda a cada um dos dianteiros e ainda outros eventuais trabalhadores defensivos, a equipa francesa ter-se-á sentido embalada pela esperança de não sofrer golos. A quase certeza que dificilmente sofreria mais de um.

Duraram meia hora as suas ilusões.

Efectivamente, a organização defensiva do Olympique criou grandes dificuldades ao ataque do Vitória, não lhe permitindo espaço e tempo para o remate. Rápidos, vigorosos e com bom sentido de entreajuda, os jogadores da defesa de

Comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

Lyon, com natural destaque para o «libero» Geyzihski, iam resistindo às tentativas de infiltração, não deixando livre uma nesga de terreno para uma troca de passes, para um intento de remate.

Era, no entanto, uma tarefa desgastante e que aos poucos se avolumava. Começaram a aparecer na zona defensiva lionesa novos mensageiros de perigo: jogadores das linhas recuadas, que «não eram para estar ali». E ora surgiam em funções de ataque os «laterais» Carriço e Conceição, ou era Wagner ou Tomé que pisavam, inesperadamente, os terrenos da área. Aconteceu ser Carriço a fulminar a baliza, na recarga a um remate defendido para perto.

Depois foi a vez de Tomé. Tomé começou a aparecer misturado com os avançados. Recuava, vinha ao meio campo, mas lá estava outra vez na frente, na mira de encontrar o que vinha faltando aos seus companheiros da avançada: oportunidade para rematar.

E Tomé, decididamente, não estava nos planos dos franceses. Caiu ali a mais. Como a visita que não se espera e para quem não se põe talher na mesa. E o moço setubalense, todo ele ardor e temperamento, foi o executor das esperanças gaulesas. Três golos. Três golos seguidos. Adeus, Lyon...

AS SOLUÇÕES DAS GRANDES EQUIPAS

Esta possibilidade revelada pelo Vitória, de ganhar um jogo por 5-0 com um único golo (e este de «penalty») marcado por um dianteiro, não pode considerar-se fruto ocasional da «inspiração» de Tomé ou de Carriço.

É, sim, a demonstração de que a equipa está inteiramente preparada para as dificuldades do futebol actual, em que frequentemente recai sobre os avançados uma tal vigilância que quase significa «proibição de marcar golos».

Equipa completa, equipa no verdadeiro sentido do termo, será aquela que se mostra capaz de encontrar soluções como as que o Vitória encontrou ontem. Passou o tempo em que cada sector de uma equipa tinha uma função específica e quase se dissociava da tarefa dos restantes. Actualmente, um bom defesa também terá que saber cumprir o papel de avançado, tal como um dianteiro não poderá deixar de colaborar na guarda à sua baliza, quando a tarefa que se impõe é a de defender.

Neste aspecto, consideramos que o Vitória deu ontem uma verdadeira lição sobre as soluções de ataque quando os jogadores em princípio destinados a essa tarefa encontram uma oposição que lhes não permite êxito.

UM LYON «FULMINADO»

O Vitória chegou aos 2-0 com dois golos no espaço de um minuto e numa altura em que poderiam surgir os primeiros sintomas de enervamento. Assim, a equipa valorizou-se em tranquilidade ao passo que os franceses sentiam o golpe, que os obrigou, ainda, a alterar os planos. Inicialmente, apenas Guy e Lekak estavam permanentemente no ataque, aí surgindo Rambert, Maison e ocasionalmente outros apenas quando a equipa embalava de trás em contra-ofensiva.

Com dois golos de desvantagem, o Lyon não abdicou o «libero» nem da atenção aos avançados setubalenses, mas jogadores que haviam actuado entre o meio-campo e a defesa passaram a surgir mais adiantados, na natural tentativa de recuperação. O Vitória tomou então conta do meio-campo, onde Wagner, Tomé e José Maria, frequentemente apoiados por defesas que avançavam ou dianteiros que recuavam, tomaram mais firmemente as rédeas do jogo e lançaram a equipa para uma exibição que atingiu fases de grande espectáculo.

Nem um só dos jogadores vitorianos deixou de colaborar nessa magnífica demonstração de força colectiva. Mas Cardoso e Carriço foram impecáveis na defesa, onde Alfredo e Conceição foram também pràticamente inultrapassáveis. Saliente-se o papel dos laterais nos movimentos ofensivos da equipa. Tomé foi o «rei» do jogo. E José Maria, e Jacinto João e Wagner e Arcanjo...

Eufórico, Tomé apresta-se para receber as felicitações dos companheiros. Entretanto, um francês parece admoestar os companheiros.

Saliente-se, ainda, o regresso de Guerreiro, após longa ausência. E está O. K.

O Olympique de Lyon foi uma equipa aturdida pela velocidade e talento dos adversários e pela ruína de todos os seus planos. Pode jogar melhor, como o fez, aliás, em Coimbra. Ontem, nem um só dos seus jogadores impressionou favoràvelmente. Nem um único verdadeiramente à altura de competir com este excelente Vitória.

Part da no Estádio do Bonfim.

VIT SETÚBAL — Vital; Conceição, Cardoso, Alfredo e Carriço; Tomé e Wagner; Arcanjo, José Maria, Figueiredo e Jacinto João. Na segunda parte, Guerreiro e Petita substituíram, respectivamente, Figueiredo e Arcanjo.

OLYMPIQUE DE LYON — Chaveau; Degeorges, Glosinski, Flohic e Lhomme; Nouzaret e Maison; Lekkak, Guy, Perrin e Rambert.

Árbitro: o belga Alfred Delcourt.

Golos por Carriço (31 m), Tomé (32, 57 e 69 m) e Petita (77 m)

MIGNOT: Perdemos com um «team» que nos é superior

Apesar dos 5 golos sofridos não havia pròpriamente desânimo entre os gauleses do Lyon. Reconhecia-se que a equipa fora vencida por um adversário de autêntica classe e que tivera uma actuação verdadeiramente... irresistível.

O técnico MIGNOT da turma lyonesa foi categórico quando nos disse:

— Perdemos com um «team» que nos é manifestamente superior. Devo no entanto acrescentar que o Lyon jogou mal, muitíssimo mal. Bastante longe daquilo que está ao seu alcance.

«De resto eu sabia da capacidade do Vitória e da sua experiência nestas competições europeias. Agora em Lyon tentaremos ganhar, até por uma questão de honra.»

E enquanto arrumava a bagagem no grande saco de viagem Mignot finalizou:

— Mas vai ser muito difícil... muito difícil.

FERNANDO VAZ: Quando o Vitória joga assim...

FERNANDO VAZ é, inegàvelmente, um homem imperturbável. Ontem após o encontro com o Lyon em que a sua equipa infligiu «contundente» derrota ao antagonista, nem por isso o técnico sadino se entregou a alardes de euforia ou a afirmações sensacionais. Antes pelo contrário...

Rodeado de amigos e de repórteres o treinador do Vitória de Setubal afirmou:

— A partida foi muito interessante e tenho de reconhecer que o Lyon jogou francamente menos do que eu lhes vi recentemente. Quanto á minha equipa, teve uma actuação excelente e não me custa afirmar que a jogar assim, nenhuma equipa nos poderia ganhar aqui no Bonfim.

Também me apraz salientar o clima de disciplina que rodeou a partida embora os franceses por vezes utilizassem aspereza a mais nas suas entradas.

E a concluir:

— Certamente em Lyon vai ser mais difícil. Mas ainda temos muito tempo para pensar nesse jogo.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — No Pavilhão da Ajuda. Jogos a contar para o Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão: C. N. O. C. A.-Vendedores de Jornais, ás 20 e 30; Oriental-Boa Hora, ás 21 e 45; e Cova da Piedade-Encarnação, ás 23 h.

BASQUETEBOL — Nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, em jogos a contar para o Campeonato de Lisboa da I Divisão (2.ª categoria): Liberdade - Ateneu e Sacavenense-Carnide, ás 21 e 30.

FESTIVAL — Comemorativo do 62.º aniversário do Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes».

FUTEBOL — No campo do Amora para inauguração da luz: Amora-Seixal, ás 20 e 30 e Vitória de Setubal-Barreirense, ás 22 horas.

DESPORTO

HÓQUEI EM PATINS

No Porto (Pavilhão do Infante de Sagres), realizaram-se, ontem, dois jogos a contar para o «metropolitano» de hóquei em patins, Zona Norte.

Resultados: Carvalhos, 2-Valongo, 1; F. C. Porto, 4-Académica de Espinho, 1.

Também no pavilhão do Clube Atlético de Campo de Ourique se efectuaram encontros que dizem respeito aos «nacionais» de juniores e juvenis.

Em juniores, a Juventude Salesiana bateu a Liga de Algés, por 2-0; enquanto que em juvenis o C. A. C. O. venceu a Salesiana, por 3-1.

LUXOR
MÁQUINAS AUTOMÁTICAS DE LAVAR E SECAR ROUPA

MAIS SIMPLES
MAIS VANTAGENS
MELHOR QUALIDADE
VÁRIOS MODELOS
LUXOR
RECOMENDA O USO DO DETERGENTE skip
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa: R. António Enes, 20-1.º - Tel. 535057
Porto: Rua Formosa, 172 — Tel. 26902
A VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA
Cursos: BASICO NORMAL ACELERADO
ABERTAS AS INSCRIÇÕES — INICIO DOS CURSOS — OUTUBRO
EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES
Rua Marques da Silva, 99, 2.º — Tel. 532702
EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS
R. Conde Redondo, 56, 1.º-Esq. — Tel 536380
CURSOS INTENSIVOS, NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO, PROFESSORES ESPECIALIZADOS LIVROS PRÓPRIOS

EM ALVALADE: SPORTING, 1-NEWCASTLE, 1

JÁ HAVIA OS INGLESES E AINDA POR CIMA CHOVEU...

...Mas os embaraços sportinguistas não residiram só no adversário e no estado do terreno

Um golo nos instantes derradeiros do desafio, salvou o Sporting de uma derrota ante os ingleses do Newcastle, no primeiro jogo da segunda eliminatória da Taça das Feiras. Esse golo, a transformar em empate a derrota iminente, deixa ainda ao grupo português algumas esperanças de qualificação. Mas não muitas. O tal Newcastle é uma equipa poderosa, que veio a Lisboa com o objectivo fundamental de não perder — e não perdeu. No próximo dia 20 a sua meta passará a ser a vitória e muito bem terá de jogar o Sporting para o impedir. E dizendo «muito bem» queremos dizer: muito diferente do que jogou ontem.

Pode dizer-se que os embaraços que marcaram penosamente a actuação do Sporting, foram líquidos, sólidos e pastosos. Líquidos, porque choveu, choveu mesmo a cântaros, transformando o terreno num charco mal coberto pelo verde da relva; sólidos, porque é difícil encontrar atletas mais sólidos que aqueles ingleses, impetuosos e resistentes, e, ainda por cima, a actuarem nas suas «sete quintas». Só faltou o «smog»; pastosos, finalmente, os esquemas de ataque do Sporting, plenos de hesitações, de tardanças e de retenções de bola, sempre que não fosse jogá-la para os lados ou para trás. «Para a frente é que é caminho» — diz-se, habitualmente. Mas «nisto» de futebol, para a frente é que é difícil. Cada vez mais.

Aliás, o jogo iniciou-se sem chuva, e o terreno, embora naturalmente já pesado pelas bétegas que haviam caído ao princípio da noite, possibilitava um futebol rápido, sem distorsões nem dificuldades nos passes rasos. O Sporting atacou com ímpeto, com uma energia e uma generosidade que seriam virtudes da equipa durante todo o jogo. Se é possível suar debaixo de chuva, não há dúvida de que não foi apenas de água que se encharcaram as camisolas dos jogadores sportinguistas.

A propósito de camisolas, é altura de dizer que o Sporting mudou, ao intervalo, das habituais ás listas verdes, por outras do antigo equipamento do clube, metade verde, metade branca.

Essa mudança de indumentária não teve, porém, coincidência com mudança na ordenação dos movimentos da equipa. A defesa inglesa, muito «fechada» e um tanto rispida, não foi colocada perante os mais delicados problemas, que seriam as ofensivas lançadas pelos flancos e as súbitas mudanças, a «descongestionar» e ganhar espaço para os remates. Claro, isto é pura teoria, lá dentro é que custa. Na prática. Mas...

Uma ideia de horas antes

As dificuldades de penetração do ataque do Sporting fizeram-nos recordar o que víramos, horas antes, em Setúbal. Também os franceses do Lyon haviam encontrado atenta guarda aos dianteiros do Vitória. Com «ferrolho» e tudo. Simplesmente, enquanto estes faziam a cabeça em água aos defensores gauleses, com a sua vivacidade e o seu sentido de colectivismo, avançava uma segunda linha de ataque. O Vitória chegou a 4-0, com três golos de um médio (Tomé) e outro de um defesa (Carriço). Significa isto «espírito de equipa» no melhor sentido — no sentido de que não há posições nem funções rígidas, e que os homens da retaguarda podem ser os melhores atacantes quando os «atacantes efectivos» se encontram espartilhados pelo sistema defensivo do adversário.

Não esquecemos que os jogadores do Newcastle «deram guerra» aos sportinguistas onde quer que estes surgissem com a bola. Mas não se assistiu a essa súbita e sempre perturbadora integração de jogadores das linhas atrasadas no ataque. E dizemos súbita para que não se confunda com os lances em que o defensor transporta laboriosamente a bola ou colabora em demorada teia de passes. Porque esse, quando lá chega, não é nada inesperado nem nada perturbador.

Tudo isto são reparos que se colocam á actuação sportinguista apenas no tocante á primeira parte, quando o estado do terreno ainda tornava possível um futebol muito mais rápido e perfurante. E sem esquecer que os ingleses se mostraram muito rápidos e duros na tarefa de defender. Mas, apesar disto tudo, pensamos que o Sporting não fez tudo *para tornear os obstáculos.*

Chover no molhado

A trovoada trouxe muito mais chuva na 2.ª parte, e foi então que o relvado ficou um lago. Tudo passou a ser inexpressivo e sem significado. O futebol tornou-se só esforço, um exercício em que pontapear a bola para longe já era proeza.

O Sporting ficou, então, perante um dilema: na primeira parte tentara jogar com a bola rente ao solo, ideia contrariada pelos britânicos, que constantemente a levantavam, para extraírem proveito da sua vantagem no jogo por alto. Depois, passou a ser quase impossível jogar pelo chão, porque não era chão, era água. Particularmente notórias foram as dificuldades de Chico a pretender conduzir a ensopada esfera de couro, em fintas condenadas ao fracasso. Hilário deu o mote da nova necessidade de levantar a bola, fazendo-o espectacularmente, e conseguindo, por via aérea, o que era muito difícil fazer por outra: que a bola chegasse á área dos ingleses. Mas voltava-se ao princípio: estes marcavam acentuada vantagem no jogo por alto...

Foi assim, toda uma segunda parte em que interessava mais ter força do que ter jeito, com a chuva a cair e os jogadores também. E nos últimos segundos, quando já não se acreditava, José Morais desfechou um remate desesperado, de longe, e conquistou um empate, que não fecha de todo as portas da esperança.

... Mas antes, durante os anteriores oitenta e nove minutos e meio, quantas vezes tinham os sportinguistas rematado de longe?

★

Damas e o bloco defensivo estiveram, com destaque para Armando e Hilário, á altura das circunstâncias. Daí para a frente houve muitos embaraços. Muitas tentativas apontadas pelo corredor central. Um só extremo — Chico — e sem «estilo de jogo» para uma noite assim. Do outro lado, umas vezes Pedras, outras vezes José Morais, outras vezes (muitas) ninguém. Mas foi pelo flanco esquerdo e por acção do brasileiro que nasceram os melhores lances de ataque do Sporting.

O Newcastle, repete-se, é uma boa equipa. Excelente capacidade atlética (importante, sempre; importantíssima, ontem) e boa técnica. Pensaram, principalmente, na defesa, mas viu-se que também são perigosos os seus atacantes.

MÁRIO ZAMBUJAL

José Morais, que viria a marcar o golo do empate, apresta-se para iniciar mais um lance ofensivo da sua equipa.

Jogo no Estádio de Alvalade:

SPORTING — Damas; Celestino, Armando, José Carlos («capitão») e Hilário; Gonçalves (Mário) e Morais; Chico, Ernesto, Lourenço e Pedras.

NEWCASTLE — McFaul; Craig, Winstanley, Mancur («capitão») e Clark; Gibb e Burton; Robson, Scott, Davies e Foggon (Dyson).

Arbitro: o alemão Vetter.

Golos: por Scott (31 m.) e José Morais 89 m.).

Outros jogos desta competição

A contar para a «Taça das Cidades com Feira», realizaram-se ontem, vários desafios, de que damos os resultados:

Em Glasgow, o Rangers derrotou concludentemente (6-1) o Dundalk, da Irlanda. Partirá, portanto para o campo do adversário, com vantagem que lhe permite encarar com confiança o encontro de segunda «mão» marcado para 13 de Novembro.

Por seu lado, em Saragoça, o Aberdeen (da Escócia) foi eliminado, por 3-0. Na primeira «mão» o Saragoça perdera por 1-2.

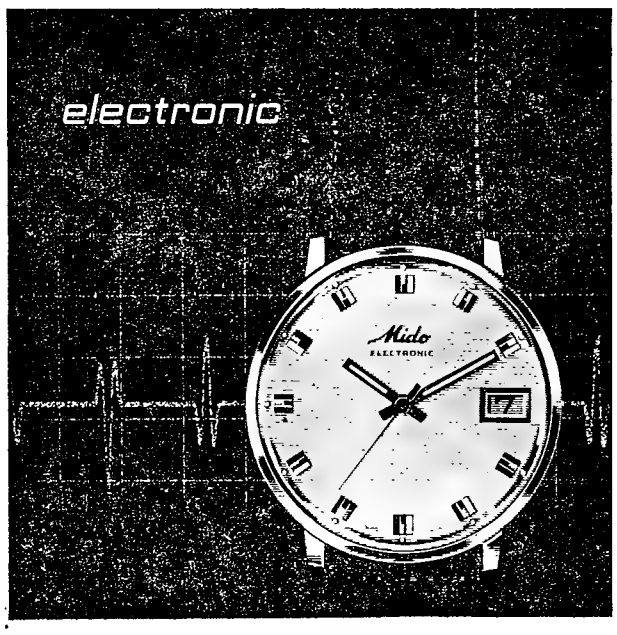
Em Esmirna, na Turquia, o Goestepe venceu o Arges Pitesti (da Roménia) por 3-0. Recorda-se que o Arges Pitesti eliminara anteriormente o Leixões. Agora o segundo jogo da eliminatória realizar-se-á a 13 de Novembro.

O DWS, pelo famigerado e antidesportivo sistema de «moeda ao ar», *derrotou* o Chelsea, após ter empatado sem golos no relvado do clube inglês. Na jornada anterior, o marcador também ficara em branco.

O NOSSO PALPITE

Braga-Leixões	1
Belenenses-Varzim	1
Porto-Sporting	X
Académica-Guimar.	1
U. Tomar-CUF	X
Famalicão-B. Mar	2
A. Viseu-Salgueiros	X
Covilhã-Penafiel	1
Espinho-T. Novas	X
Leça-Tramagal	X
Alhandra-Lusitano	1
Sintrense-Torriense	1
Seixal-Sesimbra	X

Leia a Revista PALPITE e aumente as probabilidades de ser totalista no Totobola.



Quando a relojoaria suíça entra na ERA ELECTRÓNICA

Mido pioneiro dos relógios automáticos

e sempre na vanguarda,

apresenta o

RELÓGIO ELECTRÓNICO

a mais revolucionária criação técnica da relojoaria suíça à venda em Portugal nas melhores ourivesarias e relojoarias

Mido electronic

EM PLAQUÉ ESC.- 4250$00
EM AÇO ESC.- 3750$00

AGENTES OFICIAIS

DIADEMA JOALHEIROS

RUA DO OURO, 166-170 — Telef. 32 13 62 — LISBOA

DAVID SMITH: Podíamos ter ganho

Do lado inglês havia natural contentamento, embora a vitória lhes tivesse fugido nos derradeiros momentos da partida. A verdade é que o empate já lhes oferece excelentes perspectivas de resolver favoràvelmente a eliminatória.

DAVID SMITH, com quem falámos após o termo do desafio afirmou-nos:

— As duas equipas foram bastante prejudicadas pelo mau estado do terreno.

— Quanto ao resultado?

— Podíamos ter ganho e acho que esse seria o resultado justo. No entanto o golo do empate foi o prémio para o esforço do Sporting.

E a concluir:

— Esta equipa com o Eusébio teria saido vencedora, estou certo disso.

F. CAIADO: A eliminatória ainda não está decidida

O golo do empate obtido já no declinar da partida renovou as esperanças «leoninas» embora a eliminatória se apresente bastante comprometida.

O treinador FERNANDO CAIADO teceu as seguintes considerações:

— Defrontámos dois adversários o Newcastle, que se fechou muito bem na defesa e o estado do terreno que foi inegàvelmente mais prejudicial á minha equipa.

Quanto ás perspectivas que o segundo encontro oferece disse:

— A eliminatória ainda não está perdida. O mesmo bom resultado que os ingleses aqui alcançaram podemos também nós conseguir em Newcastle. Ainda faltam 90 minutos e as esperanças mantêm-se.

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

O Reino de Buda — no LUMIAR

Cheque à Scotland Yard — no POLITEAMA

MONUMENTAL

(M 7 anos) Tel. 555131

As 15.15 e 21.30 h

Cada cozinheiro tem a sua especialidade ...mas este filme vai agradar ao seu «paladar»

EM PONTO DE REBUÇADO

com James Garner e Debbie Reynolds

ODEON

Tel 326283

As 15.15, 18.15 (P. r.) e 21.30

2.º MÊS!... — 6.ª SEMANA

do filme português

ESTRADA DA VIDA

Que atitude deve tomar uma mulher perante uma infidelidade do marido? Perdoar-lhe ou abandoná-lo?

c/ Paulo Renato e Laura Soveral

(Maiores 17 anos)

CONDES

Tel. 322523 e 326710

As 15.15, 18.15 e 21.30

(M. 12 anos)

2.ª SEMANA

7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS

com Jane Powell — Howard Keel e Russ Tamblyn

RESTELO

Tel. 61 03 75

Às 21.30 (Adultos)

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

com Marilyn Monroe, Tony Curtis e Jack Lemmon.

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

Às 15.15 e 21.30

Um policial de alto nível

A NOITE ESCALDANTE DO INSPECTOR JOSS

c/ Jean Gabin e Dany Carrel

CHIADO TERRASSE

Tel 320917

Às 15 e ás 21 h. (M. 17 anos)

MISSÃO INQUIETANTE UMA NOITE... POR ACASO

IMPERIAL

Às 15 e ás 21 h. (Adultos)

A ÚLTIMA VÍTIMA

O OBSECADO

LUMIAR

HOJE, ás 21.30 (Adultos)

Faz a sua inauguração com um espectáculo de incontestável valor!

O REINO DE BUDA

com Kojiro Honyo, Charito Solis

EDEN

(M 12 anos) Tel. 320768

As 15.15 18.30 e 21.45

Panavision — Technicolor

A BATALHA DE ANZIO

A partir de Anzio todos os caminhos vão dar a Roma!

c/ Robert Mitchum, Robert Ryan, Peter Falk, Earl Holliman e Arthur Kennedy

...onde o fim da II Guerra começou

EUROPA

(M 12 anos) Tel. 661016

As 15.15 e 21.30

A FECHADURA MISTERIOSA

Um mistério denso até á última imagem, do mestre Edgar Wallace

com Judith Dornys e Harold Leipnitz

ALVALADE

(M 12 anos) Tel. 763080

As 15.45 e 21.45

John Wayne-Kirk Douglas em (Tecnicolor — Panavision)

ASSALTO AO CARRO BLINDADO

Dois homens invencíveis: inimigos mas que selaram um pacto indestrutível

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743

As 15.15, 18.30 e 21.45

A sensacional Julie Andrews ama, dança, canta e encanta no filme que o público aplaude!

MILLIE, RAPARIGA MODERNA

Uma comédia musical em technicolor

3.ª semana de enchentes

Metro — Estação Picoas

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

As 15.30 18.30 e 21.45

A obra-prima de François Truffaut em 3.ª semana «Palma de Ouro» do Festival de Cannes

OS QUATROCENTOS GOLPES

SÃO LUIZ

(M 12 anos) Tel. 327172

As 15.15 18.15 e 21.30

(Tecnicolor — Panavision)

John Wayne Kirk Douglas em

ASSALTO AO CARRO BLINDADO

Dois homens invencíveis: inimigos mas que selaram um pacto indestrutível

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 55 51 34

As 15.15 e 21.30

2.ª SEMANA

Poderá uma mulher como Petulia agir como ela o fez após seis meses de casada?

PETÚLIA

...O FILME INVULGAR

(Technicolor)

Um filme de Richard Lester c/ Julie Christie, George C. Scott, Richard Chamberlain (Dr Kildare) Joseph Cotten.

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595

Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

3.ª SEMANA

Na tela gigante de 70 m/m

BANDOLERO

c/ James Stewart, Dean Martin e Raquel Welch

HOJE, ás 6.30 da tarde — Recital de «Ballet» das alunas de Ruth Arvin (M. 6 anos).

SÃO JORGE

Tel. 54154

As 15.15, 18.15 e 21 e 30

(M 17 anos)

5.ª SEMANA

O melhor filme do ano — 5 «Oscars» —

NO CALOR DA NOITE

com Rod Steiger e Sidney Poitier

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

As 15.30 e 21.45

Um policial de alto nível

c/ Jean Gabin e Dany Carrel

A NOITE ESCALDANTE DO INSPECTOR JOSS

No PALCO, actuação especial do TRIO ELECTRÓNICO HOHNER (só nas sessões da

LIZ

SEMANA

ONDE ESTAVAS TU QUANDO AS LUZES SE APAGARAM? UMA RÉSTIA DE AZUL

POLITEAMA

HOJE, ás 21.30 Tel. 326305

NOTÁVEL ESTREIA

Um apaixonante filme no estilo «mistério até ao fim»

CHEQUE À SCOTLAND YARD

com Brigitte Horney, Heinz Drache e Barbara Ruting

(M. 12 anos)

HOJE, ás 18.30 — sessão clássica — (M. 17 anos).

ESTÚDIO

5.ª SEMANA Tel. 553134

As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)

Um filme de Francis Coppola, c/ Elizabeth Hartman, Geraldine Page e Peter Kastner

A NOITE É PERVERSA

LIDO

Tel 93 75 93 AMADORA

As 21.30 (M 17 anos)

Um filme de «suspense» com o grande actor Rod Steiger

NÃO SE TRATA ASSIM UMA SENHORA

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 26 07 29

As 17 e ás 21.30

«HAWAI»

Julie Andrews, Richard Harris, Max Von Sidow e Jocelyn Lagarde.

IDEAL

Tel 324194

Às 21 horas (M. 12 anos)

OSS 117 — TERROR EM TÓKIO

A ESTRANHA CONDESSA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos).

MONUMENTAL — As 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).

VILLARET — As 21 e 45: «D. Quixote» (17 anos).

VARIEDADES — As 21 e 45: «O Amor 68» (17 anos).

CINEMAS

ARCO-ÍRIS — As 21: «Agente secreto 007» (17 anos).

CINEARTE — As 21: «Os olhos da noite» (17 anos)

PARIS — As 21: «O Grande Restaurante» (12 anos).

JARDIM — As 21: «Quatro damas para um ás (17 anos).

ROYAL — As 21: «Um estranho em casa» (17 anos).

OLÍMPIA — As 21: «A maldição de Golem» (17 anos)

SALÃO LISBOA — As 19: «As mãos e a morte» (17 anos)

CINE-MOSCAVIDE — As 21: «O Visconde não perdoa» (17 anos).

ORIENTE — As 21: «Berlim, reunião de espiões» (17 anos).

VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «Diário de um louco» (17 anos).

PROMOTORA — As 21: «Ambição de Glória» (17 anos).

CINE-ENCARNAÇÃO — As 21: «Um maluco em órbita» (17 anos).

CAMPOLIDE — As 21: «O filho do pistoleiro» (12 anos).

UNIVERSAL — As 21: «Pedro, o louco» (17 anos)

SPORT LISBOA E BENFICA — As 21.15: «Os cavaleiros do Ar» (17 anos)

BOMBEIROS VOL. DE LOURES — Às 21.30: «A minha gueixa» (12 anos).

CAMPOLIDE — Às 21: «Enorenca dupla» (12 anos).

● Linha de Cascais

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «No dia seguinte» (12 anos)

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Hawai» (17 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30. «Rasto de violência» e «A maldição da múmia» (12 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Por favor não como os malmequeres» (12 anos)

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21 e 15: «O pioneiro» (12 anos).

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30. «Onde está o óscar» (17 anos).

QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O comboio fantasma» e «O tigre ataca» (17 anos).

SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Murieta» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 30: «Os pequenos homens da floresta» (6 anos).

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Viva Maria» e «Aventura em Junho» (17 anos)

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Deserto em chamas» (12 anos).

RECINTOS DE DIVERSÕES

* Reapareceu na «Severa» a cantadeira Saudade dos Santos.
* A artista Alice Maria, há tempos sujeita a uma intervenção cirúrgica, já entrou em convalescença.
* Acentuaram-se também as melhoras da artista Maria Valejo.
* Um grupo de artistas do restaurante «Folclore» desloca-se em breve ao Brasil.
* Está a actuar no «Abril em Portugal» a cantadeira Cesaltina Santos.
* Continua a actuar com êxito no restaurante «Mil e um» o artista Vitorino dos Santos.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — Sanex, Av da Igreja, 31-C (776905) ✲ Aeroporto Av Gago Coutinho, lote 101-D (á Av D Rodrigo da Cunha) (722384) ✲ Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (á Av Estados Unidos da América) (721409)

ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660187)

ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (44373).

ALTO DO PINA — Ibéria, R Barão de Sabrosa, 235-A (á Alameda) (728277)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da República, 58-D-E, (771661) ✲ Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (44995) ✲ Cruz Nunes, Pr Duque de Saldanha, 14 (41845) ✲ Novais, Av Luís Bívar, 11-13 (44324)

ARCO DO CEGO — São Jorge, Av. Rovisco Pais 32-A-B (534027).

AREEIRO — Algarve, Av de Roma, 7-B (777478).

ARROIOS — Bastos, R Morais Soares, 91-F (844350)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, nº 41 (311216).

BAIXA — Silva Carvalho, R dos Fanqueiros, 126 (326575)

BELÉM — Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias 63-A (611454)

BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira, 34-A (704888) ✲ Vitex, Est de Benfica, 373-B (780548) ✲ J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (780969)

CAMÕES — Sanitas, Pr Luís de Camões, 24 (322798)

CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) ✲ Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) ✲ Urbano, de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-9 (662838)

CAMPO DE SANTANA — Silmar, R. de S. Lázaro, 128 (42829)

ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Morais, 1 (771469)

ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 62-A (669485) ✲ Mota Capitão, Rua de São Félix, 45-A (660720)

CAMPO GRANDE — Cabrita, C Grande 220-222 (772397)

CHARNECA — São Bartolomeu, Via Paulo Jorge — Galinheiros (790089)

CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R de Campolide 54-A (684424)

GRAÇA — Silva, Calçada do St.º André, 6 (862074) ✲ Branquinho, Rua dos Sapadores 87 (842725)

ESTEFÂNIA — Pancada, R Rebelo da Silva 9 (43340)

JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. das Jan Verdes, 90 (662327)

LUMIAR — Central, R do Lumiar, 11 (790480)

MARQUÊS DE POMBAL — Liberal, Av. da Liberdade, 219 (43641).

OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 19 (311237) ✲ Fernandes Borges, R. C, 9 lote 300 — Olivais Sul (311091)

PICHELEIRA — Luzmar, R João do Nascimento Costa, 6-A (T P P.C 728395-720703)

RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (681947).

REGO — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (761035)

RESTELO — Belém, R Tristão Vaz 10-A (á Encosta do Restelo) (612248)

SANTO AMARO — Gomes, Sucs., R da Junqueira 326 (638193) ✲ Costa, R dos Lusíadas, 32 (636704) ✲ Dilena, R Aliança Operária, 49-A-B (636620)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç D Gastão, 30-32 (381279)

S. BENTO — Fenix, R da Cruz dos Poiais, 52 (678531).

MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R. Francisco Marques Beato, 75-A (25189?8)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av Comb G Guerra, 29 — Tel 21208?)

CAXIAS — Nova, R Bernardim Ribeiro, 7-A (242839)

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes, 4 (2432039)

OEIRAS — Central, R João Teixeiro Simões 18 (2430058)

PAREDE — Aizir — Av Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (Tel 2472948)

ESTORIL — Parque — Arcados do Parque 3 (Tel 260191)

CASCAIS — Cordeiro, Av Comb G. Guerra, 40 (280170) ✲ Nova, Est de Alvide — Fontainhas (281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R Elias Garcia, 209 (Tel 930019); Flama — R Elias Garcia, 78-B (Tel 932485), Confiança — Av D. Nuno Alvares Pereira, 5-A (Te 933149)

DAMAIA — Confiança Est Militar, lote D (97 028)

QUELUZ — Correia, L do Mercado, 3 (950905) ✲ Zeller, R do Republica, 83 (950045)

CACÉM — Central, R Elias Garcia, 55 (2940084)

MEM MARTINS — Quimia, Est Mem Martins 285 29'00'21

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456)

SINTRA — Marrazes — Largo Afonso de Albuquerque (Tel 980058).

COLARES — Colares, Abrela (299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 0 (234137)

ALHOS VEDROS — Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (224250)

ALMADA — Central — R de Olivença, 11-B — (Tel 270504)

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est Nacional 221-B (224141).

BARREIRO — St.ª Marta — R do Lavradio, 77-C (Tel 2272'41)

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro, 18 (270254)

MOITA — União Moitense, Av. Dr Teófilo Braga (239025)

MONTIJO — Moderna, R Bulhão Pato 60 (230156)

SESIMBRA — Leão Av Salazar (22947?)

SETUBAL — Costa, Largo da Misericórdia (Tel 22760); Brasil, P do Brasil (Tel. 24788)

SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (2218560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhias das Águas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados), 382069.

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✲ Voluntários, 538524

POLICIA E G N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G N. R. (área rural). 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763455

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 860029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação fluvial (T Paço) 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B

Telef. 5 73 78

(frente à Embaixada Americana)

AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA «YO LYN» E FICARÁ CLIENTE

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE

Telheiras de Cima, 144

Telef. 790211

AOS SÁBADOS E DOMINGOS JANTARES DANÇANTES c/ conjunto privativo (Maiores de 25 anos)

PAPARICINHA DO RATO

Restaurante — snack-bar cervejaria

Especialidades de churrasco de frango, pato porco e cabrito

Largo do Rato, (entrada pelo arco) Telefone 68 59 08

Parque para automóveis

CASTANHEIRA

E. da Torre - Lumiar - 790168

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

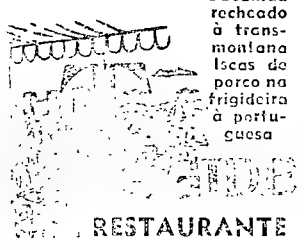
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

(Maiores de 25 anos)

ALMOÇO

MESA REDONDA — 50$00

AMANHÃ Bacalhau rechado à transmontana Iscas de porco na frigideira à portuguesa



RESTAURANTE

LARGO DA BIBLIOTECA, 20

TELF 36 28 LISBOA

ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.

HONG KONG

RESTAURANTE CHINÊS

UM CONVITE PARA CONHECER UM PALADAR DIFERENTE

R. Camilo Castelo Branco, 23-B

Telef. 538665 — LISBOA

SANCHO

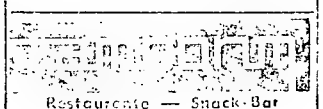
RESTAURANTE

T da Glória, 14 / T. 369780

ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE NO MELHOR AMBIENTE

SALA PARA 40 E 80 PESSOAS

— AR CONDICIONADO —



Restaurante — Snack-Bar Cervejaria

Especialidades diárias AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA

Rua Gomes Freire, 14 (Ao Campo Santana)

Telefone 4 62 47

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 320271-2-3 e 321154-5
Publicidade 34221
End. Tel. DIBOA; Telex 136
Lisboa 2 — Portugal

Um drama americano para a estreia de Amália nos palcos do teatro

Amália em Cascais é um acontecimento da nova «saison» de teatro

Uma peça de Tennessee Williams encenada pela primeira vez em 1957 e reescrita a partir de outro original que «caiu» 17 anos antes na Broadway é o primeiro texto dramático a ser interpretado por Amália Rodrigues fora dos estúdios da R. T. P. Trata-se de «A descida de Orfeu» («Orpheus Descending»), nova versão de «A batalha dos anjos», onde uma visão pessimista do mundo se acrescenta a tremendas obsessões de ordem física, tudo isto servido por um talento inconfundível de dramaturgo.

Amália será — naturalmente — a protagonista, cumprindo assim um desejo antigo. fazer teatro a sério. Muitas outras figuras do «music-hall» internacional têm transitado, episódica ou definitivamente, para o teatro declamado, e é sempre com redobrada curiosidade que o público acorre a testemunhar a experiência.

No caso de Amália não há propriamente uma estreia em forma. Além do teatro televisado («O céu da minha rua», de Romeu Correia, e «A sapateira prodigiosa», de Federico García Lorca), fez vários filmes mais ou menos notados pela crítica, desde produções como «Capas negras», «Fado» e «Vendaval maravilhoso» aos guiões ambiciosos de um Pierre Kast («Os amantes do Tejo») ou de um Carlos Vilardebó («As ilhas encantadas»).

Agora cabe-lhe ser dirigida por Carlos Avilez, encenador titular do Teatro Experimental de Cascais. Na *hora da verdade* Amália não irá recitar para grandes plateias: o velho Gil Vicente tem, por junto, quatro centenas de lugares.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado ou encoberto, o vento era fraco ou moderado de Sudoeste, soprando com rajadas fortes em alguns locais; e chovia ou caíam aguaceiros

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 22°,4; mínima: Penhas da Saúde, 6°

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Faro, 21°; Lisboa e Porto, 15°; Penhas Douradas, 8°; Portalegre, 13° e Funchal, 20°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera, 18°; na água do mar, 17°,5

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação do tempo instável, com períodos de chuva ou aguaceiros; vento moderado de Sudoeste, soprando por vezes com rajadas; trovoadas dispersas.

Amanhã
Nascer às 8 e 4
Ocaso às 18 e 37

Dia 5	Dia 13	Dia 20	Dia 26

MARÉS
PREIA-MAR: Dia 31 — 0 e 30 (3,4 m); 12 e 50 (3,6 m). Dia — e 30 (3,6 m), 13 e 48 (3,8 m). Dia 2 — 2 e 19 (3,8 m); 4 e 32 (4 m).
BAIXA-MAR: Dia 31 — 6 e 30 (1,7 m); 19 e 10 (1,4 m). Dia 1 — 7 e 22 (1,5 m); 19 e 52 (1,3 m). Dia 2 — 8 e 9 (1,4 m), 20 e 34 (1,2 m).

Eng.º Eduardo Mendes Barbosa

O eng.º Mendes Barbosa na presidência da TAP

Uma portaria do ministro das Comunicações, publicada pelo «Diário do Governo», confirmou a Companhia Portuguesa Rádio Marconi no exercício das funções de presidente do conselho de administração da T. A. P. e designou para esse cargo o eng. Eduardo Mendes Barbosa, que desde a posse do eng. Alfredo Vaz Pinto, como ministro de Estado era já o vice-presidente em exercício da nossa companhia de navegação aérea.

A carreira do eng.º Mendes Barbosa na T.A.P., com a significativa ascensão de administrador executivo a presidente do conselho de administração, traduz de modo claro o reconhecimento das suas qualidades de técnico inteligente e organizador esclarecido. Durante os últimos anos foi o mais directo colaborador do eng.º Vaz Pinto, cabendo-lhe tarefas de muita complexidade que sempre cumpriu com a mesma eficiência de gestor actualizado, atento ás profundas implicações da política aérea comercial na nossa economia.

Figura prestigiada nos meios da aviação e das telecomunicações, o eng.º Mendes Barbosa irá, por certo, garantir á T.A.P. a continuidade de um trabalho que se não confina já ao território nacional, antes se estende pelo espaço aéreo — e económico — de vários continentes.

O ESTADO DO PRESIDENTE SALAZAR

Na Casa de Saúde da C. V. P. foi ontem divulgado o último boletim clínico sobre o estado de saúde do Presidente Salazar, que é do seguinte teor:

«Mantém-se estacionária a situação clínica do Presidente Salazar. Às 20 horas os valores registados eram os seguintes:

Temperatura: 37°,2.

Tensão arterial: Máxima, 17; mínima, 10.

Pulso: 92 pulsações por minuto.

Os períodos de respiração assistida foram mais prolongados.»

O DR. VALE GUIMARÃES REGRESSA À CHEFIA DO DISTRITO DE AVEIRO

Um antigo governador civil de Aveiro volta a chefiar este distrito nove anos depois de abandonar o cargo. É o dr. Francisco do Vale Guimarães, advogado e presidente da Fundação Roeder, que presentemente desempenha o lugar de director dos Serviços Administrativos dos C. T. T.

Entretanto, uma portaria do ministro do Interior exonerou da chefia do distrito, a pedido do interessado, o dr. Manuel Santos Lousada, a quem é conferido louvor «pelo zelo e dedicação demonstrados no exercício das funções». Portaria semelhante, também acompanhada de louvor, exonerou do lugar de governador civil substituto o dr. António Fernando Marques.

A posse do dr. Vale Guimarães, que é natural de Aveiro e estava radicado em Lisboa — onde foi presidente da direcção do Clube de Futebol «Os Belenenses» —, ser-lhe-á conferida na próxima semana em cerimónia a realizar no Ministério do Interior.

BODAS DE OURO DO LISBOA GINÁSIO

Para comemorar as suas bodas de ouro, o Lisboa Ginásio Clube realiza, na próxima 2.ª-feira, dia 4 de Novembro, num hotel da Baixa, o habitual jantar de confraternização.

No ciclo das comemorações anuncia-se para o próximo dia 23 de Novembro, na sede do clube, uma sessão solene de gala, para a qual será especialmente convidado o sr. Presidente da República, sendo atribuídos galardões a várias entidades.

Julgamento no Plenário de Lisboa

Em quarta audiência, prosseguiu esta tarde no Tribunal Plenário da Boa Hora o julgamento dos srs. Rui Lopes Cardoso, estudante liceal; Jorge Manuel Sénica Galamba Marques, quintanista de Direito; José Manuel Serra Picão de Abreu, aluno de Direito; Fernando António Brederode Rodrigues dos Santos, jornalista; António Maria de Sousa Ameida, estudante e delegado de propaganda médica; Alexandre José Alhinho Martins de Oliveira, quintanista de Direito; e Carlos Alberto Quintas Cardoso Furtado, vendedor de automóveis e estudante, todos acusados de terem feito parte da Frente da Acção Popular (F. A. P.) e desenvolvido actividades contra a segurança do Estado.

Presidiu, como habitualmente, o sr. desembargador Almeida Moura, desempenhando as funções do Ministério Público o sr. dr. Costa Saraiva, ajudante do procurador da República. A defesa está a cargo dos srs. drs. Joaquim Mestre, António Carqueijeiro, José Paradela de Oliveira, Guilherme da Palma Carlos, Duarte Vidal e Lopes de Almeida.

Na audiência anterior começaram já a ser ouvidas as testemunhas de defesa.

O julgamento deve prosseguir na próxima terça-feira.

Rotary Clube de Lisboa-Norte

Como habitualmente, reuniu-se o Rotary Clube de Lisboa-Norte no Hotel Flórida. Foi feito um relato pormenorizado pelos rotários srs. Gonçalves Lourenço, Presépio e Álvaro Freitas, do «Forum» de Dirigentes realizado na Figueira da Foz.

Após diversas trocas de impressões, a reunião foi dada por terminada pelo presidente do Clube sr. Nuno Caetano.

Historiador brasileiro falou em Belmonte

Realizou-se ontem, á noite, na sala das sessões dos Paços do Concelho de Belmonte, uma conferência proferida pelo historiador brasileiro Ivaldo Gaspar de Freitas, que falou sobre «O Brasil e as comemorações cabralinas». O orador foi apresentado pelo vice-presidente do município local, sr. eng.º Domingos Ferreira Filipe Gil, que presidiu á sessão.

JARDIM ZOOLÓGICO

Do conselho de administração do Jardim Zoológico, recebemos, mais uma vez, um belo ramo de flores, das que se cultivam nos seus excelentes viveiros.

«Alcoolismo e Personalidade» —tema debatido no Círculo de Estudos Psiquiátricos

PORTO, 31. — Na sessão de abertura do Círculo de Estudos Psiquiátricos, o sr. dr. João Salvini, director do Centro de Saúde Mental de Braga, proferiu uma conferência intitulada «Alcoolismo e Personalidade».

Após uma explanação dos vários conceitos de personalidade, como uma resultante de mil forças diferentes, ambientais, de carácter, de educação, de historicidade, de hereditariedade, forçosamente decomponível, de tal modo que o seu equilíbrio é um mito, já que permanentemente oscila entre limites mais ou menos amplos, o sr. dr. João Salvini salientou em que medida a época e o ambiente, em especial «o nosso mundo», condicionam a nossa personalidade.

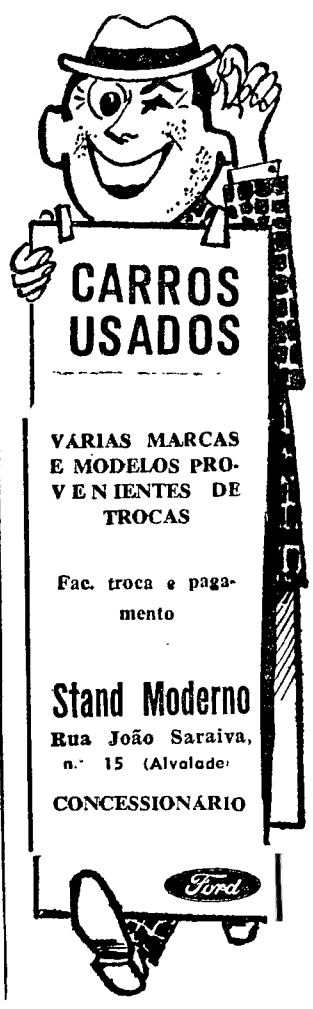
Abordou, depois o problema do alcoolismo, lembrando que as perturbações mais frequentes encontradas nos alcoólicos, são os sentimentos de inferioridade, a insegurança, a timidez, a abulia. O problema, porém — disse — é mais profundo e essencialmente mais complexo. Está, então, em causa a problemática das personalidades anormais e das neuroses.

Seguiu-se um debate em que intervieram os srs. drs. Mário Taborda, Borges Guedes, José Barrias, Mira Coelho e Gomes de Araujo.

JUNKERS
PETROLIS — Sociedade Leiriense de Combustíveis e Óleos, Lda.
Av. Combatentes da Grande Guerra
Tel. 22177 LEIRIA

Instituto Superior de Línguas e Administração
ESCOLA SUPERIOR DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO
(reconhecida oficialmente para fins militares e provimento de cargos públicos)
FORMAÇÃO DE TÉCNICOS DE ADMINISTRAÇÃO E PSICOLOGIA INDUSTRIAL
Habilitação mínima: 7.º ano dos Liceus ou equivalente
Aulas das 20 às 24 horas
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Pedidos de folhetos e informações para a Rua do Sacramento à Lapa, 16 — Telefs. 676395 - 673766

JUNKERS
SOMARO, LDA.
Praça 8 de Maio, 64
Tel. 22118 FIGUEIRA DA FOZ

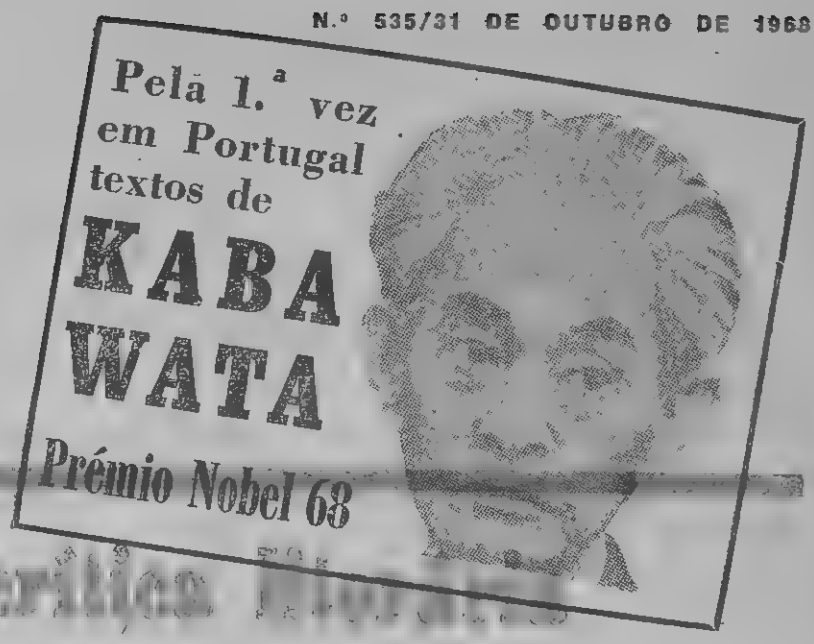


JUNKERS
ERNESTO DUARTE
Rua Candido dos Reis, 96
Telef. 288
VILA REAL ST.º ANTÓNIO

JOGUE NO
CAMPIÃO
SÁBADO 5.000 CONTOS

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 535/31 DE OUTUBRO DE 1968



Os falsos caminhos da actual crítica literária

por João Gaspar Simões

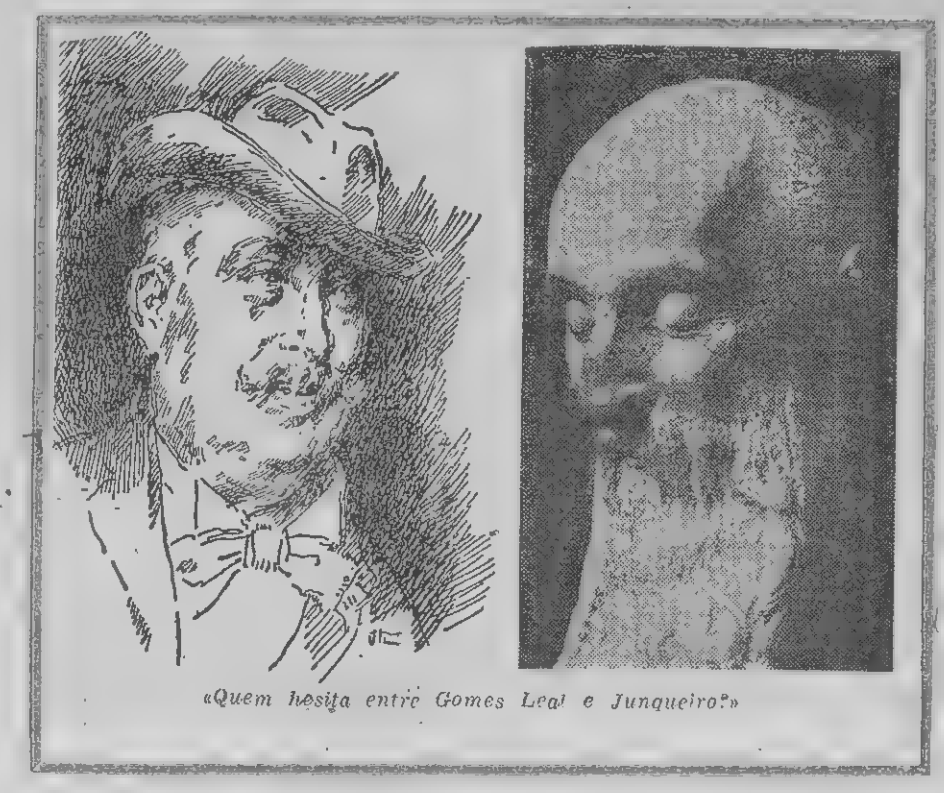
Toda a crítica é eficiente desde que seja crítica. Assim raciocinaria «Monsieur» de La Palice, se «Monsieur» de La Palice se dignasse preocupar-se com problemas literários. Mas, como sempre sucede quando se enunciam verdades rudimentares, neste truísmo há qualquer coisa de profundo. Se criticar é seleccionar e se não há crítica sem critério, uma vez que ter critério é saber distinguir a verdade do erro, parece que da crítica não pode separar-se a valoração, por mais elementar que esta seja. Já de si a escolha de um autor ou de uma obra para matéria de crítica pressupõe um critério, um juízo, uma apreciação valorativa. Eis a que visa o enunciado destas considerações. A crítica para ser crítica pressupõe um mínimo de intuição literária e de valoração estética. Creio que não há duas opiniões a este respeito, embora a cada passo encontremos teóricos da literatura que ousam, inclusivamente, propor que a crítica seja ciência e que ninguém a exerça desde que se não encontre convenientemente apetrechado para aplicar os seus moldes científicos.

A questão é velha, tão velha como a própria literatura, mas não falta quem a renove, esquecido de que a crítica não é mais fácil que a própria arte, visto a crítica e a arte não serem fáceis para quem nasce sem dons de crítico e de artista.

Porque haverá hoje entre nós mais críticos do que criadores? Naturalmente porque, pensarão os leigos, há hoje nas letras portuguesas mais vocações críticas do que literárias propriamente ditas. Aqui se fundamenta o equívoco que preside à fase actual das letras nacionais. Em nossa opinião não é verdade que existam actualmente entre nós mais vocações críticas do que as que existiam no passado. Pelo contrário, afigura-se-nos cada vez menos finas e penetrantes as antenas críticas do português. O fenómeno a que assistimos e que tanta confusão determina provoca-o a crescente *cientificação* da crítica e a divulgação, sobretudo nas escolas superiores, da técnica literária segundo a qual um aluno mais ou menos inteligente aprende, mesmo sem vocação, a disciplina que lhe permite utilizar a crítica como meio literário de afirmação pessoal. Pela mesma razão de que a leitura de um tratado de versificação pode favorecer num temperamento apoético o exercício da poesia, pelo menos nos seus moldes tradicionais (que nos nossos dias, para se escreverem versos nem mesmo é preciso ler tratados de versificação), assim o conhecimento das teorias críticas divulgadas pela crescente didáctica literária permite, a inteligências inteiramente desprovidas de intuição e de gosto literário, o exercício de uma actividade aparentemente crítica. E dizemos «aparentemente crítica», pela mesma razão que diríamos «aparentemente poético» o exercício da poesia levado a cabo por um indivíduo não poeta preparado para essa tarefa pela leitura de tratados de versificação ou de artes poéticas.

Quando no nosso País, ainda só a título excepcional, surgia um cultor da crítica — não precisamos de ir além da segunda metade do século XIX para nos darmos conta de que a crítica era *avis rara* em Portugal —, existiam entre nós mais inequívocas vocações críticas do que nos nossos dias. Escusado evocar o nome de Moniz Barreto, que esse, já deformado pelas

(Continua na pág. seguinte)



«Quem hesita entre Gomes Leal e Junqueiro?»

Quatro quadros de Sequeira

folhetim artístico de José-Augusto França

DURANTE a semana passada estiveram em exposição, numa sala do Grémio Literário, ao Chiado, as quatro célebres telas de Domingos António de Sequeira, suas últimas obras e seu testamento espiritual e estético: «O Descimento», «A Adoração», «A Ascenção» e «O Juízo Final».

Escusado será sublinhar a importância desta exposição, ou «mini-exposição», comemorativa do segundo centenário do nascimento do pintor. Os quadros mostrados, cedidos pelo sr. duque de Palmela, só tinham sido expostos publicamente uma vez, há cento e dez anos. Desde então, só as visitas particulares do palácio Palmela e um ou outro estudioso tinham tido acesso à estas obras — que contam entre os mais altos exemplos da pintura portuguesa. O significado da criação de Sequeira não pode ser entendido sem o conhecimento dos quatro quadros — que ao mesmo tempo esclarecem a «démarche» da pintura nacional na charneira dos Séculos XVIII-XIX.

No princípio deste ano, sugeri a realização de uma grande retrospectiva de Sequeira e logo me lembrei de expor estas obras, independentemente, contando com a amabilidade do sr. duque de Palmela. Ao mesmo tempo, D. Maria Alice Beaumont realizou no seu museu de Cascais uma exposição das obras de Sequeira existentes em colecções particulares locais, que permitiu ver algumas obras interessantes, nomeadamente os curiosos perfis «enchaînés» da família Redondo-Borba.

Há pouco, tive conhecimento de que o Museu de Arte Antiga prepara uma grande exposição da obra do pintor, vendo com prazer na comissão organizadora pessoas competentes e amigos meus. Isso, de resto, me fez reduzir a exposição do Grémio Literário aos quatro quadros em questão, pondo de lado os muitos outros que o sr. duque de Palmela pôs á nossa disposição. Estes quatro valem por si, constituem uma unidade e permitem demonstrar uma determinada situação da pintura portuguesa. A sua exposição pode, de resto, preparar culturalmente a exposição oficial. E se esta, por quaisquer motivos, tardar em realizar-se — sempre o público algo pode ir vendo, de importante.

Fez-se acompanhar a exposição de uma pequena palestra e, sobretudo de um catálogo, em que se procurou fornecer uma informação util ao espectador e ao estudioso. O que fica das exposições é o catálogo — condição *sine qua non* da sua acção eficaz. Exposições de carácter histórico em que o catálogo se limite a dar o título das obras, ou mínimos detalhes físicos, reduz muito a sua função cultural. Infelizmente assim quase sempre tem acontecido em Portugal (na verdade, não conheço exemplos do contrário) e vamos guardando nas prateleiras simples inventários nominativos, sem notas críticas ou históricas que os esclareçam. Isto é, documentos inúteis ou documentos que o não são.

Bem contentes ficaríamos todos se o modesto exemplo dado neste catálogo da pequena exposição pudesse frutificar, servindo de norma, uma vez melhorado, no esquema e no conteúdo. Ao «histórico» dos quadros, relativo á sua vida, desde a criação (noutros casos se falaria da encomenda) até á ultima entrada numa colecção, juntou-se a indicação das exposições em que figurou, das gravuras de que foi objecto e da sua principal bibliografia.

Incluiu-se igualmente uma referência aos desenhos preparatórios, com respectiva documentação, fotografia também, em parte. E, finalmente, extraíram-se da bibliografia seleccionada, textos que esclarecem o valor ou o significado dos quadros em questão.

Trata-se do A B C destas coisas, mas há que solebrá-lo, entre nós com aplicação e método. Bem sei, por outro lado, que estas obras célebres não ofereciam grandes dificuldades para a catalogação «racional», e que outras pinturas ou desenhos de Sequeira mais difícilmente poderão ser estudadas — mas é verdade que uma grande exposição genérica assumindo outra responsabilidade, de outras possibilidades técnicas deve dispor também, como seja uma equipa de pesquisadores e de especialistas. Assim a retrospectiva anunciada poderá certamente seguir o rumo do pequeno catálogo do Grémio Literário, para proveito de todos nós.

Exposta agora, com o pretexto usual do centenário, a obra de Sequeira (ou esta parte da sua obra) surge-nos com uma importância histórica que convém analisar — mas não, com certeza, num folhetim...

Notável pintor «romano», em Roma formado e a Roma regressado, Sequeira marca o pendor setecentista da pintura nacional — através de um curto namoro com o romantismo, em 1824. Na obra deste homem comprometido com o «vintismo» (e já com o jacobinismo de 1808-10), ficou porém minando o academismo romano. E os quatro quadros expostos, curioso lugar de encontro do academismo romano e dum romantismo parisiense vislumbrado e recusado, mostram-nos os limites da própria pintura que um português podia realizar — isto é, pensar, sentir, amar, entender, saber e produzir, cerca de 1830, com uma dessincronização de meio século.

...Grande pena, porém, que há três anos o idêntico centenário de Vieira Portuense não tenha sido comemorado com uma grande (ou mesmo pequena mas significativa) exposição. Porque só da comparação crítica dos dois pintores contemporâneos poderá nascer o entendimento da situação estética da época em discussão.

D. A. de Sequeira: «Adoração dos Magos»

(Continuação da pág. anterior)

teorias críticas de Taine, cometeria alguns deslizes, filhos em grande parte da sobreposição da teoria à vocação, da doutrina ao gosto, da ciência à intuição. Melhor, muito melhor do que Moniz Barreto se manifesta como crítico Sampaio Bruno, em cuja obra encontramos algumas das mais penetrantes observações críticas que ainda se fizeram sobre a literatura de um Camilo, de um Eça, de um Júlio Dinis, de um Julio César Machado, etc. Mentalidade fortemente moldada pela filosofia, o autor de «A Geração Nova», quando estudava a obra dos escritores porugueses, utilizava mais claramente o seu gosto e a sua intuição do que os seus valores doutrinários. Em contrapartida não há mentalidade crítica no nosso século XIX que tão decididamente haja contribuido para a criação de uma linguagem crítica portuguesa como Antero de Quental, embora Antero de Quental, enquanto crítico literário, seja dos menos dotados dos nossos críticos literários. As suas apreciações críticas ressumam equívocos.

Ao acaso das considerações avulsas encontra-se no século XIX muita vocação crítica desperdiçada. Faltava o que sobra hoje: a técnica crítica, a doutrinação escolar, a *cientificação* dos métodos. Hoje em dia qualquer aluno mediocre das Faculdades de Letras faz figura de crítico apenas porque lhe ensinaram como deve fazer-se crítica. Nunca se escreveram e publicaram em Portugal tantos ensaios críticos como nos nossos dias, embora nunca, tanto como hoje, a crítica portuguesa tenha proferido tantos juízos errados.

Como pode a crítica, porém, julgar a crítica se não existem critérios objectivos de valoração literária? Esta a interrogação escarninha que fazem os que, não sendo dotados de vocação crítica, exercem esse mister de acordo com as regras que aprenderam ou com as doutrinas que contraíram. Efectivamente não há critérios objectivos, na valoração literária. Toda a crítica erra. Há, todavia, nas inteligências vocacionalmente críticas um dom especial. Pela mesma razão de que ninguém é poeta sem o instinto poético ninguém é crítico sem o instinto crítico. Ora este instinto não permite que se confunda um falso poeta com um verdadeiro poeta. Pode, sim, não permitir distinguir entre dois autênticos poetas aquele que o é mais. Quem não sabe escolher entre Junqueiro e Guilherme de Azevedo erra em toda a linha porque não é dotado de autêntico sentido crítico. Mas quem hesita entre Junqueiro e Gomes Leal, sem saber qual proferir, erra apenas a um nível secundário. Onde o erro crítico se torna grave é quando o crítico não sabe distinguir o autêntico poeta — o autêntico escritor — do falso poeta — do falso escritor. Assim toda a crítica naturalista do final do século passado — de Reis Damaso a Julio Lourenço Pinto — enferma do mesmo vício. Não era crítica, era doutrina. Os erros que se cometeram em seu nome, permitindo que se desse a José Augusto Vieira, autor das «Fototipias do Minho» um lugar que se recusava a Eça de Queiroz, habilitam-nos a estabelecer entre o que foi a nossa crítica doutrinária do ultimo quartel do século passado e o que é a nossa crítica doutrinal do tempo presente. Preferir um neo-realista porque é neo-realista a António Nobre, porque é decadente e só por si um diploma de incapacidade crítica passado ao mais notório dos críticos presentes. Toda a crítica, por maior que seja a sua vocação pode errar nas valorações em que o grau de talento se manifesta no plano da autenticidade. Ai daquele porém, que não sabe distinguir o verdadeiro do falso escritor. Pela mesma razão de que o melómano consciente não pode deixar de dar-se conta da fífia da orquestra, o crítico de vocação tem de aperceber-se da desafinação do escritor.

Não se dar o crítico literário conta disso — da distinção entre o escritor auêntico e o falso escritor — é o mesmo que não se dar conta do crítico musical da nota errada. Dir-se-á deste que não tem ouvido — e não se admite um crítico musical sem ouvido — e daquele que não tem intuição crítica — e não se admite um crítico sem intuição crítica.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Moravia, grande denominador oficial da vida literária italiana, reaparece nas livrarias portuguesas com *A Atenção*, romance onde uma habitual penetração psicológica valoriza a habitual temática sensacionalista deste talentoso escritor.

Espírito lúcido, prosador sem aventuras de construção, papa dos bastidores literários da Europa, Alberto Moravia tem mão certeira e sentido eficaz na escolha dos temas dos seus romances. *A Atenção* é uma prova acabada de «fazer bem» chegando a um vasto público. A história de um jornalista que, como escritor se considerava frustrado, e que graças ao seu *Diário* se afirma, inconscientemente, um poderoso narrador — é, já de si, um tema aliciante, mas os conflitos sentimentais e a aventura erótica que povoam o livro conferem-lhe novas seduções de leitura e de análise. É nestes termos que Jacqueline Piatier o aprecia em *Le Monde:* «*A Atenção* assenta numa situação comprometedora e em conflitos quase proibidos. — «Romance-folhetim», diz Merighi, analisando-os no seu Diário.

Mas o mal também existe na vida (...) sem contudo perturbar muito a ordem aparente do mundo. Deve o escritor renunciar ao drama, ao romanesco? Moravia, graças ao Diário do seu heroi, contenta-se em mergulhá-lo no tecido conjuntivo da banalidade quotidiana — insignificante no plano dos factos, muito significativo e audacioso no dos sonhos. As cenas teatrais, os aromas sentimentais, os desenlaces melodramáticos, fá-los-á sonhar pelo autor ao escrever, mas a realidade, essa permanece banal: encontros, visitas, questionários prementes que pouco esclarecem, tentações reprimidas. Nada se passa neste livro que, no entanto, nos deixa em suspenso como se participássemos na espantosa aventura interior do heroi, na escalada da sua paixão, no seu decifrar quase policial de um mundo em que tudo se some: os seres, devido à sua complexidade; as relações entre os seres porque estão imersos na mentira; os factos porque a imaginação não pára de os deformar.»

Atenção (uma vez mais) a Moravia

Uma colecção de vanguarda

Marca do Tempo, a anunciada colecção da Moraes Editores, acaba de publicar o seu primeiro volume: a biografia de Kurt Gerstein, esse estranho e ambíguo personagem que se alistou voluntàriamente na Gestapo para testemunhar os horrores e as abjecções dos nazis.

A obra, que na versão portuguesa se intitula *Kurt Gerstein: «Entre o Homem e a Gestapo»* é um estranho ímpar documento do nosso século e, como tal, classificado entre os «best sellers» internacionais dos últimos anos. O autor, Saul Friedlander, professor de ciências políticas, a quem se deve o conhecido e dessassombrado libelo *«Pio e o III Reich»*, analisou o caso de Gerstein à luz de uma exaustiva informação recolhida nos arquivos da polícia francesa e nos «dossiers» recuperados das organizações SS.

Colecção de vanguarda, *A Marca do Tempo*, que agora se inicia, publicará no princípio do próximo mês *«História de uma Revolução»* de Jean-Paul Olivier, a que se seguirão o célebre ensaio sociológico *«Os Filhos de Sanches»*, de Oscar Lewis, *«Anatomia Social do Crime»*, de Hans Magnum Ezensberg, *«Bonnie e Clyde»*, de Nelson Algreen, *«O Mundo da Tecnologia»*, de Georges Elgozy e *«Experiência da Droga»*, de Guy Champagne.

ESCAPARATE

«AUTORES PORTUGUESES»

Título — «A Idade e o Tempo».
Autor — José Fialho.
Autor — José Fialho.
Poemas
Editor — Editora Pax.
Número de páginas — 96.

Título — «Caligrafia».
Autor — António Pinheiro Guimarães.
Poemas
Edição do autor.
Número de páginas — 44.

Título — «A Estrela Sobe».
Autor — Marques Rebelo.
Colecção — Livros do Brasil.
Número de páginas — 254.
Preço — 40$00.

«AUTORES ESTRANGEIROS»

Título — «A Vida Quotidiana em Pompeia».
Autor — Robert Étienne.
Tradutor — Doutor J. A. Ferreira de Almeida.
Colecção — Vida Quotidiana n.° 32.
Editora — Livros do Brasil.
Número de páginas — 455 — profusamente ilustrado.
Preço — 75$00.

Título — «Os Filhos de Matusalem»
Autor — Robert A. Heinlein.
Tradutor — Eurico da Fonseca.
Colecção — Argonauta 137.
Editora — Livros do Brasil.
Número de páginas — 222.
Preço — 15$00.

Título — «Kurt Gerstein: Entre o Homem e a Gestapo.
Autor — Saul Friedländer.
Colecção — A Marca do Tempo.
Editor — Moraes Editores.
Número de páginas — 260.
Preço — 75$00.

Título — «O Médico das Estrelas».
Autor — Murray Leinster.
Tradutor — Eurico da Fonseca.
Colecção — Argonauta.
Número de páginas — 151.
Preço — 15$00.

Título — «Noite de Luar», «Miss» Harriet.
Autor — Guy de Maupassant.
Tradutor—João Belchior Viegas.
Editora — Estúdios Cor — Lisboa.
Colecção — «Novelas e Contos Completos de Maupassant» — III.
Número de páginas — 363.
Preço — 40$00.

Título — «Os Grandes Processos da História» — Décimo volume.
Autor — Henri Robert.
Tradutor — J. Costa Neves e Leonel Vallandro.
Editora — Livros do Brasil— Lisboa.
Número de páginas — 206.
Preço — 45$00.

UM NOVO LIVRO DE **HAROLD ROBBINS**

O HOMEM A QUEM A M. G. M. PAGOU UM MILHÃO DE DÓLARES PELO ARGUMENTO DE «OS AVENTUREIROS» E CUJA PUBLICAÇÃO EM PORTUGUÊS SE AGUARDA BREVEMENTE.

O ROMANCISTA CUJA OBRA FOI CINEMATIZADA EM SUPERPRODUÇÕES, DONDE «OS INSACIÁVEIS» E «PARA ONDE FOI O AMOR» SÃO EXEMPLO

U M A M U L H E R

UM LANÇAMENTO DE EDITORIAL IBIS ● DISTRIBUIDO PELA LIVRARIA BERTRAND

A reportagem da História

Saiu o 10.° e último volume de *Os Grandes Processos da História*, do académico francês Henri Robert (ed. livros do Brasil, L.ª), uma obra de enorme penetração no grande público e onde se divulgam de modo indirecto alguns dos acontecimentos que definiram as etapas cruciais da História.

Concebida de maneira acessível e empolgante o último desta série de volumes traça uma biografia das «Grandes Envenenadoras» a que se seguem um retrato linamico de Catarina de Medicis e uma reconstituição dessa enigmática e lendária personagem que foi Henrique VIII e que Holywood já tinha descrito no traço grosso e elementar com que Henri Robert nos apresenta. Para finalizar *Os Grandes Processos da História* o autor debruça-se sobre «O Escândalo do Panamá», descrevendo algumas das incidências públicas e jurídicas do problema e evocando as manifestações sociais que desencadeou.

Obra de divulgação, *Os Grandes Processos da História* é significativamente definida pelo próprio Henri Robert no posfácio intitulado «Em Defesa do Passado» com que encerra o presente volume. Uma certa xenofobia e um conhecido academismo repassam este texto de vinte e cinco páginas. A defesa do passado (francês) que nele se desenvolve é como que o corolário de um passado universal de querelas e de violências. Mas, até sob esse aspecto, o panorama traçado revela-se insuficiente e flagrantemente sectário.

Por sua vez *a Vida Quotidiana em Pompeia*, de Robert Etienne (ed. Livros do Brasil, L.da), inscrevendo-se ainda no estilo da «reportagem» histórica, é um elemento de trabalho do maior interesse e constitui a muitos títulos uma leitura valiosa e penetrante. Traduzido pelo Prof. Dr. J. A. Fereira de Almeida, o livro é como que o levantamento de uma idade lendária à luz da documentação objectiva e de lucidas ilações. A importância histórica da florescente colónia da Campânia, a integração das suas lutas e do seu modo de viver nos quadros gerais da época e, por fim, o significado da sua presença cultural são notàvelmente apontados nesta obra de leitura empolgante e de consciente elaboração.

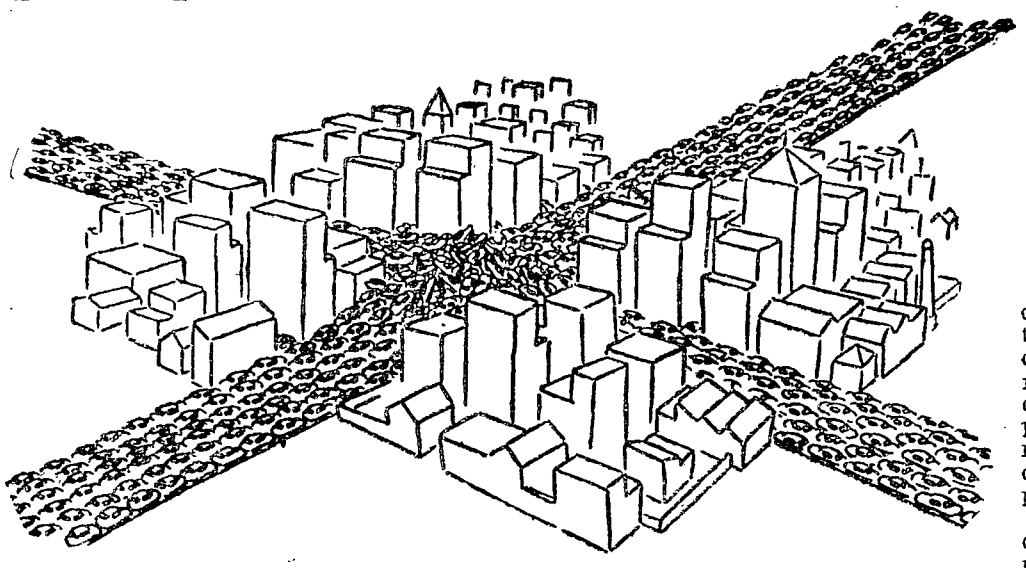
«Revista Ocidente» 30 anos de actividade

Para comemorar os seus 30 anos de publicação pontual e ininterrupta, a revista *Ocidente* organizou uma exposição que estará patente ao publico, no 2.° andar da Livraria Portugal, de 18 a 25 do corrente mês. Todas as edições da revista (os 74 volumes de «Ocidente», juntamente com os 32 vol. da «Revista de Portugal» e os 8 vol. do «Cancioneiro da Biblioteca Nacional»), bem como cerca de 200 obras independentes e outras tantas separatas, poderão ser apreciadas em conjunto, formando uma vasta panoramica editorial que se vem cumprindo de 1938 á actualidade.

urbanismo:

Concentração Urbana ou Dispersão?

pelo arq. Raul Hestnes Ferreira



A cirurgia urbana não acompanha a deterioração progressiva das cidades — neste caso Filadélfia

O CRESCIMENTO INDUSTRIAL do nosso País, as necessidades do mercado interno e as pressões exercidas pelo externo conduzirão à expansão de cidades e áreas económicamente favorecidas, possibilitando talvez o desenvolvimento vigoroso de uma verdadeira cultura urbana em Portugal que permita alterar as suas estruturas. Os problemas a enfrentar são multiplos, muitos deles registados e até diagnosticados noutros países.

A diminuição da população rural e o incremento das áreas urbanas dá geralmente lugar a críticas saudosistas, segundo as quais a cidade só poderá florescer sugando a força económica, demográfica e social do campo. Essas lamentações não têm hoje fundamento, pois a cidade compensa o campo em termos de produção; mesmo biológicamente, com a melhoria da higiene e a baixa da mortalidade, a cidade também contribui substancialmente para o incremento populacional.

A emigração para a cidade é, aliás, irreversível e desconhece fronteiras nacionais ou políticas, dado que a agricultura mecanizada apenas exige 20% ou 30% da população para a produção de produtos alimentares essenciais.

Pequenas cidades surgem em todos os continentes, transformando-se em grandes cidades e estas em metrópoles.

Em 1900 havia apenas uma sociedade urbanizada, a Grã-Bretanha, com 40% da população vivendo em cidades de 100 000 ou mais habitantes. Hoje um terço da população mundial vive em nucleos urbanos e em 1990, se o actual índice de crescimento se mantiver, metade da população do globo viverá em cidades com mais de 100 000 habitantes.

As relações entre a industria e o crescimento urbano são multiplas; a cidade garante a concentração populacional, transportes e serviços que a industria exige, mas a evolução tecnológica da industria e a sua aplicação ao campo das comunicações ofereceu à cidade os meios indispensáveis para o seu desenvolvimento.

O crescimento de Londres, Nova York, Paris ou Berlim no princípio deste século seria inimaginável baseado em deslocações a pé ou a cavalo.

DA CIDADE PRÉ-INDUSTRIAL À METRÓPOLE MODERNA

A aldeia rural é a infancia do homem: não tem idade nem história, acontecimentos a registar ou meios de o fazer. Com o primeiro excedente de que dispõe para alimentar os primeiros especialistas (guerreiros e sacerdotes) desviados das tarefas da subsistência, estava criado o embrião da futura cidade. A cada incremento da produção e distribuição dos produtos agrícolas e artesanais correspondeu um aumento das profissões cuja grande variedade caracteriza hoje a cidade como residência de especialistas.

As cidades antigas estavam limitadas por transportes deficientes, pela hierarquia impeditiva da promoção socio-económica e por razões defensivas e nenhuma, decerto, ultrapassou Roma do período áureo, calculada em cerca de 300 000 habitantes. Só a industrialização concedeu á cidade uma diversidade profissional sem precedentes originando uma grande onda de emigração para a cidade.

Na primeira fase da cidade industrial as comunicações urbanas eram mais lentas e deficientes do que as comunicações a longa distancia facilitadas por barcos a vapor, combolos e telégrafos.

Apesar desse condicionamento, o desenvolvimento industrial exigia grande coordenação entre os serviços administrativos de apoio, o que resultou na concentração no centro das cidades e no incremento do preço do solo, herança que ainda hoje perdura; só com o telefone e o metropolitano passaram as comunicações urbanas a simplificar-se e a facilitar mobilidade e dispersão.

A cidade cresceu em tamanho e complexidade com núcleos comerciais especializados, parques e zonas industriais exclusivas.

A metrópole industrial é caracterizada pelo poder de escolha oferecido a trabalhadores, patrões e consumidores e a facilidade de promoção social e económica. As empresas foram atraidas pela concentração de serviços financeiros, legais e técnicos e o consumidor pela variedade de instituições da metrópole: grandes armazéns, lojas especializadas, teatros, museus, estádios, escolas superiores, hospitais, etc.

Em síntese, a metrópole industrial passou a ser a mais recente e significativa instituição do homem, alcançando uma área 100 vezes maior e uma população 10 vezes superior à da maior cidade pré-industrial.

CULTURA URBANA E METRÓPOLE INDUSTRIAL AMERICANA

A transformação urbana prosseguiu no século XX com a melhoria dos serviços de águas, electricidade, esgotos e telefones e o progresso da engenharia que generalizou a instalação de elevadores e a construção de pontes e túneis.

A cidade alterou-se com a nova estrutura de transportes: enquanto as redes de eléctricos e metropolitanos favoreceram cidades concentradas, o automóvel, nosso contemporâneo, pelo contrário, deu lugar à dispersão residencial que culminou em cidades de baixa densidade cujo exemplo típico é Los Angeles.

A metrópole americana de hoje, històricamente menos afectada, tem caracteristicas que nos levam a interrogações sobre as tendências mais prováveis da metrópole do futuro; a análise dos seus factores permitirá a outras sociedades urbanas corrigir o seu crescimento sem repetir desnecessàriamente os seus erros.

Advogar a necessidade dessa análise não implica aceitar o erro generalizado por debilidade filosófica e cultural de acreditar que a forma da cidade americana e os seus padrões de vida doméstica e citadina tenham de se repetir em países étnica e culturalmente diferentes.

Pelo contrário, o dilema implícito nas suas enormes cidades, hoje sob muitos aspectos decadentes, faz pensar em como defender a preciosa vitalidade de muitas cidades europeias. As cidades dos E. U. A. reflectem, aliás, condições estruturais e sociológicas próprias que não justificam a importação indiscriminada dos seus valores como hoje se verifica, não apenas no campo da publicidade estridente (inseparável já do nosso dia-a-dia) mas sobretudo com a difusão não controlada nas suas consequências de dois fenómenos que passaram a simbolizar o modo de vida americano: a televisão da violência e vulgaridade e o automóvel instrumento de evasão.

Sem duvidar que a televisão bem utilizada virá a ser um verdadeiro agente de cultura e comunicação entre os povos (o embrião está claramente implícito em programas culturais da TV nos E. U. A. com debates ao vivo, inesqueciveis) é evidente que a sua influência negativa na vida comum e no convívio é típica de ambientes onde a linguagem vulgar se reduziu ao essencial para permitir fácil comunicação entre emigrados de várias origens. Prova da baixa qualidade de programação comercial nos E. U. A. (com cerca de 25 por cento de tempo dedicado à publicidade) é o número, cada vez maior, de pessoas entre as classes mais amadurecidas que deixaram de presenciar a TV, cada vez mais condicionada por classes culturalmente débeis, cujos gostos pouco educados satisfaz.

A cidade do homem encheu-se de máquinas magníficas e dificilmente controláveis

Só a pouca vitalidade local justifica que razões alheias à cultura ditem a difusão desses programas em países cujo equilíbrio social e cultural, por vezes ultrapassados e à espera de verdadeira renovação, nada beneficiam com a divulgação de produtos de meios socialmente deficitários.

O automóvel, cuja produção é o termómetro das oscilações da economia americana, é, como se sabe, o meio mais vulgar de transporte nos E. U. A. (apesar das objecções cada vez mais insistentes dos urbanistas). Razões fortes como a dimensão do país, riqueza em aço e petróleo, grande capacidade industrial militam a seu favor e sobrepõem-se à frustração de verificar que o incremento da sua utilização põe em causa a facilidade de circulação que constitui a chave do seu êxito.

Essas razões (discutíveis) estão longe de existir na totalidade do globo, não parecendo legítimo advogar a generalização do automóvel, sem análise de alternativas, em nações que beneficiariam muito mais com investimentos em transportes colectivos.

Por ironia, enquanto nos E. U. se ampliam as críticas ao automóvel e as autoridades federais se dedicam ao estudo de variantes, a Grã-Bretanha e a URSS lançam-se a fundo nesse rumo sem explorar novas soluções para os problemas de mobilidade na estruturação das novas sociedades urbanas, evidenciando que a inércia e o mito impelem muitas vezes países inteiros em direcções provàvelmente deficientes, a longo prazo.

Considerar que os objectivos e vias do progresso técnico são uniformes através do planeta é uma generalização empírica resultante da análise dos problemas segundo a óptica dos países industrializados e irrealizável á escala dos continentes.

Mas não podemos esquecer que os E. U. se situam na vanguarda da produção industrial defrontando, em grande escala, as repercussões do progresso técnico e do surto urbano acelerado, o que aconselha a análise das suas estruturas.

Embora o índice de riqueza dos E. U. não tenha equivalente noutra época ou país, as suas estruturas não evoluiram parale-

(Continua na 7.ª página)

Outros artigos desta série

— «As Cidades em que Vivemos», *pelo arquitecto Keil do Amaral (Suplemento «D. L.» 25/7/68).*

— «A Evolução da Cidade», *pelo arquitecto Carlos S. Duarte (Suplemento «D. L.» 1/8/68)*

— «As Casas que se Constroem», *pela arquitecta Luz Valente Pereira (Suplemento «D. L.» 8/8/68).*

— «O Valor da Paisagem», *pelo engenheiro-agrónomo e arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (Suplemento «D. L.» 15/8/68).*

— «Paisagem do Futuro», *por Gonçalo Ribeiro Telles (Suplemento «D. L.» 22/8/68).*

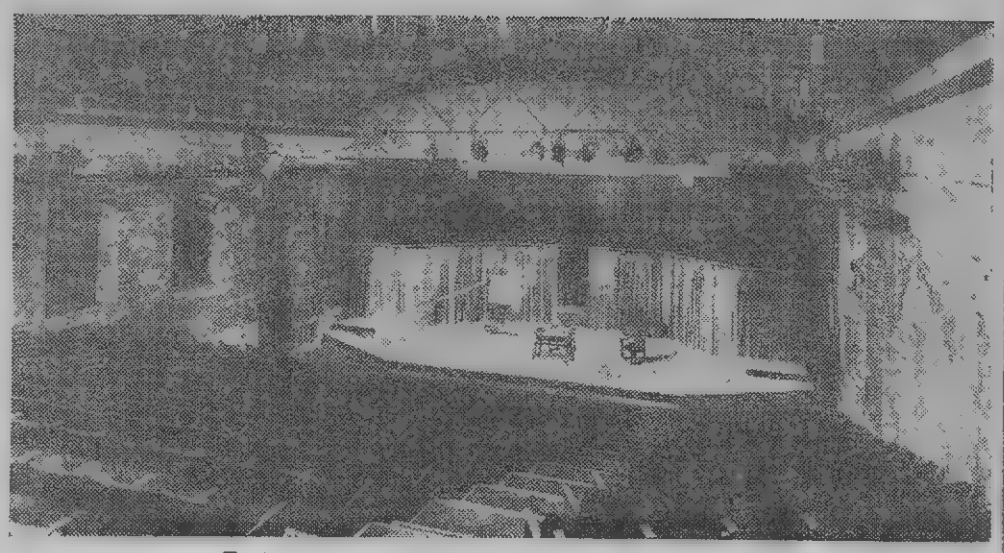
— «O Bairro de Habitação — Factor de Progresso», *pelo arquitecto João Reis Machado (Suplemento «D. L.» 29/8/68 e 5/9/68).*

— «A Estrutura do Povoamento», *pelo arquitecto Leopoldo de Almeida (Suplemento «D. L.» 12/9/68 e 19/9/68).*

— «A Estrutura do Povoamento em Portugal continental», *por António Monteiro Alves (Suplemeno «D. L.» 26/9/68 e 3/10/68).*

Teatro: Proposta

por Carlos Porto



Teatro: uma plateia (consciente) a preencher...

1. Deixemos de falar da «crise de teatro» — inefável eufemismo com que tentamos mascarar uma realidade bem amarga —, procuremos fazer alguma coisa para a dominar ou, pelo menos, para lhe dar outra escala... menos amarga.

A «crise de teatro» alimenta-se vorazmente num e dum círculo vicioso: as peças que ficam no papel; os actores que representam mal; os encenadores que não há; o público que faz figas; as deficiências da própria organização administrativa, técnica e cultural, quando a há, em que se estrutura a actividade teatral entre nós. Se é paradoxal e inevitàvelmente necessário sair deste beco sem saída, comecemos então pelo último ponto, maneira de chegar ao espectador, de formar e conquistar o público sem o qual o teatro existe ùnicamente como passatempo de intelectuais desocupados. Ficando desde já assente, entretanto, que nada será viável sem a facilitação dum novo critério na escolha do reportório, sem uma alteração profunda dos elencos existentes.

2. — *a*) Existe nos arredores de Paris uma organização teatral, o TEP («Théâtre de l'Est Parisién») de cuja programação para 68/69 salientamos: uma peça de Sean O'Casey, «A Taça de Prata»; «A Batalha de Lobositz», do jovem dramaturgo alemão Peter Hacks; a peça de Molière «Les Fourberies de Scapin»; uma possível adaptação de «Guerra das Salamandras», de Karel Capek; um espectáculo com textos de Molière destinado ao público juvenil com explanação dos processos técnicos e artísticos na criação do espectáculo teatral. Concertos, incluindo uma «Homenagem a Debussy». «Ballet». Montagens áudio-visuais de homenagem a Éluard e Baudelaire. «Jazz». Um curso público de teatro. Uma revista falada da actualidade literária, artística, científica e social. Uma sessão com Julieta Gréco. Outra com Marcel Marceau. Sessões de cinema (eis alguns autores seleccionados para Outubro: Eisenstein, Tashlin, Ivens, Irmãos Marx, Mackendrick, Keaton).

b) Tenho na minha frente uma circular enviada pela direcção do Cine-Clube de Boulogne-Billancour (bairro periférico de Paris) aos seus associados. Diz, entre outras coisas: «A época 68/69, a décima do nosso Cine-Clube, vai conhecer uma viragem decisiva da sua actividade. Boulogne, como sabeis, vai finalmente despertar para uma vida cultural autónoma e multiforme graças ao TOP («Théâtre de l'Ouest Parisien»). É para nós uma grande data, e não seria admissível que o Cine-Clube de Boulogne-Billancourt se mantivesse à margem deste tão aguardado esforço. Propusemos, por isso, a Pierre Vielhescaze, director do TOP, uma associação que foi imediatamente aceite e que nos abre horizontes novos... O TOP abre-nos (...) perspectivas interessantes sobre o plano da programação pela procura de contrapontos nas criações da temporada.

A organização dos «Amigos do TOP» permitirá frutuosas trocas entre os apaixonados do teatro e do cinema (...)»

Falámos em «crise de teatro». Não exageraremos se falarmos também numa crise de cineclubismo. Abreviando, poder-se-á dizer que os cineclubes portugueses (talvez com excepção do portuense) são mais cooperativas de espectadores do que as associações de cultura que os seus estatutos propõem. São múltiplas os causas de que não cuidaremos aqui mas um dos seus remédios poderá estar — como para o teatro — no tentame de outras iniciativas, na procura de outros caminhos que não os já batidos.

Não se trata de copiar o que se faz na estranja só para dizer que é bonito. Trata-se de tentar adaptar às nossas circunstâncias de aqui e de agora iniciativas que possam represen-

(Continua na 6.ª página)

KAWATA

«Histórias na cova da mão»

A montanha, pela estrada branca de Julho, seguia um grupo de coreanos errantes. Quando lhes apareceu o mar pela frente já estavam todos muito fatigados.

Tinham trabalhado até então na construção da estrada que atravessá a montanha. Eram uns setenta ao todo, setenta criaturas que durante três anos tinham trabalhado à força de braço e a nova estrada estava aberta até ao cume da montanha. Do outro lado a obra já pertencia a outro empreiteiro e eles não tinham conseguido lugar nela.

As mulheres deixaram a aldeia da montanha ao nascer do sol. Quando lhes apareceu o mar, uma moça de dezasseis ou dezassete anos empalideceu e começou a fraquejar.

«Doi-me a barriga. Já não consigo andar mais.»

— Descansa um bocadinho e vem depois com os homens.

— E eles vêm mesmo?

— Claro que vêm! Hão-de chegar todos aí como um rebanho.»

Rindo, as mulheres carregaram novamente com as bagagens de vime e com as trouxas de roupa e desceram em direcção ao mar.

A moça arrumou as suas coisas junto dela e estendeu-se sobre as ervas.

Passou por ela uma dezena de trabalhadores.

«Eh, lá! Que tens tu?

— Os outros homens?

— Vêm lá atrás. Mas que tens tu?

— Doi-me a barriga. Vou com os outros, daqui a bocado ...»

Cada vez que ela olhava para o mar a cabeça enchia-se-lhe de trevas. O cantar dos grilos estremecia dentro dela. Entretanto, os trabalhadores tinham desertado da aldeia da montanha aos pares, em grupos de quatro, de sete, conforme as suas conveniências, e sempre que passavam por ali vinham ter com a moça. A todos ela respondia da mesma maneira.

«Eh, lá! Que tens tu?

— Vêm mais homens lá atrás?

— Claro que vêm.»

Carregando ao ombro um enorme cesto de verga, saiu da mata de amargoseiras um jovem trabalhador.

«Oh! De que estás tu a chorar?

— Vêm mais homens lá atrás?

— Mais homens? O último a sair fui eu. Deixei uma noiva na aldeia e até à última hora hesitei em sair de lá.»

O PAPEL DE MALMEQUERES

por Alexandre O'Neill

O papel de parede fora escolhido pela embaixatriz.

Uma longa carreira de casas montadas e desmontadas, de encaixotamentos e desencaixotamentos de recheios não dera à embaixatriz mais gosto ou mais confiança no pouco que tinha.

A embaixatriz era originária do campo. No campo há flores. No campo evocado ainda mais. A embaixatriz inclinava-se para as flores. Para as flores não em estado ou circunstância de jarra, entenda-se, mas para aquelas que alegram, humílimas, pastos e bosquetes, para aquelas que a sandália de São Francisco pela certa sempre evitou.

Hesitara entre um papel que repetia, sobre fundo verde-claro, uma papoila encurvada, quase borboleta ao vento, e um outro que recapitulava, palmo a palmo, um tufo de malmequeres. Por sentimento, foi para os malmequeres. Por cálculo, evitou a papoila. O novo posto era num país de ideologia oficial avançada.

Agora revia-se no malmequer. Teria acertado? Ora! Sentia-se nas suas quatro paredes! Estava rapariga e tranquila.

*

Dois meses decorridos, já o gato siamês («O teu terceiro filho!», como dizia o embaixador) desfizera, pétala a pétala, um tufo inteiro de malmequeres à altura da pata.

O bichano, de seu normal, não era destruidor. Qualquer almofada ou pufe lhe servia de pedestal para as intermináveis sonolências de deusete. À entrada de alguém, abria e fechava as pálpebras. Tirado o retrato ao efémero, reentrava na moleza da sua eternidade.

Um tufo de malmequeres — e só aquele! Não havia, perto, franja ou pingente que pudesse, com mecânicas negaças, lembrar ao gato que era gato. Nenhuma sombra dançante ali se projectava.

— Caprichos de Amok!, decidiu a embaixatriz, que tinha por autor de cabeceira Stefen Zweig.

*

Ao sair o último convidado, um comissário de peito refulgente, o embaixador abandonou-se à poltrona, folgou o colarinho e pediu à embaixatriz que mandasse deitar as criadas e lhe preparasse um uísque, «como só tu sabes, querida!».

A embaixatriz trouxe-lhe o uísque e à carinhosa repreensão do costume. A chá de limão acompanhou o marido.

Os dois acabaram por tirar os sapatos. A embaixatriz enroscou-se, escondendo as pernas sob a saia. O embaixador esticou-se e fez ginástica com os dedos dos pés. Dedos a mexerem dentro de peúgas. Dedos de embaixador dentro de peúgas de embaixador. De embaixador, que chatice, e logo num país daqueles! Comissários que entram com o peito a cintilar...

— ... E se calhar amanhã cais em desgraça!

— Quem?!, sobressaltou-se a embaixatriz.

— Estava a pensar no comissário...

*

Com pèzinhos de lã — esse não precisava de tirar os sapatos — Amok aproximara-se.

A embaixatriz ensaiou tagates. Amok não ligou. Parecia fascinado. Passou, como um fantasma, entre o homem e a mulher. Correu. Estacou junto à parede. Retesou-se. Saltou de pata no ar sobre o tufo de malmequeres destruído. Bufava e fuçuejava.

Embaixador e embaixatriz entreolharam-se sérios. Ouviram, então, um estalido que vinha do interior da parede. Um simples ruído nítido.

— Ratos?, perguntou a embaixatriz com a chávena suspensa entre beber e entornar.

— Microfones!, respondeu o embaixador pousando o copo.

E com uma ponta de orgulho, o homem levantou-se e foi acalmar o Amok. Com uma ponta de orgulho, sim! Ele, o pequeno embaixador do pequeno país, já merecera à «visita» dos microfones...

De Kabawata, 1.º prémio Nobel de Literatura deste ano, não há qualquer obra traduzida em português. As duas narrativas que o «Suplemento DL» apresenta constituem, pois, um primeiro contacto com este prosador. Elas fazem parte de uma longa série de «romances miniatura» ou de «histórias que cabem na cova da mão» como as designou o próprio Autor e são uma criação bem característica de Kabawata.

As primeiras produções deste género foram escritas em 1920, mas dali em diante Kabawata jamais deixaria de trabalhar nesta construção concisa e enigmática que, de ano para ano, tornava a rever, a simplificar e a depurar. As narrativas que publicamos são traduzidas da versão francesa de Lucien Dumont, autor do artigo sobre Kabawata publicado no último «Suplemento DL».

O mar

— Tens mesmo a certeza que já não vêm mais homens?

Certeza absoluta. Não chores, moça. Que tens tu?»

O homem sentou-se junto dela.

«Doi-me a barriga e não consigo andar.

— Escuta. Eu levo-te nos braços e caso comigo.

— Não. O meu pai disse-me sempre que não casasse. Não te cases nesta terra onde eu fui desgraçado. Nunca queiras nenhum homem daqui, volta à Coreia e arranja marido

— E daí? O teu pai morreu e tu estás vestida dessa maneira ...

— Ora ...»

A moça baixou os olhos e demorou-se a contemplar o vestido que trazia, estampado de flores outonais à moda japonesa.

«Deram-mo. Precisava de guardar dinheiro para o comboio e para comprar um vestido da Coreia.

— Que levas tu aí neses embrulhos?

— Uma marmita e um bule para fazer chá.

— Casa comigo.

— Tens a certeza que os homens já saíram todos?

— O último fui eu. Podes ficar

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

três anos à espera que não passará nenhum homem da Coreia por este caminho.

— Nenhum, tens a certeza?

— Casa comigo. Olha, não podes andar sózinha e eu deixo-te.

— Não passa mais nenhum? Mesmo nenhum?

— Já te disse que não. Escuta.

— Sim ...»

O trabalhadór pegou nela pelos ombros e levantou-a. Ambos carregavam as suas enormes trouxas.

«Tens a certeza de que não vem mais ninguém?

— Outra vez? Nunca mais acabas com isso?

— Leva-me, mas não me deixes ver o mar.»

O rosto da morta

«VEM, meu filho. Olha-a bem. Quanto não daria ela para te tornar a ver, ainda que fosse só um instante!»

Assim falava a Mãe da Esposa morta, e enquanto falava levava-o através do quarto em passos precipitados. Todos os que guardavam a cabeceira da defunta puseram nele os olhos, fixamente.

«Vê-a bem!»

A Mãe repetiu a ordem e preparou-se para levantar o lenço branco que cobria o rosto da Esposa morta. Então, subitamente, ele começou a balbuciar palavras que a si próóprio o surpreenderam.

«Espere: Deixe-me vê-la sòsinho. Deixem-me só com ela».

Os pais, os irmãos e as irmãs da morta sentiram-se tocados com emoção por estas palavras. Em silêncio afastaram as cortinas que fechavam o quarto e saíram.

O homem levantou o lenço branco.

O rosto da Esposa morta estava crispado numa expressão dolorosa. Entre as duas faces ressequidas, mirradas, despontavam, agressivos, os dentes já alterados por uma cor estranha. As pálpebras tinham secado a tal ponto que se colavam ao globo dos olhos. Na fronte espalmavam-se, a nú, os nervos.

O homem pousou o olhar naquele rosto morto, repelente, que tinha diante dele, e ficou imóvel por instantes.

Depois levou as mãos, que tremiam desvairadamente, ao rosto da Esposa e tentou fechar-lhe a boca. Quando as tirou, os lábios, que se tinham encolhido sob a pressão dos dedos, soltaram-se de novo num movimento mole. Fechou-os outra vez. Tornaram a abrir-se. Enquanto, sem se dar conta, repetiu este gesto, reparou que as rugas duras, em volta da boca, pelo menos, se apaziguavam. E sentiu então como, á flor dos dedos, a paixão que começava a despontar. Quis amaciar os nervos que se eriçavam naquele rosto e pôs-se a passar-lhe a mão pela testa com movimentos firmes, regulares. A mão escaldava-lhe.

Sob o jogo dos dedos, o rosto da morta tinha rejuvenescido: o homem baixou os olhos e ficou uma segunda vez imóvel.

«Deves estar fatigado da viagem. Vem comer qualquer coisa, precisas de descansar».

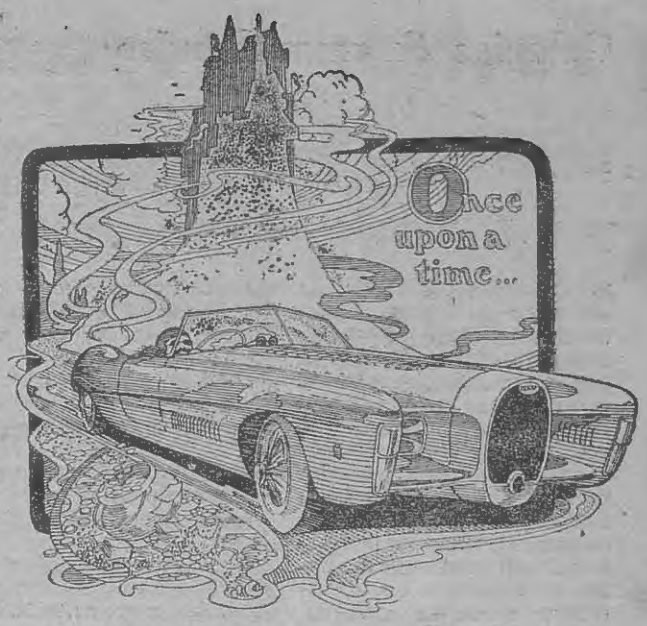
Assim falavam, entrando agora no quarto, a mãe e a irmã mais velha da defunta.

«Oh!»

E imediatamente a mãe rompeu em lágrimas.

«A alma humana é terrível. Enquanto tu não chegaste a minha querida filha parecia que não tinha morrido em descanso. Não, não compreendo. Com um olhar teu... bastou que te aproximasses dela para aquele rosto se tornar tranquilo. Era por isso que ela esperava, meu filho. Por mais nada...»

Nos olhos do homem pairou a sombra do alheamento, mas a irmã da esposa morta respondeu-lhe com um olhar de uma limpidez e de uma beleza como não há igual no mundo. Depois rompeu em soluços.



Descapotável Bugatti: Motorizando a fábula na da mulher!

Mah-Jong

por José Vaz Pereira

MILLIE, RAPARIGA MODERNA *(Thoroughly Modern Millie)*
Realização de George Roy Hill
Intérpretes: Julie Andrews, James Fox e Carol Channing
Distribuição: Sonoro Filme

OS HOMENS do New Deal fizeram-se notar pela acidez com que aludiam à «irresponsabilidade social dos intelectuais dos anos vinte». Mas seria sòmente uma época de loucura?

O paralelo com a década presente já foi várias vezes traçado e tornar-se-ia ocioso repeti-lo. Mas para lá do fervor pela moda, da automania, da fúria da dança e de um comum clima de insegurança internacional e de espectaculosas reviraltas políticas, os vinte são iguais aos anos sessenta no carácter quase obcessional da procura de novas experiências.

Tudo isso serve para explicar o êxito de películas como «Millie, Rapariga Moderna», que, na esteira de tantas outras, procuram reconstituir uma época ainda hoje imitada e invejada. Uma visão mais profunda dir-nos-ia que os anos entre 1920 e 1930 não se limitaram á saia por cima do joelho e aos cabelos curtos, às maravilhas da rádio e à voz humana surgindo nos «écrans» dos cinemas. Em jogo valores falsos, apressados, materialistas? É possível. Mas também inquietação, evasão e, sobretudo, uma infinita capacidade de entusiasmo mesmo quando se assumia um personagem mórbido, quando se enfrentava o desencantamento...

Não é o caso de «Millie» em que um certo optimismo pré-Depressão reina em todo o filme, contagiando

(Continua na 7.ª página)

UM GRANDE ROMANCE. NOVO E OUSADO DE
MORAVIA
A atenção

A ATENÇÃO assenta numa situação escabrosa e em amores quase proibidos. Mas o mal também existe na vida — o incesto, a prostituição —, sem contudo perturbar muito a ordem aparente do mundo. Que significa então o realismo? Deve o escritor renunciar ao drama, ao romanesco? Moravia, graças ao Diário do seu herói, contenta-se em mergulhá-los no tecido conjuntivo da banalidade quotidiana — insignificante no plano dos factos, muito significativo e audacioso no dos sonhos.

Jacqueline Piatier (Le Monde)

COLECÇÃO CONTEMPORÂNEA

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

Galerias & «marchands»

Distribuição da Arte

por Rocha de Sousa

É GERAL a disposição de defender o artista contra as resistências que obsessivamente o reduzem a uma presença sem sentido ou contra as forças que deliberadamente atrasam o seu destino social e portanto a sua circulação nos mercados. As actividades e as funções especializadas que desse modo se concretizam em torno do trabalho do artista, e apesar de certas rebeldias isoladas, são assim cada vez em maior número, articulando-se no desenho irrefutável de uma engrenagem social instituída. Os organismos aqui inscritos, ao abrigo destas relações conjunturais, são de resto considerados como apropriadamente capazes de um papel coordenador, tècnicamente desejáveis em ordem à superior tarefa de vender, difundir ou explicar os objectos de arte. O próprio artista, habituado a um comando exterior que o tem dirigido e explorado, é fàcilmente conduzido para o interior daquela engrenagem, aí se conformando com as regras estabelecidas para o seu comportamento e para a sua sobrevivência. A originalidade que reivindica, unica posse que lhe resta no meio das especialidades vigilantes que o espreitam, é muito mais promovida e controlada de fora do que ele supõe Pensará, de resto, que o compromisso económico firmado com a galeria não é coisa que se despreze, é o pão em troca de *uma certa* originalidade, é a segurança mínima contra as conhecidas indiferenças sociais ou contra os males da burguesia.

GENÉRICO PARA UMA ENGRENAGEM

Mas é para esta burguesia, no fim de contas e na sua maior medida, que as galerias trabalham, favorecidas tàcitamente pela crítica segmentada, pelos especialistas em certas correntes e em certos gostos. Os interesses destes organismos particulares, assim instituídos por grupos e formalizados no que defendem, são poderosamente orientados à margem das suas incidências culturais, reagindo a pressões de mercado, forçando e promovendo o gosto no sentido da rentabilidade possível.

O artista colabora neste estado de coisas, aceitando-o. Em certa medida, até o deseja. Porque as suas responsabilidades sociais acabam esbatidas e o seu papel simplificado. Habitua-se, contra a sua própria suficiência, a ser comandado pelos interesses que a sua mercadoria suscita, abdica de liberdade de intervenção nos destinos dessa mercadoria, aceita ordeiramente que a sua função se resuma, em termos específicos, a pintar ou a esculpir (passe a desactualidade dos vocábulos) para um circuito que de todo em todo já lhe não diz respeito. As especialidades organizadas à sua volta manifestam uma clara tendência nesse sentido, reservando para elas a defesa e a planificação de certas actividades que dependem absolutamente da produção artística. Em boa verdade, tanto as galerias como a crítica ou os concursos institucionalizados, de uma ou de outra forma organizadamente interferem no quadro das atribuições do artista, procurando limitá-lo no máximo. Esta operação, a coberto de pretendidas exigências relativas à moderna estruturação social, leva progressivamente a uma definição restrita do campo profissional do artista, para depressa lhe proibir o acesso à reserva das actividades sobejantes, as que no fundo decidem o destino das peças de arte, a sua valorização, o seu reconhecimento ou a sua morte.

Até agora, e conforme os lugares, este espírito mantém-se radicado nas pessoas e organismos de algum modo ligados à produção de arte.

RAZÕES DA ACÇÃO CONTESTATIVA

Algumas perturbações recentes, no domínio habitualmente apaziguador das bienais e em paralelo com certas críticas entretanto divulgadas, trouxeram para a rua um claro sinal de contestação das estruturas sócio-económicas de distribuição da arte. Na rua, exactamente assim com toda a propriedade física, estes fenómenos dilatam-se através de uma contaminação muitas vezes vazia de sentido e sobretudo garantida à superfície das consciências. Mas o reflexo não tem neste caso desmentido possível e, a breve trecho, os interessados procuram articular a denúncia, a partir da análise serena das realidades. Os artistas podem então organizar em comum a sua opinião, depois de desembaraçados dos pequenos rancores e das particularidades com que geralmente fingem agir dentro do corpo social. Passam a reconhecer que as suas atribuições excedem em muito o programa sugerido pelos *marchands*, pela crítica ou pelos organismos oficiais. Reivindicam o poder de decisão sobre as naturais ramificações do seu trabalho e querem intervir no funcionamento administrativo das exposições de grande formato. Denunciam as intrigas e os interesses que estão na base desses acontecimentos, recusando definitivamente um modo de promoção que pouco contribui para a verdadeira integração da arte nas sociedades. Reconhecem à crítica, não o direito de lhes calar a boca e a competência técnica, mas a obrigação de agir com eles na procura da mesma verdade e na entrega aos outros homens de um contributo semelhante. A própria galeria aparece contestada na sua função habitual, numa recusa que procura deslocar-lhe o critério e pôr sèriamente em causa as correspondências de que se alimenta. E por fim, proposta a revisão do seu estatuto profissional, o seu acesso às instâncias culturais do País e o diálogo com os organismos representativos, os artistas procuram reencontrar o verdadeiro grau da responsabilidade que lhes cabe e portanto o poder integral da sua acção.

Os excessos do comercialismo...

RAZÕES PARA UM TÍTULO DE AVISO

Entre nós, os artistas não se mostram interessados na defesa da sua profissão e correspondem com a maior disciplina às indicações do exterior. As galerias, de resto, dispõem de considerável poder na medida em que beneficiam de prestígio e são os melhores locais de exposição disponíveis; e a crítica desenvolve o seu trabalho sem o menor entrave por parte das instituições activas, naturalmente sem o incómodo da mais leve controvérsia ou do mais sóbrio dos desacordos. Estes dois reinados, o das galerias por um lado e o da crítica por outro, têm no entanto a virtude de corresponder por agora a urgências ainda nossas e exprimem, de um modo geral, opinião equivalente à dos artistas mais representativos. Apesar das suas próprias contradições e dos seus pontos de intransigência, promovem ou defendem uma vanguarda que tem de ser reconhecida sem timidez, que tem de ser assumida na extensão positiva das suas consequências.

Mas cabe ao artista a palavra definitiva sobre a eficácia dos métodos. Para ele é fundamental um acto decisivo de participação nesses fenómenos; e de novo o problema se coloca na medida em que as empresas privadas parecem ter ganho consciência de que as artes plásticas vão sendo um veículo apropriado à integração social da sua publicidade. Visando obliquamente uma fugidia e desprotegida zona cultural, essas empresas espreitam com calculada generosidade a fome apática dos artistas para instalar o seu propósito comercial através de salões ou de concursos regulamentados por entidades qualificadas. A informação de que dispõem não é a mais adequada à evolução e aos superiores interesses desta actividade. Reaparecem assim, segundo a boa tradição e numa hora em que tudo parece indicar o contrário, os grandes salões de pintura e de escultura, sancionados por organismos ou pessoas que deveriam sobretudo moralizar o costume reaceso, propondo pelo menos o abrandamento do seu sentido competitivo e acabando de vez com esse estatuto de concurso-com-prémios a que nos vamos perigosamente habituando. Digo perigosamente porque os artistas vivem aguardando essa respiração artificial, guardam a comodidade de um silêncio ordeiro diante da roleta do seu destino económico, acreditam na eficácia destes concursos estilo maratona das artes, subsidiados, embalados em papel *couché*, iluminados, enfim, com a promessa de um prémio em dinheiro decidido pela voz definitiva da crítica. Digo perigosamente porque parece não se entender que este sistema é aleatório da verdadeira acção criadora, estabelece uma estrutura competitiva num domínio onde não cabem nem a medição de forças nem a hierarquia dos géneros ou das correntes. Digo perigosamente porque, ao contrário da simples aquisição de obras devidamente programadas, o oxigénio dos prémios não resolve o verdadeiro apoio aos artistas e distingue entre eles uma falsa e repetida relação de valores.

Um sintoma apenas em paralelo com outros males maiores. Um sintoma que pode, em todo o caso, chamar a atenção para o processo atrás levantado nas suas linhas gerais. Será desse modo oportuno corrigir o que estiver errado segundo o testemunho das experiências já consumadas

Os excessos da política comercial

Proposta para Teatro

(Continuação da 4.ª página)

tar um salto para outro estilo, como agora se diz.

3. Por isso se propõe o que se segue, sem esgotar claro todas as possibilidades inerentes a iniciativas deste tipo.

Uma companhia de teatro, por exemplo a do «Teatro-Estúdio», dirigida por Luísa Martins e Helena Félix, convidaria um cine-clube — por exemplo, o «ABC» ou o «Imagem» — para uma junção de esforços. Os dois organismos, fundidos, ou não, num só, convidariam um terceiro — por exemplo, a «Juventude Musical» para a organização de concertos vivos ou/e gravados; uma quarta entidade — o «Hot Clube» — para a organização de concertos de «jazz» nas mesmas condições. E ainda um outro organismo — por exemplo, a S. N. B. A. — para a organização de exposições de artes plásticas. A comissão de trabalho que teria a seu cargo a organização de actividades integradas neste contexto, promoveria ainda colóquios e mesas-redondas, sessões de cinema de formato reduzido, recitais de poesia, leituras de peças, etc. Incluindo, ainda, a publicação dum boletim interno. Isto claro, para além das sessões de teatro e de cinema normais.

4. Aqui tínhamos um leque de actividades capazes de interessar um grande número de pessoas. Que pessoas, perguntar-se-á? O organismo aqui inventado dirigiria convites a entidades colectivas — sindicatos, cooperativas, bancos e outras empresas, grupos desportivos, etc., solicitando a sua inscrição como aderentes colectivos mediante o pagamento de determinada quota. Convidaria ainda todos os possíveis interessados a associarem-se individualmente. Os jovens, trabalhadores e estudantes, pagariam uma quota menor.

5. Dir-se-á desde logo, pois somos uns descrentes, que entre nós nada disto é possível, que não vale a pena sequer tentar. E dar-se-ão razões: o «Teatro-Estúdio» não tem instalações para o que se pretende; nem tem dinheiro; nem há pessoas capazes de meterem ombros às tarefas propostas; o público não corresponderia; etc. A isto, responderemos: temos que fazer as coisas à nossa maneira, isto é, pobremente; a Fundação Calouste Gulbenkian existe exactamente para subsidiar iniciativas deste género; o Fundo de Teatro, a mesma coisa; as pessoas existem — basta descobri-las — não somos diferentes dos outros, fazem-nos. Etc.

6. Mas, atenção. Há dois pontos fundamentais na concretização duma ideia deste género, ideia, aliás, que por um lado não pretende ser original, pelo outro não pretende erigir-se como panaceia milagrosa. Um deles diz respeito às pessoas que poderiam tornar realidade o que aqui fica. O amadorismo não seria compatível com o trabalho que teria que se lhes exigir. A sua remuneração seria indispensável.

Nada disto interessaria — é o outro ponto — senão visasse, como já foi dito, a criação de um público novo, lúcido, permeável às solicitações culturais que lhe seriam propostas (para além daquele que já existe). Esse público não pertence, não pode pertencer, aos actuais circuitos de espectadores. Nem interessam os intelectuais que não faltam às estreias; nem as senhoras de casacos de peles que conversam sobre a falta de criadas; nem os presidentes de conselhos de administração que vão ao teatro por parecer mal não ir ao teatro de vez em quando. Interessa, repita-se, criar no jovem o gosto pelo teatro e pelas outras actividades propostas, provar ao homem e à mulher que trabalha que o teatro pode ser tão vivo como o futebol, tão emocionante como a televisão, que o teatro é um lugar para a aprendizagem da vida. Não se esqueça que existe «um não-público», «imensidade humana composta por todos aqueles que não têm ainda nenhum acesso nem nenhuma hipótese de aceder brevemente ao fenómeno cultural» (1). Eis o que é fundamental.

A multiplicação de actividades culturais num teatro teria desde logo a vantagem de atrair um maior número de pessoas, evitando-se consequentemente o espectáculo triste de actores representando perante salas vazias ou meio-cheias de espectadores apanhados à última hora. A diferenciação dos horários dos espectáculos seria outro aspecto a encarar.

7. Todas estas iniciativas constituiriam uma actividade aberta, clara, livre.

Eis o que se propõe.

(1) Comité de Villeurbanne, onde Roger Planchon tem realizado alguns dos mais belos espectáculos do teatro francês de após-guerra.

Urbanismo

(Continuação da 3.ª página)

amente, o que impediu a equitativa distribuição da riqueza, moderando o desenvolvimento mais acentuado dos sectores industriais ligados ao consumo. No meio da abundancia mais pasmosa existe uma minoria — calculada entre 30 % a 40 % da população dos E. U. que vegeta no esquecimento, defrontando condições de vida difíceis sob o aspecto habitacional e tendo dificuldade de obter trabalhos compatíveis com o nível educacional. Sobretudo as populações de côr, dificilmente encontram outra saída a não ser trabalhos irregulares ou mal pagos, o exército, etc., pois apesar da expansão industrial, a automatização dificulta o aumento de empregos proporcionalmente ao incremento populacional.

No século XIX, as urbes gigantescas dos E. U. atingiram uma concentração de locais de trabalho nunca observada, especialmente nos centros e ao longo das vias férreas e fluviais, transformando-se as restantes áreas em zonas residenciais. Chicago passou de 110 000 em 1860 para mais de 1 000 000 em 1890; a cidade de Nova York passou de 1 300 000 em 1860 para perto de 4 000 000 em 1900, resultado estrondoso de duplo fenómeno da emigração europeia e rural incentivada por novos empregos bem remunerados.

Neste século, porém, a par do movimento centrípeto, imbatível, do campo para a cidade, existe outro, centrífugo, da cidade para os suburbios que se traduziu sigularmente por uma regressão populacional. A população de Boston desceu de 800 000 habitantes em 1950 para 697 000 em 1960. Manhattan, a cidade central de Nova York que aumentou até 2 300 000 em 1910 baixou depois até atingir 1 800 000 em 1960. Em contrapartida a região metropolitana de Nova York com os seus arredores subia de 7 milhões em 1910 para cerca de 16 milhões em 1960.

A população urbana aumenta à escala nacional enquanto as zonas urbanas por sua vez se descentralizam. A interacção dessas duas correntes produziu a nova forma de povoamento característica da metrópole americana que não sendo «cidade» segundo o conceito tradicional, também não é campo.

Hoje, não é possível traçar um paralelo entre a cidade europeia e a urbe americana típica, pois nesta verifica-se um fenómeno impar de concentração de milhões a trabalhar em pequenas áreas, restritas, da cidade e o êxodo simultaneo ao fim da jornada de trabalho, deixando as áreas citadinas completamente desertas.

DISPERSÃO DA METRÓPOLE AMERICANA. SUBURBANISMO.

Ideológicamente a dispersão foi comandada pelo culto da natureza e pelo desejo de fugir a fenómenos negativos que essas classes identificam com a cidade (crime, prostituição, ruidos, poluição, etc.), e de criar os filhos entre crianças de idêntico escalão social. O desejo ou necessidade de isolamento que levou outrora á construção de palácios murados, assumiu nos E. U. novas formas de acordo com a auto-suficiência que a aparelhagem doméstica proporciona, resultando na eliminação de convivio entre classes sociais diversas e conduzindo á segregação de individuos com idêntico nível social, possuindo escolas, lojas e equipamento recreativo diferenciado.

Essa evasão iniciou um processo interminável de alargamento de perímetro metropolitano com moradias individuais e criou grandes vazios na cidade propriamente dita, ocupados mais tarde por emigrantes rurais pouco aptos a sustentar isoladamente a estrutura cultural e física das urbes. Cidades florescentes de vida e comércio, decairam, manifestando-se essa decadência pelo silêncio dos centros logo após as horas de trabalho e o contraste entre a deterioração habitacional das cidades e o conforto da habitação suburbana. A negação dos valores citadinos está aliás documentada nos intermináveis e monótonos suburbios, com quilómetros e quilómetros quadrados de habitações isoladas e ligadas ao mundo através duma televisão sintonizada a uma realidade bem confeccionada, em estudio.

A dispersão foi possibilitada pela melhoria dos transportes que permitiu dar largas à aversão ideológica que alguns povos, sobretudo os de raiz anglo-saxónica, sentem pela cidade e teve profunda influência noutros sectores da vida americana. A dispersão residencial seguiu-se a do comércio ligado á habitação (incluindo armazéns de venda e serviços de consumo), pois o dimensionamento e localização dos nucleos comerciais é função da capacidade de compra dos aglomerados.

Mas, paradoxalmente, a dispersão reforçou a posição do centro da metrópole como um polo gigante onde se encontram concentrados os serviços e administrações centrais de que os residentes, comerciantes ou industriais dependem.

A área central simboliza a essência da metrópole: acessibilidade mutua. A não ser que a evolução da electrónica altere os processos de arquivo e divulgação do conhecimento acumulado, desviando-o também para a periferia, o centro da cidade continuará a atrair as actividades que se basearem em contactos (directos) ainda necessários.

Os ocupantes mais característicos das zonas centrais das metrópoles americans são os edifícios de escritórios gigantes que concentram as empresas, a finança, a administração publica e as profissões liberais.

Se considerarmos a administração económica das cidades e a sua estrutura física, o movimento de suburbanismo foi desastroso. A separação da residência e trabalho entre subúrbio e cidade com autoridades administrativas autónomas, fez desviar grande volume de impostos para os subúrbios de população mais abastada. As urbes onde a maioria trabalha sem residir tem despesas elevadas com problemas de ordem social, conservação de edificações decadentes, transportes colectivos deficitários, etc., mas são os subúrbios que obtêm os impostos dos residentes de escalão económico mais elevado.

A deterioração urbana atingiu tal grau que obrigou á intervenção do Governo num sector reservado, nos E. U., á iniciativa privada, com leis que iniciaram uma Renovação Urbana que se tornara urgente. Apesar do vulto das realizações, surgiram críticas afirmando que a renovação servira, sobretudo, para desalojar as classes desfavorecidas do centro das cidades em proveito de escritórios ou habitações para classes abastadas, que as cidades pretendem atrair para contrabalançar a fuga para os subúrbios.

Quanto á qualidade habitacional, a situação não melhorou, apesar dos programas para realojamento dos desalojados pela renovação urbana; o processo contínuo da decadência e a impossibilidade de instalar a totalidade dos desalojados, conduziu á saturação de outras áreas, demonstrando, mais uma vez, que as condições habitacionais não melhoram substituindo as habitações superlotadas existentes por outras para classes mais abastadas.

O critério mais certo seria reparar as habitações deterioradas para as famílias aí residentes e construir novos blocos no exterior das cidades para ampliar o poder de oferta de habitações.

Embora razões de ordem social diversas das europeias ditassem a dispersão e deterioração da vida urbana nos E. U., há outros factores que também contribuiram, e que poderão, de uma forma ou outra, registar-se entre nós:

— Grande concentração de actividades e serviços urbanos nos centros em núcleos completamente equipados, reduzindo a multiplicidade de relações entre as várias partes da cidade, conduziu a uma exagerada separação entre o centro da cidade (trabalho) e o subúrbio (residência).

— Grande eficiência dos transportes, que cobrem, radialmente, as áreas metropolitanas, tornando extremamente eficaz o percurso de comboio, autocarro ou automóvel entre os subúrbios residenciais e os empregos nas zonas centrais.

Sem pretender considerar a concentração das actividades terciárias numa única zona ou um sistema de transportes centralizados como elementos perniciosos á evolução urbana, não podemos deixar de verificar que o foram nos E. U. devido á ausência de um planeamento equilibrado da metrópole americana. A evolução das cidades europeias deverá ter em conta esse factor e estudar as medidas adequadas para orientar o crescimento urbano sem destruir a sua força intrínseca em proveito da dispersão.

Mahjong

(Continuação da 5.ª página)

e tonificando as raparigas de chapéu *cloche* e de colar de pérolas até á cinta que chegavam a Nova Iorque para ser furiosamente modernas. Sacudir as cidades do convencionalismo era quase um dever cívico como votar é como pagar impostos: as várias Millies partiam todos os dias para a cruzada e todos os dias conquistavam vitórias, desde levar uma tradução da *Garçonne* debaixo do braço ou fumar no escritório do patrão. A revolução nas «maneiras e na moral» ia de costa a costa, cobrindo um continente, enquanto o *jazz* reinava na noite americana e cantores românticos entoavam as notas melodiosas de *Wonderful Girl*, Valentino seduzia, Hemingway e dos Passos emigravam para Paris e um certo Al Capone começava a ser conhecido em Chicago.

Fitzgerald que sobreviveu à fúria dos anos vinte mas nunca se recompôs escrevera os mais belos romances da era do *jazz* «A Noite é Terna» e «O Grande Gatsby». Lindebergh recebeu em Paris um acolhimento mais triunfal do que os tanques que combateram, em 1917-1918, contra as tropas alemãs instaladas em território francês. Al Johnson apareceu nos filmes sonoros em que ninguém acreditava — e os filmes sonoros fizeram uma fortuna. As próprias preocupações desse mundo nervoso aparentavam e patenteavam o inebriamento de uma adolescência ingénua: era o PERIGO AMARELO, o GRANDE MEDO DOS VERMELHOS, a EMANCIPAÇÃO DA MULHER, a QUESTÃO SEXUAL, CHARLIE CHAPLIN SERÁ PRÓ-AMERICANO? e A EXPOSIÇÃO DAS ARTES DECORATIVAS QUE JOHN D. ROCKEFELLER NÃO VISITOU.

Dentro desta perspectiva, é difícil a «Millies» não agradar, não cativar, se bem que, como musical, a obra de George Roy Hill esteja longe de possuir a força transbordante de «Serenata à Chuva», de «A Roda da Fortuna», a coreografia estilizada de «Um Dia em Nova Iorque», o bom gosto inultrapassável de «Les Girls», de George Cukor. Mas uma estupenda caricatura dos exageros folhetinescos duma mentalidade que via mistério e drama a cada esquina é hàbilmente personificada na enigmática dona da pensão para moças solteiras, na «Aleluia» que a dactilografa sonhadora ouve quando vê, pela primeira vez, o chefe do escritório resplandecente como um modelo masculino num anuncio a cores do *Esquire*.

Os milionários exibem escandalosamente, anàrquicamente as suas fortunas mas persistem em permanecer incógnitos (James Fox tem, é claro, a sua citação de Harold Lloyd), a falsa-ingénua insiste em pagar as bandeiradas dos táxis com cheques sobre o banco duma cidade que não vem no mapa, os mordomos comportam-se como personagens dos romances de Blasco Ibañez e Carol Channing (a quem se deve o melhor momento do filme, a irresistível canção *Jazz Baby*) beija o barão von-não-sei-quantos, ri-se nas suas prodigiosas acrobacias aéreas e exclama: «E pensar que combatemos contra si na última guerra. Que engano!»

Certamente que esta brincadeira não rompe todas as nuvens. Será difícil pensar que «Millie» tenha coexistido com a tragédia de Saco e Vanzetti, com Leon Trotsky na Russia, com a derrocada do socialismo na Alemanha e com os camisas-negras marchando sobre Roma. Mas quem cortará, quem desenhará uma fronteira nítida entre a frivolidade e a agonia e a frivolidade, ou aparente frivolidade que é uma consequência da própria agonia? Talvez que a melhor lição da trilogia *U. S. A.* de John dos Passos seja precisamente essa não existência, essa indeterminação duma fronteira entre uma maratona de dança e uma revolução no México.

Uma obra que permite o desenvolvimento destas breves considerações desafia a pobreza artística. Mas, sinceramente, julgávamos que se poderia ter ido mais além. Não basta a simpatia dos intérpretes, o dinamismo da música, o tom reivindicativamente moderno dalgumas canções a fotogenia dos automóveis e a explosão creativa de modas que fizeram furor.

Os anos 20 continuam a

Julie Andrews em Millie: Modernizando a imagem

aguardar o seu grande filme. De momento, olhemos com tolerância esta recapitulação impossível duma poesia de viver perdida para sempre. Será o cinema a única forma de nos compensar da inveja que sentimos pela época «em que se viviam todos os dias como se fossem os últimos» em que a tapioca tanto podia ser algo de tropical, como algo para os cozinhados, como uma dança que durasse uma noite, como uma moda que reinasse ferozmente durante uma semana.

JOSÉ VAZ PEREIRA

CHEGOU O OUTONO e para leitura a NOVIDADE LITERÁRIA apropriada

JORNADA SEM FIM

(2.º Vol. do Ciclo Moçambique)
— de —
DANIEL SEVERINO

(«inegável vocação de ficcionista») — «Diário de Notícias» de 1-3-957)

Autor de «O AMOR E UMA CABANA» — 1.º Vol. do Ciclo Moçambique — («Um longo, denso e amadurecido romance de costumes, este livro». «O livro, de aliciante leitura, é promissor preâmbulo dos volumes que, incluídos no mesmo ciclo, DANIEL SEVERINO se propõe publicar: «JORNADA SEM FIM» e «MIRAGEM TROPICAL») — «Diário Popular» — Secção Letras e Artes, de 17-5-962.

DANIEL SEVERINO é Autor, também, de «CONTOS DO NATAL»

(«O primeiro conto destes paradoxais Contos do Natal — Adeus, Amigo! — é das histórias mais patéticas que temos lido em língua portuguesa. E a sua originalidade, talvez inconsciente e por isso ainda mais apreciável, não a podemos relacionar com a novelística corrente. Por vezes, vem-nos ao espírito «O ESTRANGEIRO» de Camus») — Dr. JOÃO GASPAR SIMÕES.

EXPOSIÇÃO DAS EDIÇÕES «OCIDENTE»

Comemorando o 30.º Aniversário da fundação (1938-1968), realiza-se na Livraria Portugal — Rua do Carmo, 70 — Lisboa, uma Exposição de todas as obras publicadas por esta Editorial.

Estará patente ao público desde os dias 18 a 25 de Novembro de 1968.

Nela figurarão fundamentalmente as colecções completas da revista «Ocidente», «Revista de Portugal» e «Cancioneiro da Biblioteca Nacional» (antigo Colocci-Brancuti), além de cerca de 200 obras independentes e outras tantas separatas.

Experiência e verdade

por Jorge M. Serrão

A História conserva os seus equívocos. No neo-realismo português foi Alves Redol — e não, como se diz, essoutro grande romancista, Soeiro Pereira Gomes — um abriu o movimento que irá sacudir, verificar e projectar-se em tantas e tão individualizadas expressões da nossa literatura contemporânea.

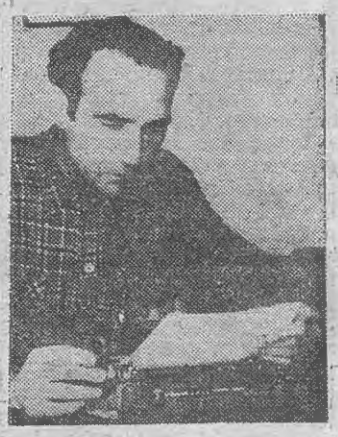
Avieiros é uma das obras mais significativas dessa corrente e um dos romances que maior agitação provocaram na república pós-presencista onde o «ego» mais ou menos coimbrão, mais ou menos saudosista procurava justificar o ceptro da arte pura. A ingenuidade dessa cruzada e a metafísica dos seus argumentos são hoje questão arrumada a todas as latitudes literárias e criaram um impasse que não se verificou, no neo-realismo, graças á vitalidade do ponto de partida e ás sucessivas revisões e apuramentos que o enriqueceram.

Avieiros surge como exemplo cimeiro disso mesmo. Aqui temos um livro (ed. Publicações Europa-América; *Obras de Alves Redol* refundido em profundidade que não se alterou na temática nem na efabulação para poder resistir ao tempo e se nos revelar límpido e pujante de vida como há 28 anos atrás quando apareceu pela primeira vez a público. «Nesta variação de um tema de 1940 estabeleci um compromisso» — diz Alves Redol, a propósito da nova versão deste romance. «Mantenho o tom da 1.ª edição, mas sirvo-o com outra ferramenta afeiçoada à gesta popular.»

Outra ferramenta... outra experiência de ofício. Mas, no fundo uma obra que se mantêm idêntica a si mesma no clima e nas personagens — e é essa a demonstração mais veemente do seu valor como testemunho literário. Cinco reedições, 18 mil exemplares, gerações sucessivas que o leram — eis um *curriculum* de orgulho para qualquer romance.

Longe de ser um ficcionista que *apenas* vive da experiência, mas um escritor de larga informação estética. Alves Redol expõe num saboroso prefácio e muito à sua maneira (isto é, repudiando ostensivamente a facilidade dos ornatos eruditos), a génese-crítica desta versão do livro:

«*Avieiros* é um romance lírico, de um lirismo doloroso e concreto. Documento e sonho vasados na matriz irregular de uma consciência, há nele um gosto fundo, autêntico e viril de



semear, na companhia do povo, um país de verdadeiros homens. Mas um lirismo rigoroso, digamos sem romantismos fáceis, um pouco como os versos líricos que também moram nas tábuas de logaritmos ou nos foguetões interplanetários.

«Se confessar que este romance me aterrorizou, depois de me deslumbrar, digo a verdade inteira.»

E a verdade é obra que se refaz, se medita e se afeiçoa — desde que tenha como *Avieiros*, a inteireza de uma verdade inicial.

Eduardo Prado Coelho:

O corpo e a letra

NO final da época passada surgiu nas livrarias uma obra de um psicanalista francês, Serge Leclaire, que se intitulava muito simplesmente *Psychanalyser*, e tinha como subtítulo *Essai sur l'ordre de l'inconscient et la pratique de la lettre*. Tratava-se de um livro excepcional, não apenas pela sistematicidade dos conceitos, como pela qualidade das análises descritas e pela elegância admirável da exposição. Livro poético pelo movimento da escrita e ainda pela arquitectura serena das suas razões: como poética pode ser uma demonstração matemática, uma página sobre linguística de Jakobson ou um livro de sociologia como *Pouvoir politique et classes sociales*, de Nicos Poulantzas. Muitas vezes a autêntica poesia encontra-se nestes lugares discretos e retraídos, e não oferecida nos muitos livros de versos que quase diàriamente chegam até nós.

Seria impossível resumir satisfatòriamente a teorização de Serge Leclaire. Anotemos apenas que ele procura relacionar *a letra e o corpo*, para definir o inconsciente como *ordem da letra* e para considerar a psicanálise como *prática da letra*. Será dever do psicanalista descobrir no «doente» a singularidade do seu desejo, e essa singularidade existe inscrita numa fórmula, numa cifra, numa marca que permanece formalmente para além de todos os momentos em que o desejo se transforma em experiência concretamente vivida. Para Leclaire, «a letra é o estigma do prazer, essa inscrição, esse traço que se caracteriza precisamente pelo facto de poder ser desligado, como um objecto, do corpo sobre o qual está marcada.» E daí chega a esta definição: a letra é «a materialidade do traço na sua abstracção, limite, marca, fio de lâmina e traço de união. Mas o essencial, o carácter único deste traço consiste em poder ser repetido, idêntico a si mesmo, índice do idêntico e do não idêntico onde se abre a possibilidade do jogo do desejo.»

E esclarece Leclaire: quando fala em letra não se refere apenas às letras do alfabeto, mas cria um conceito novo que designa «toda a materialidade abstraída do corpo erógeno como elemento formal, assinalável na sua singularidade; ela é, como tal, susceptível de ser reproduzida, reevocada, repetida de qualquer maneira, para escandir e articular o canto do desejo.»

ASSIM nos ensina Leclaire que o essencial da personalidade de um sujeito se encontra nestas fórmulas esquivas, secretas e inconscientes que modelam a sua organização fantasmática. O livro único onde a letra se inscreve é o corpo. Psicanalisar é portanto *tomar o corpo à letra*.

Tudo isto nos poderá ajudar a ler de forma diferente alguma da poesia erótica do nosso tempo: não recorrendo ao erotismo visível das cenas ou imagens convocadas, mas analisando de que modo o valor erótico se insere *na mobilização do incosciente realizada pela escrita*, na restituição da linguagem à sua dimensão profunda, utilizando a magia dos nomes, a fascinação das fórmulas repetidas, o prazer articulatório de fazer soar os sons. Linguagem tão densa, tão trabalhada, que se aproxime lentamente das fórmulas segredadas que acendem as fogueiras no desértico encontro dos corpos — no seu entendimento e desentendimento, na sua solidão imensa ou na luz vacilante da sua tão frágil harmonia.

PUBLICOU há tempos Natália Correia um livro relativamente breve a que deu o título de *Mátria*. (*). A ele se referiu já David Mourão-Ferreira nas páginas deste jornal, situando-o no projecto global da obra da autora, e apontando, com inegável pertinência, os pontos essenciais em que esta poesia tem um papel inovador na nossa literatura.

De que nos fala *Mátria*? Acima de tudo, «da violenta cumplicidade dos amantes/que as asas faz bater do coração da deusa». Poesia de amor, de amor multifacetado, disperso por uma geografia anárquica, poesia da violência e da transgressão, toda ela percorrida, na sua linha rítmica, na sua polpa verbal, na sua sonoridade mais oculta, pelo arco intenso do desejo.

O leitor poderá dizer-me (e deverei tomá-lo em conta, pois que é com ele que dialogo» que há pouca «poesia» nestes versos de Natália Correia. Porque Natália Correia não hesita em escrever versos que nada têm que ver com uma tradição (sobretudo feminina) da poesia, que é a de uma certa visão sensível e comovida dos aspectos mais subtis das coisas que nos rodeiam. Natália Correia escolhe o caminho oposto, violenta as normas tradicionais da sensibilidade, impõe a palavra interdita para a dizer entre as palavras impostas, desarticula o corpo do verso para o ajustar ao mais mesquinho, ao mais sórdido, ao mais rude. Mas a poesia permanece sempre em tudo o que a nega com uma violência autêntica. E no caso de Natália Correia, é do conflito entre uma poesia e uma moral, entre uma norma e um comportamento, é desse conflito constante que nasce a sua poesia impossível, e tanto mais verdadeira quanto insistentemente nos fala dessa questão maior que é a impossibilidade da moral. Isto é, a impossibilidade *hoje* da moral, porque ela é apenas contradição. O que é desde já uma questão moral — a única questão moral a formular.

DIGAMOS, num esquematismo evidente, que a poesia de Natália Correia opera uma redução brutal de todas as pessoas e todas as coisas à sua materialidade primitiva. E essa redução exprime-se bem em certas metáforas animais, em certo vocabulário biológico de que é muito fácil encontrar exemplos:

«o sorriso *carnívoro* da cidade»
«na lage *as patas* de Março»
«mundo imundo como o mundo
homem bilião de formigas
suando o vidro de cidades
por obuses interrompidas»
«eu *crina e cascos* do teu salto equestre»
«aravam tua terra *mamíferos* afagos»

Mas esta redução sistemática tem um objectivo e um limite. Não se trata de uma redução do superior ao inferior, mas de reencontrar num plano supostamente inferior as forças superiores que o mobilizam e dignificam. Que no primeiro verso logo Natália Correia escreva: «o bode se encorpora no gesto», e ficamos já a saber que o projecto consiste em integrar num só movimento, numa só progressão toda a energia (ou ainda: toda a fúria) que percorre e alimenta o mundo onde vivemos. Não é portanto uma desumanização do homem que se pretende, mas uma inserção do homem em forças que ele deverá reconhecer como humanas, forças que se engolfam no inconsciente, forças que se engendram da relação inicial entre o homem e o mundo.

DONDE: a poesia de Natália Correia procura articular o que no homem é mais humano, isto é, o desejo, e o que nele é menos humano, isto é, a energia biológica onde esse desejo se enraiza. Articulando estas duas verdades extremas, esta poesia constrói-se com base em metáforas que se caracterizam por uma tensão quase insuportável entre o termo significante e o termo significado. Porque o efeito metafórico não pode resultar apenas da maior ou menor distância que existe entre os termos que a metófora une.

Será esse o erro de certo surrealismo, que assim se dilui em palavreado inútil. Mas a distância entre os campos semânticos articulados pela metáfora poderá ter um efeito estético se possuir um sentido, se nos aparecer como *transgressão* premeditada que vem conjugar determinadas zonas da realidade que, por um longo efeito de recalcamento, nos habituámos a considerar inconciliáveis. E essa transgressão, tanto mais válida quanto maior for a sua violência, mergulha-nos no inconsciente, integra-nos nele. Por isso o discurso poético de Natália Correia nos parece insensato: ele é a proliferação metafórica de um inconsciente que, por um processo de transgressão que é o acto inaugural da poesia, nos aparece na sua plenitude significativa.

Resta dizer que, no próprio plano fonológico, esta poesia se nos impõe pela sua riqueza. Utilizando sintagmas curtos (de um ou dois versos), mas internamente muito elaborados, Natália Correia escreve alguns versos admiráveis, que, através de jogos de aliterações e rimas interiores, nos transmitem essa energia inicial de que toda a poesia nos fala — e que, neste livro, vai tão junto aos limites, tão perto da raiz onde as coisas irrompem, que as palavras nos explodem na boca, nessa fronteira hesitante que é a pele e o rosto, a letra e o corpo: «vai ser o tempo de florirem as letras/no livro das mulheres perfeitamente nuas».

(*) *Natália Correia*, Mátria, *Lisboa, 1968.*